

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA, SOCIEDADE E HISTÓRIA DA
LITERATURA**

PATRÍCIA LIMA DE LIMA

**SIMÕES LOPES NETO JORNALISTA
UMA LEITURA DA COLUNA INQUÉRITOS EM CONTRASTE, DE 1913**

Porto Alegre

2016

PATRÍCIA LIMA DE LIMA

**SIMÕES LOPES NETO JORNALISTA
UMA LEITURA DA COLUNA INQUÉRITOS EM CONTRASTE, DE 1913**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Letras da UFRGS como
parte dos requisitos para obtenção do título de
mestre em Literatura Brasileira

Orientador: Prof. PhD. Luís Augusto Fischer

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Lima, Patrícia Lima de
Simões Lopes Neto Jornalista - Uma leitura
da coluna Inquéritos em Contraste, de 1913 /
Patrícia Lima de Lima. -- 2016.
141 f.

Orientador: Luís Augusto Fischer.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Simões Lopes Neto. 2. Inquéritos em Contraste.
3 . Crônica. 4. Reportagem. I. Fischer, Luís Augusto,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, agora e sempre, à minha família, gente do bem e que me quer bem. Ao meu pai, Gilberto, com quem li e leio Simões Lopes Neto, e à minha mãe, Carmen, a quem dedico este trabalho, por ser ainda quem foi e por estar sempre comigo. À minha irmã, Simone, que é parte indissolúvel de mim. Aos meus segundos pais, Cleni e Luiz, pelo apoio. E ao meu companheiro Jefferson, o pala que me esquenta no frio, a parceria que torna a vida uma aventura de dar gosto.

Agradeço ao professor Luís Augusto Fischer, que tão generosamente me acolheu e me confiou o enorme desafio que foi trazer à luz os Inquéritos em Contraste. A gente devia essa para o Capitão, né? Que experiência incrível foi ter sido orientada por esse sujeito simples e sem afetação, que ao mesmo tempo é um intelectual robusto, de quem a gente se orgulha e com quem a gente aprende sempre, nas aulas ou durante o café.

Agradeço carinhosamente aos professores do programa de Pós-Graduação da UFRGS, com quem tanto aprendi e com quem desejo aprender mais. Em especial, um quebra-costela ao professor Guto Leite, pela leitura daquele primeiro ensaio, e por todo o resto. E, por falar na UFRGS, agradeço aos queridos colegas de jornada, em especial Heloísa, Sérgio e Kátia, que tornaram essa história de Mestrado ainda mais divertida.

À amiga Zeneida Mello, que eu conheci no colégio e hoje é essa bibliotecária impossível, pela revisão. E por tudo o mais, toda a vida.

Agradeço a quem muito me ajudou na tarefa de decifrar o mundo que Simões reportou nos Inquéritos, em especial: às professoras Lorena Gill e Beatriz Loner, pelas calorosas entrevistas; ao livreiro e pesquisador Adão Monquelat, por dicas, recortes de jornal e pelo mate; ao amigo simoniano Fausto Domingues, pelo conhecimento compartilhado; ao professor Francisco Alves, pela aula sobre imprensa; ao presidente do Instituto João Simões Lopes Neto, Antônio Carlos Mazza Leite, pela disponibilidade; à designer Melina Gallo, pelo rico mapa; e aos amigos e familiares a quem importunei com perguntas sobre uma velha gíria ou um costume do tempo dos avós.

Finalmente, agradeço às minhas queridas amigas Mariana Kalil e Marianne Scholze, de quem recebi apoio, cobertura e compreensão em todas as muitas vezes que me ausentei do trabalho para estudar.

RESUMO

Este trabalho busca recuperar a série de crônicas/reportagens *Inquéritos em Contraste*, publicada pelo escritor João Simões Lopes Neto em 1913, no jornal *A Opinião Pública*, de Pelotas, do qual foi redator neste período. Para isso, foram consultados e fotografados os originais das obras, no acervo da Biblioteca Pelotense, que serviram de base para a consulta constante que requereu esta pesquisa. Para que o leitor moderno pudesse compreender as crônicas em seu contexto, foi feita uma rápida reconstituição das circunstâncias econômicas, sociais e urbanas de Pelotas no início do século 20, já que está na cidade a fonte para os temas abordados na série. Também para possibilitar a compreensão e a leitura, foram feitas anotações nos textos, com a decifração de termos e gírias de época e a inclusão de notas informativas sobre pormenores históricos indispensáveis para uma leitura profunda e coerente. Depois de apresentar ao leitor contemporâneo esta faceta de Simões Lopes Neto, o trabalho ensaia uma comparação dos *Inquéritos em Contraste* com alguns pontos da vasta obra jornalística de João do Rio.

Palavras-chave: Simões Lopes Neto, crônica, reportagem, *Inquéritos em Contraste*, Pelotas

ABSTRACT

This reaserch aims to introduce the set of chronicles/reports called *Inquéritos em Contraste*, wrote by João Simões Lopes Neto in 1913, at *A Opinião Pública*, a newspaper from Pelotas. For this purpose, the original edition kept at the Public Library of Pelotas' collection was consulted and photographed, a material which was used for the entire research. Intending for the modern reader to understand the chronicles within its context, it became necessary to reconstitute the city's economical, social and urban circumstances back in the early 20th century. In order to enable reading and comprehension, notes were taken throughout the work, detailing the meaning of ancient terms and slangs. Informative notes about historical aspects were also included and are crucial for a deeper reading. Further on the research presents a comparison between *Inquéritos em Contraste* and selected chronicles from the large literary and journalistic work of João do Rio.

Keywords: Simões Lopes Neto, chronicle, report, *Inquéritos em Contraste*, Pelotas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O HOMEM E SUA CIDADE.....	12
2.1 NASCIMENTO E INFÂNCIA FELIZ.....	13
2.2 NA CORTE CARIOCA DE DE VOLTA À CORTE PELOTENSE.....	17
2.3 ESCRITOR, JORNALISTA, INTELECTUAL.....	22
3 CRÔNICA – UM GÊNERO DAS CIDADES E DE SEUS JORNAIS.....	28
4 O JORNALISTA ENCONTRA O SEU TEMA E SUA VERVE NAS ENTRANHAS NA CIDADE.....	36
4.1 A REVISTA DO PRIMEIRO CENTENÁRIO.....	36
4.2 A MATURIDADE DO CRONISTA NO JORNAL.....	40
4.3 “VAI COMEÇAR AGORA UM INTERROGATÓRIO À CIDADE”.....	42
4.4 PARA LER OS INQUÉRITOS EM CONTRASTE.....	57
5 INQUÉRITOS EM CONTRASTE.....	61
6 OS JOÕES, SUAS CIDADES E SUAS NARRATIVAS.....	108
6.1 A LINGUAGEM.....	113
6.2 A TEMÁTICA.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS.....	132
ANEXOS.....	135

1. INTRODUÇÃO

Encaixar, ainda que de forma modesta, mais uma peça ao quebra-cabeças da obra de João Simões Lopes Neto para que, um dia, ela possa estar finalmente reunida por completo, é o objetivo e a motivação deste trabalho. Ficcionalista reconhecido pela solução formal que engendrou ao narrar a matéria rural em *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, o escritor ainda possui algumas facetas mal debatidas e, outras, desconhecidas.

Pouco se disse até hoje, por exemplo, sobre o seu teatro, que já está em parte reunido e reeditado. Menos ainda se comentou acerca do ofício no qual foi mais longo e persistente, o jornalismo. Publicando desde que retornou a Pelotas depois de período de estudos no Rio de Janeiro, na década de 1880, até as vésperas da morte, em 1916, João Simões foi jornalista produtivo e viu o jornal como a expressão do seu tempo, onde deixou registrada sua evolução como cronista, intelectual e escritor. Aos poucos, este outro lado da obra simoniana começa a aparecer, para ser observada em suas particularidades e, principalmente, em conjunto com as obras maiores, como parte de um esforço para entender quem foi o homem, o intelectual e o escritor que produziu, no ponto alto de sua carreira, os *Contos e Lendas*.

Este trabalho é parte do processo que, ao seu final, como prêmio pelo esforço de tantos pesquisadores e apaixonados, resultará na obra completa – completa mesmo – de João Simões Lopes Neto. Lançar, finalmente, um olhar de conjunto sobre tudo o que o autor pelotense produziu, ajudará leitores e acadêmicos a compreender, de forma mais ampla, o alcance do que ele criou ao dar voz narrativa àqueles tipos interioranos, em especial Blau Nunes, o narrador que, depois de existir pela mão de João Simões, parece até que sempre existiu. É praticamente certo que qualquer escrito, descoberto ou reeditado, não vai atingir a alta elaboração artística que ele obteve em suas obras maiores. E, na verdade, nem precisa. De um escritor maiúsculo como ele, toda a produção interessa, para que se compreenda com mais profundidade o seu pensamento e o movimento criativo e intelectual que o guiou.

Menos com a intenção de postular verdades acerca da produção de Simões Lopes Neto como jornalista e mais querendo ser instrumento de divulgação de obra pouquíssimo frequentada, este trabalho tem o objetivo central de trazer à tona a série de crônicas/reportagens *Inquéritos em Contraste*, publicada por ele em 1913, no jornal *A Opinião Pública*, de Pelotas. Pouco antes de começar a publicar estes textos, João Simões havia assumido a função de redator remunerado do jornal, ocupação que denota a delicada situação financeira em que se encontrava. Ao assumir a função de escrever sobre os assuntos do dia, trazidos pelos repórteres da rua, decidiu, ele também, ir às ruas em busca do que chamou de contrastes, que estariam

escondidos nos subterrâneos da cidade. Por subterrâneos entenda-se tudo o que estava fora do radar da elite letrada e leitora de jornais, que ainda detinha o dinheiro que circulava em Pelotas, como os becos e cortiços, a zona portuária, o meretrício, o comércio fervilhante do centro e as doenças, em especial a tuberculose. E assim ele fez, no inverno daquele ano, logo depois de publicar os *Contos Gauchescos* (1912) e às vésperas de ver impressa a primeira edição das *Lendas do Sul*, que sairia ainda em 1913.

Depois de editada pelo escritor, a série permaneceu adormecida nos velhos arquivos da Opinião Pública, que repousam na Biblioteca Pelotense. Na década de 1970, a professora Maria Luiza Carvalho Armando recuperou alguns destes textos, mencionando-os no trabalho final de seu doutorado, defendido na Universidade de Paris. No entanto, no contexto da pesquisa, eles tiveram função apenas ilustrativa da versatilidade simoniana, sem merecer comentário mais detalhado, já que o assunto central da tese era a obra ficcional. Em 1983, o historiador pelotense Ângelo Pires Moreira republicou, em sua coluna Páginas Simonianas, no jornal Diário da Manhã, a íntegra da série, entre os meses de julho e novembro. Já em 2003, o biógrafo Carlos Francisco Sica Diniz reproduziu trechos de algumas das crônicas para dar notícia de mais esta faceta de seu biografado. Para comentar a trajetória biográfica e intelectual do escritor, Heloisa Netto, em dissertação defendida em 2015, também comentou os Inqueritos em Contraste, reproduzindo trechos de algumas crônicas.

Salvo engano ou descuido desta pesquisadora, estas foram as ocasiões em que a série de 17 crônicas/reportagens foi integral ou parcialmente republicada e comentada. Em mais de cem anos de existência, nada mais. Por isso, a preocupação primeira deste trabalho foi recuperar, a partir da coleção de originais do acervo da Biblioteca Pelotense, a íntegra dos textos, digitá-los com total fidelidade (respeitando mesmo os erros tipográficos e a ortografia antiga) e só depois editá-los, para tornar possível a sua recepção pelo leitor atual. Neste processo de edição, a principal alteração é a atualização da ortografia. A pontuação, preocupação recorrente de Simões Lopes Neto, foi preservada integralmente, para que se possa observar o esforço do cronista em obter, também a partir de recursos como as exclamações e reticências, o ritmo da fala popular urbana.

De posse dos textos, era preciso desvendar as circunstâncias em que foram escritos. Diferente de uma obra de ficção, como *Contos Gauchescos*, a crônica do cotidiano é praticamente ilegível se não for compreendida em seu contexto. Começou aí o verdadeiro desafio deste trabalho, que não foi plenamente atingido. Para oferecer ao leitor os meios para compreender em profundidade a empreitada de João Simões, a pesquisa buscou informações históricas e circunstanciais que pudessem clarear o momento em que o jornalista escreveu. Para

isso, além das leituras de historiadores e dos jornais da época, foram feitas entrevistas com gente capaz de contar que cidade era aquela Pelotas sobre a qual João do Sul (pseudônimo com o qual Simões Lopes Neto assina a série) discorreu. Foram decisivas para a reconstrução da época as professoras e historiadoras Beatriz Loner e Lorena Gill, que além de terem produzido bibliografia contundente sobre o submundo de Pelotas no final do século 19 e início do 20, ainda tiveram a gentileza de receber esta estudante para longas, agradáveis e produtivas entrevistas. O pesquisador e livreiro pelotense Adão Monquelat também foi de gentileza e disponibilidade ímpares ao fornecer as informações valiosas que recolhe em suas idas diárias à Biblioteca, além de compartilhar documentos e páginas de jornais. Sua intimidade com os idos tempos de Pelotas também o tornou fonte preciosa para a decifração de termos e gírias. Além destas fontes houve outras, como o bibliófilo e entusiasta da obra simoniana, Fausto Domingues, o professor e historiador Francisco Alves, especialista na evolução da imprensa rio-grandense e o presidente do Instituto João Simões Lopes Neto, Antônio Carlos Mazza Leite, todos dispostos a compartilhar informações que pudessem elucidar mais uma gíria antiga ou mais uma particularidade do cotidiano de Pelotas naqueles tempos. E houve mais: contrariando os rigores acadêmicos, amigos e familiares mais velhos também foram fontes por já ter ouvido falar nesta ou naquela expressão ou terem, eles próprios, vivido experiências semelhantes às descritas nos Inquéritos. Até mesmo a memória de um avô serenatista ajudou a compor um quadro mais ou menos esclarecedor, para que se pudesse compreender o universo no qual Simões Lopes Neto inspirou-se para escrever os Inquéritos em Contraste. A consequência deste esforço está nas notas de rodapé que acompanham cada uma das crônicas, no Capítulo 4 deste trabalho. Conforme dito antes, apesar da busca, nem tudo foi esclarecido. Será necessário ainda mais entrevistas, mais fontes, mais busca – o que pode ser empreendido na continuação deste estudo, em momento posterior. Importante ressaltar também que o dicionário Houaiss foi fiel companheiro na busca por palavras já em desuso ou que pudessem ser desconhecidas do leitor de hoje.

Nesta dissertação, tudo o que está ao redor dos Inquéritos em Contraste pretende servir como apoio para a compreensão do conteúdo produzido por Simões Lopes Neto em seu mais brilhante momento como jornalista. O capítulo inicial, uma nota biográfica, tenta cotejar rapidamente sua trajetória pessoal com a evolução e o momento econômico e social de Pelotas, já que o escritor, apesar de ter notabilizado-se pela literatura de tema rural, era homem urbaníssimo, cuja vida estava intimamente ligada à sua querida Pelotas. Logo em seguida, o capítulo 2 percorre, de forma ligeira e sem pretensão de aprofundamento, a trajetória da crônica no Brasil no século 19. Ênfase, aí, para dois contemporâneos de João Simões, os escritores

Olavo Bilac e Coelho Neto, que igualmente exercitaram-se na crônica do cotidiano, porém de modo bastante diverso, como se vai ver. No capítulo 3 estão os comentários acerca da cidade que inspirou o escritor a produzir os seus Inquéritos. Desde a surpreendente ocorrência de cortiços no centro da cidade, tal qual no Rio de Janeiro, até a tuberculose, que assombrava os mais pobres e desvalidos com o pesadelo de um mal que, pior do que matar, estigmatizava e segregava.

Dito isso, já se pode ler o que realmente interessa, a íntegra dos Inquéritos em Contraste. O que não ficou abordado nos comentários introdutórios, irá nas notas de rodapé. E o que não está nas notas, fica sendo perseguido mesmo ao fim deste trabalho, para futura atualização.

Ao fim da leitura que promete ser, além de instigante e ilustrativa, também bastante agradável, já que trata-se de textos de Simões Lopes Neto, o trabalho encerra-se com uma breve comparação do autor pelotense com um dos gênios da crônica e da reportagem brasileira, João do Rio. Uma aproximação que começa pelos codinomes que ambos adotaram para assinar suas crônicas – João do Sul e João do Rio – revela-se possível e frutífera. É necessário ter em conta que João do Rio tem obra extensa no jornalismo, pois profissionalizou-se nisso. Publicou livros de coletâneas de textos de jornal e ganhou dinheiro com eles. Já no Sul, o João limitou-se a uma série de 17 crônicas. Diferença gigante. Quando o assunto é a linguagem ou a temática escolhida pelos jornalistas, porém, as diferenças tornam-se afinidades, que permitem aproximações. O capítulo 5 deste trabalho é um ensaio de algumas comparações possíveis entre os dois escritores.

Não bastasse tantos motivos para debruçar-se sobre os Inquéritos em Contraste, há ainda mais um, de ordem pessoal. Jornalista por formação e profissão, esta estudante sempre esteve às voltas com os possíveis pontos de interseção entre o jornalismo e a literatura. No entanto, Simões Lopes Neto, uma velha paixão alimentada ainda na adolescência, pelas leituras com o pai, ainda não entrava nesta conta. Sua obra era apenas deleite e emoção. Até que uma conversa com o professor Luís Augusto Fischer revelou não apenas a existência dos Inquéritos, mas uma outra face do mesmo sujeito que tanto tocava os Lima nas tardes frias dos domingos em Rio Grande. O mesmo escritor que trouxe ao mundo os *Contos Gauchescos*, também foi cronista. E foi repórter, que percorreu as ruas, conversou com as gentes, viveu experiências, tudo para revelar ao seu leitor mais um contraste. Esta era (ainda é) a minha profissão, a minha busca diária no ofício de repórter. Estudá-lo como o jornalista que foi parecia, agora, o caminho mais seguro para, finalmente, compreender em conjunto o jornalismo e a literatura.

2. O HOMEM E SUA CIDADE

Talvez mais do que em outros escritores, a relação entre vida e obra tem relevância especial em João Simões Lopes Neto. Observar sua biografia é passo importante para compreender sua obra. Afinal, em algum momento da infância vivida no ambiente campestre, na charqueada do avô, e da convivência com o pai, parece estar o embrião da literatura de tema gauchesco que produziu. Mas, apesar de conhecido por suas maiores criações, *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul*, João Simões não produziu somente ficção sobre matéria rural. Foi escritor urbano produtivo, que se exercitou durante grande parte da vida nos jornais.

Na imprensa pelotense o escritor começou e terminou a vida profissional e pública. Ali, nas páginas de vários periódicos, praticou versos, prosa e crônica para comentar os diversos aspectos da engrenagem social, política e econômica da cidade. Primeiro pelas contribuições voluntárias e depois pelo trabalho remunerado, já no fim da vida, João Simões consolidou, ainda que meio involuntariamente, uma carreira na profissão que exerceu por mais tempo e com maior produtividade: o jornalismo. Não se notabilizou por isso e tampouco o ofício conseguiu livrá-lo da penúria – ao contrário, ter assumido como redator remunerado de um jornal, poucos anos antes de sua morte, denota a situação de pobreza em que se encontrava. Mas o fato é que o escritor foi jornalista – voluntário ou profissional – durante grande parte da existência, aventurando-se em diversos temas e estilos nas páginas dos jornais. A imensa maioria destes textos é absolutamente distinta da ficção de tema rural com a qual Simões alcançou elaboração literária elevada.

Hoje, na tentativa de recolher, aos poucos, sua obra completa e conhecer-lhe todas as facetas, pesquisadores voltam-se para o que ainda está oculto e fora da conta quando se analisa a trajetória do escritor pelotense. É o caso desta série de crônicas, produzidas e publicadas em 1913 no jornal *A Opinião Pública*, no qual empregara-se há pouco como redator remunerado. Nelas, o elemento campesino está ausente. Em seu lugar estão os cheiros, as cores, os dramas e os personagens da cidade, do ambiente urbano no qual o escritor estava inserido não só como jornalista, mas como morador, ativista, empreendedor e intelectual.

Como um personagem de Pelotas que foi, Simões Lopes Neto preocupou-se com sua cidade natal e esteve sempre irremediavelmente ligado a ela. Pode ser visto até como uma espécie de metáfora da própria cidade, rica e pujante no momento do seu nascimento, empobrecida e decadente nos anos finais da vida do escritor. O fato é que, antes de olhar para os textos, convém examinar rapidamente a biografia que, de algum modo, resultou neles.

2.1. NASCIMENTO E INFÂNCIA FELIZ

Depois de vários dias de uma chuvarada que alagou os campos e os arredores da cidade gaúcha de Pelotas, nasceu João Simões Lopes Neto no final da manhã do dia nove de março de 1865. Finalmente, fazia sol. Ele veio ao mundo com o auxílio das mucamas da Estância da Graça, já que o médico da família não chegou a tempo de assistir o parto devido ao estado das estradas. Estes relatos foram recuperados pela sobrinha-neta do escritor, Ivete Barcellos Massot, que em 1974 escreveu, de memória, o livro *Simões Lopes Neto na Intimidade*. Na obra, ela também conta que o nascimento do pequeno João foi motivo de grande alegria na Graça, já que, antes dele, havia nascido um outro menino, também João, morto em seguida devido à prematuridade¹.

A alegria provocada por este nascimento tinha fundamento. João foi o primeiro neto varão de João Simões Lopes Filho, o poderoso Visconde da Graça, um dos homens mais ricos e influentes de toda a província. A Estância da Graça era uma das maiores e mais produtivas charqueadas do Rio Grande do Sul. Para se ter ideia da sua importância e da solidez de sua fortuna, o Visconde chegou a emprestar a soma de 100 contos de réis ao governo da província, para amainar uma profunda crise, em 1876, mesmo ano em que teria empregado 300 contos na Companhia Hidráulica Pelotense e outros 750 contos na Companhia Inglesa, que cuidava da iluminação pública da cidade. Estas informações foram levantadas por Fernando Osório e publicadas no livro *A Cidade de Pelotas*, de 1922, recuperado pelo biógrafo do escritor, Carlos Francisco Sica Diniz². Poucas pessoas no país dispunham, à época, de tão vultuosa fortuna.

O poder do Visconde é um decalque da prosperidade que Pelotas atingiu na época do nascimento daquele neto varão. Na segunda metade do século 19, o dinheiro do charque havia gerado um ambiente único, em que a aristocracia rural mantinha, no Sul do Rio Grande, um núcleo em que a cultura, a moda, a arquitetura e as ideais importadas da Europa floresciam tal como na corte. A corte brasileira, aliás, não estava no horizonte dos pelotenses endinheirados. Paris estava. Em entrevista à esta autora, a professora e historiadora Beatriz Loner revelou que, em uma de suas pesquisas no Clube Caixeiral, encontrou, na biblioteca, uma predominância de obras literárias escritas em francês. Eram, na sua maioria, romances que fizeram ou estavam fazendo sucesso na França naquele momento, despertando interesse e sendo lidos pelos

¹ MASSOT, Ivete Simões Lopes. *Simões Lopes Neto na Intimidade*. Porto Alegre: Bels/Instituto Estadual do Livro, 1974. p.48

² DINIZ, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto: uma biografia*. Porto Alegre: AGE Editora/UCPel, 2003. p.30

membros do clube. “E isso que o Caixeiral não era um clube das elites aristocráticas”, completou a professora, que dedica-se a estudar o modo de viver dos moradores da cidade no século 19, em especial os operários e os negros.

Em passagem por Pelotas em 1865, o Conde D’Eu relata o encantamento que sentiu ao ver a cidade com seus prédios opulentos e de elegantes fachadas, suas ruas largas e as carruagens que as percorriam. Comparou o comércio local com o de grandes cidades europeias e afirmou que deveria ser esta, e não Porto Alegre, a capital da província. Sica Diniz recupera dados levantados por Alfredo Varela e publicados em 1897 que afirmam que, de 1864 a 1866, cerca de 66 mil toneladas de charque saíram de Pelotas pelos portos da região. É dinheiro como se viu em poucos cantos do país neste período³. Para comentar a situação econômica de Pelotas na segunda metade do século 19, a professora Lorena Gill recuperou um texto publicado pelo próprio Simões Lopes Neto no dia 1º de janeiro de 1893, no *Diário Popular*, revelando que “além das charqueadas e muito em decorrência destas, havia moinhos e curtumes, fábricas de chapéus, de guano e cola, de sabões e sabonetes, de papel, vidro, fumo, vinhos, além de indústrias de móveis, carruagens e cerâmicas. A atividade comercial praticada, sobretudo, em áreas próximas à Praça da República, era a mais variada possível e contou com o trabalho de um número significativo de imigrantes”.⁴

Lorena afirma ainda:

A expansão econômica, originária do período áureo da produção saladeiril, trouxe consigo progressos importantes, que fizeram com que Pelotas adquirisse ares de modernização: aumento da área de iluminação pública a gás, novos meios de transporte (bonde com tração animal em 1873 e bonde elétrico em 1915), fornecimento de água à população urbana, através de uma caixa d’água que ainda hoje abastece todo o centro da cidade e de quatro chafarizes importados da Europa na década de 1870, inauguração da Biblioteca Pública Pelotense em 1875, proliferação de clubes e associações recreativas, culturais, étnicas, teatrais, bailantes, carnavalescas, literárias, religiosas e a existência de um número importante de jornais diários, além de muitos semanários.⁵

Uma última consideração que ilustra a situação econômica privilegiadíssima em que se encontrava a cidade naquele momento: é bastante conhecida, e verdadeira, a história das companhias internacionais de teatro e ópera que, depois de temporadas em Montevideu e Buenos Aires, aportavam em Pelotas. A imensa maioria delas não subia até Porto Alegre, pois o público interessado estava mesmo ali e, às vezes, na vizinha Rio Grande. Vem desse interesse

³ DINIZ, 2003, p.41

⁴ GILL, Lorena. *O Mal do Século: Tuberculose, Tuberculosos e Políticas de Saúde em Pelotas (RS)*. Pelotas: Educat, 2007, p.38.

⁵ GILL, 2007, p.40

da aristocracia rural pelas artes a fundação do primeiro teatro da província, o Sete de Abril, em 1831.

Não foi na tenra infância, porém, que o pequeno João Simões conheceu toda a pujança urbana de Pelotas. Foi na segurança, no conforto e na rica natureza da Graça que cresceu o guri que teve ali as felicidades de uma infância farta e inocente. Segundo Ivete Massot, vivia às voltas com livrinhos, figuras e coleções de insetos e ovos de passarinho, sempre interessado nas gauchadas dos adultos, que vez ou outra podia assistir. Da infância também vem seu contato com a escravidão, na figura de seu “irmão de leite”, Simeão, filho de escrava que nasceu livre e se manteve agregado na estância. Os escravos eram a força motriz da indústria saladeiril. Submetidos a trabalhos pesados na época da matança das reses e salga da carne, os negros tinham baixa expectativa de vida, mas ainda assim eram mercadoria preciosa em Pelotas e presença constante e massiva nas estâncias. Toda essa barbárie, no entanto, passava ao largo da convivência fraterna entre João e seu amigo, que brincavam juntos nos campos e na casa grande. Diz-se que os dois mantiveram contato até a morte do escritor, com Simeão vivendo como agregado em sua casa, em Pelotas, e trabalhando como seu motorista.

O pai do precioso varão, Catão Bonifácio, merece menção especial. Era tudo o que um gaúcho deveria ser, valente e habilidoso nas lidas da estância e destemido nas brigas. Dele se conta que, certa feita, invadiu o teatro Sete de Abril a cavalo, bradando na defesa de artistas locais que haviam sido vaiados por uns portugueses. Também se conta que, em um bolicho no Uruguai, cortou a facão a orelha de um castelhando que falava demais – gesto do qual se arrependeu depois, mandando ao pobre sujeito um dinheiro como forma de reparação pelo ato intempestivo. Depois de uma briga com o pai, deixou a Graça e empregou-se como um simples peão em uma estância distante, trabalhando lá anonimamente, até que proprietário descobriu de quem ele era filho.

Galante e gentil com as senhoras, boa pinta e admirado nas altas rodas sociais, nos salões onde a aristocracia pelotense se encontrava, Catão era um tipo meio híbrido, raro naquele momento, pois circulava com desenvoltura nos dois mundos, o ambiente rural e rústico do campo e as pompas da cidade. Era o braço direito do pai na administração da Estância da Graça e lá vivia com a esposa, Theresa de Freitas, e os quatro filhos: João e mais três meninas. Em 1884, o Visconde da Graça confiou a ele a administração de uma outra grande propriedade da família, a Fazenda São Sebastião, no município de Uruguaiana.

A relação com o pai deixou marcas indeléveis no espírito e na literatura de João Simões. No conto Juca Guerra, um dos personagens, Tandão Lopes, é inspirado em Catão, cujo apelido era justamente este, Tandão. Em pelo menos mais um momento a presença do pai

reverberou diretamente na ficção simoniana. Durante os mais ou menos dez anos em que viveu em Uruguaiana, Catão foi visitado pelo filho e, lá, segundo o primeiro e afetuoso biógrafo do escritor, Carlos Reverbel, contou a ele a versão crioula da lenda da Salamanca do Jarau durante um passeio dos dois ao Cerro de mesmo nome.

Levemente estrábico de nascença, o pequeno João Simões viveu seu primeiro trauma ainda na infância. Confiado pelo pai às mãos de um charlatão, sofreu uma cirurgia mal sucedida que apenas agravou o problema. Afora isto, o menino desfrutou de uma infância sem solavancos. Aos nove anos passou a frequentar uma escola regular da aristocracia no centro de Pelotas e, sempre que o calendário letivo permitia, retornava à Graça. A memória destes primeiros anos ficou de tal forma marcada como um período idílico que, muitos anos depois, em 1904, o escritor lançaria mão deste vasto sortimento de lembranças para empreender sua primeira experiência narrativa tendo como matéria prima o universo rural. O livro projetado para servir de leitura escolar recebeu o nome de *Terra Gaúcha* e foi escrito em duas partes: As férias, na estância e O estudo, no colégio, tudo narrado por Maio, um menino entre os seus oito e dez anos. A primeira parte se passa na Estância Tupanci, de propriedade de seu pai, e a segunda transcorre na escola, em Pelotas. O menino, orientado pelo pai, tomou nota do que viveu na estância e no colégio, para oferecer registro posterior do modo de vida daqueles dias. Inspirado no livro italiano *Cuore*, de Edmondo de Amicis, *Terra Gaúcha* trazia em si muitas das ideias que povoavam a mente do escritor naquele momento: o desejo de unificação nacional, o elogio da mestiçagem, a importância de adequar um estilo narrativo compatível com o ensino da leitura aos jovens estudantes.

Terra Gaúcha, infelizmente, foi mais um dos malogrados projetos em que o escritor se meteu e conheceu o prelo apenas recentemente, em 2013, em edição coordenada pelo professor Luís Augusto Fischer, que fez surgir, também, a primeira edição da *Artinha de Leitura*, cartilha de alfabetização idealizada pelo escritor em 1907 e que, da mesma forma, por rejeição do Conselho de Instrução Pública (algo semelhante a atual Secretaria de Educação), nunca havia sido publicada. Os dois livros integram o seu projeto educacional que, tivesse tido outro destino, quem sabe como teria evoluído o sistema de ensino no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Não tivesse servido para mais nada – como de fato, na época, não serviu – o exercício narrativo experimentado por Simões ao dar voz ao menino Maio foi o ensaio para a solução estética de alta elaboração que produziria em 1912 e 1913, com a publicação de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Para pôr de pé o universo dos *Contos e Lendas*, ele se serviu de narrativas orais e folclore recolhidos ao longo de anos e, também, de sua própria vivência de

campo, através da qual conheceu e experimentou pequenas fagulhas de um mundo que já estava perdido, mas que ainda poderia ser espiado por pequenas frestas do cotidiano de um lugar como a Estância da Graça.

Este caráter mágico da infância no campo teve data precisa para terminar. Em junho de 1876, acometida por grave doença pulmonar⁶ que já fazia seu corpo definhando há alguns meses, Theresa de Freitas Lopes morreu, ao lado dos filhos e do marido, na casa da família, no centro de Pelotas. Esta morte foi devastadora: os irmãos foram separados, para serem criados por tios e padrinhos. O pequeno Joca, com 11 anos, começou a ser preparado para viver no Rio de Janeiro com um tio, para terminar seus estudos na Capital do Império, conforme o costume das famílias mais abastadas de todos os cantos do país.

O ano que foi trágico para a família Simões Lopes foi também de grande euforia para a cidade de Pelotas. Poucos meses antes da morte de Theresa, concluiu-se os trabalhos de desobstrução da foz do São Gonçalo, o que permitiria a entrada e saída de navios de grande calado no porto, uma promessa de ainda mais crescimento e divisas trazidas pela indústria saladeiril. Este acontecimento é resgatado por Sica Diniz em sua obra, para contextualizar o que ocorria em Pelotas a esta altura⁷. O guri, ainda enxugando as lágrimas pela perda da amorosa mãe, se despede de casa no começo de 1877, deixando atrás de si um clima de euforia entre as gentes de sua classe, que esperavam ficar ainda mais ricas e influentes nos anos seguintes, transformando a cidade em uma metrópole ainda mais culta, aristocrática e moderna.

2.2. NA CORTE CARIOCA E DE VOLTA À CORTE PELOTENSE

Pouco, ou quase nada, se tem de certo sobre a estada do escritor em terras cariocas. Acreditou-se durante muito tempo que havia estudado no Colégio Abílio, mas para isto não há comprovação. Também dizia-se que teria estudado medicina, sem concluir o curso, o que igualmente não se pode comprovar. Retornou a Pelotas em 1884 sem ter concluído qualquer curso superior e por motivo ignorado. Diz-se que houve um conflito familiar, mas não há qualquer registro ou depoimento que possa dar confirmação a esta hipótese.

O fato é que ele residiu no Rio de Janeiro, a principal cidade brasileira e lá deixou de ser criança para tornar-se adolescente e depois homem. O professor Luís Augusto Fischer, na

⁶ Não se tem registro preciso sobre a doença, mas é bastante provável que Theresa tenha morrido de tuberculose, a enfermidade que mais matou em Pelotas a partir da segunda metade do século 19. O mal era mais comum na cidade, mas moradores do campo também eram acometidos pelo que foi chamado de Mal do Século. Mais informações sobre a tuberculose na cidade serão expostas no capítulo 3 deste trabalho.

⁷ DINIZ, 2003, p.51 e 52

nota biográfica que abre a mais recente edição anotada dos *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, comenta o ambiente cultural que acolheu o jovem na capital:

Para dar uma ideia do que isso significa, ele estava lá quando saíram as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o livro revolucionário de Machado de Assis, e quando Chiquinha Gonzaga aparecia como autora de polcas inesquecíveis que já eram música popular brasileira; quando a moda da narrativa realista e naturalista se apresentava, lado a lado com a moda parnasiana na poesia; quando a campanha abolicionista e a republicana ganharam fôlego vencedor; quando o primeiro telefone foi instalado no país.⁸

De Machado de Assis ele não viu somente as *Memórias Póstumas*. Em 1883, começou a ser publicada na *Gazeta de Notícias* a série de crônicas *Balas de Estalo*, que com humor e irreverência trataram as questões da hora no Rio de Janeiro, como a política, a urbanização e os costumes. Um dos cronistas colaboradores da série era Lélío, pseudônimo de Machado. As *Balas de Estalo* cariocas foram lidas por João Simões? Não há comprovação, já que sua biblioteca e seus guardados foram, na sua maioria, perdidos. Mas o indício de que houve este contato fica ainda mais forte quando se sabe que, em 1888, depois de viver como um legítimo herdeiro ocioso entre a Estância da Graça e o centro de Pelotas, João Simões estreou no jornal *A Pátria* a coluna *Balas de Estalo*. Machado escreveu suas *Balas* em prosa e Simões o fez em versos, na forma de triolés. Mas ambos se utilizaram do humor para comentar aspectos variados da vida cotidiana nas cidades em que viviam. Pouco antes das *Balas de Estalo*, o escritor publicou pequenos poemas no mesmo periódico.

Apesar de nada se ter de concreto sobre esta vivência no Rio, sabe-se que o pelotense foi um apaixonado pela capital fluminense, tendo retornado à cidade algumas vezes ao longo da vida, para passear e fazer contatos. Um sujeito enraizado, que não empreendeu longas viagens a Europa, como faziam seus contemporâneos, embarcou muitas vezes nos vapores para rever o seu Rio de Janeiro.

O retorno do filho pródigo ao seu município natal deu-se em momento de auge na economia e na prosperidade de sua família. Desde sua chegada, vivia como o herdeiro que era, circulando pelas rodas sociais, tomando contato com as ideias vigentes na época, como os ideais republicanos e o abolicionismo, causas ambas para as quais não dedicou militância fervorosa, mas das quais sempre foi simpático e apoiador. A estreia de suas colaborações na imprensa pelotense não foi o ingresso de João Simões nas atividades profissionais, já que redigia os textos voluntariamente, como era comum entre os jovens inteligentes, bem informados e aristocráticos

⁸ FISCHER, in LOPES NETO, 2012, p.15

de seu tempo. Somente em 1890, quando contava 25 anos, abriu um escritório de despachante geral. Foi a primeira e, talvez, uma das mais longevas das muitas iniciativas empresariais que tentou, e nas quais fracassou.

O ano seguinte ao ingresso do jovem no mundo do trabalho também foi o começo de outra experiência, a vida matrimonial. Casou-se com Francisca Meirelles Leite, que desde moça tinha o apelido de Dona Velha, apesar de contar apenas 19 anos na data do casamento. Da união não resultaram filhos biológicos, somente uma filha adotiva, Firmina, de bom coração e pouco favorecida no intelecto, que acompanhou a mãe até o fim de seus dias, em 1965. Dona Velha sobreviveu muito tempo ao marido, mas isso não colaborou para que se preservasse e divulgasse a sua obra. Pelo contrário. Dispondo de escassos meios para sobreviver depois da prematura morte de Simões, anunciou a venda de seu espólio (jornais, livros, manuscritos e coleções variadas) nos jornais. Como não houve interessados e a situação de penúria se agravava a cada dia, tentou de todos os meios transformar em dinheiro o pouco deixado pelo esposo em forma de escritos. Empregou-se, um tempo depois da morte dele, no Conservatório de Música de Pelotas, onde trabalhou até a aposentadoria. Quem a conheceu, como o jornalista Carlos Reverbel, que teve com ela muitas vezes para escrever a primeira biografia do escritor, conta que era amargurada e desconfiada, sofrida e, ao mesmo tempo, agradecida aos benfeitores que a auxiliaram na viuvez. Casou-se com um herdeiro e membro da aristocracia. Enviuvou de um professor e jornalista pobre, que teria negligenciado uma vida mais confortável em favor do amor pela literatura.

Quando começou sua vida profissional, João Simões não dispunha de grande soma de dinheiro, como se acredita. Mas tinha crédito e prestígio. E assim, ao longo dos anos seguintes, se meteu em larga sorte de empreendimentos fracassados: foi sócio ou diretor de uma vidraria, uma destilaria, uma empresa de venda de café e chegou a investir dinheiro na exploração de supostas minas de prata no município de Taió, em Santa Catarina.

Um de seus negócios mais duradouros e bem sucedidos – e que revelou de forma inesperada o talento do escritor para a publicidade – foi uma fábrica de cigarros fundada em 1900. Havia outras empresas de fumo em Pelotas, todas estampando nomes de santos nos produtos. Para destacar sua marca, chamou seus cigarros de Marca Diabo. Desenhou na embalagem um cramulhão que corria e carregava nos braços um maço. Com o refugo da matéria-prima, desenvolveu uma fórmula à base de fumo para combater pragas do gado, especialmente o carrapato, que chamou de Tabacina. Empolgado com a notoriedade que ganhou, chegou a levar seus cigarros a exposições nacionais e internacionais, conquistando

alguns prêmios. Mas, mesmo assim, os cigarros Marca Diabo também escaparam das suas mãos, como as demais iniciativas.

No período em que as trapalhadas empresariais estavam apenas começando, no início da década de 1890, deu-se o primeiro dos trágicos eventos familiares deste período. Em 1893, mesmo ano da deflagração da Revolução Federalista nos campos do Rio Grande do Sul, o escritor perdia seu poderoso avô, o Visconde da Graça. Apenas três anos depois, em 1896, morria Catão Bonifácio. Como inventariante do pai – os originais do inventário de Catão, assinado por João Simões, encontram-se no Arquivo Público de Porto Alegre –, o escritor foi o responsável pela partilha dos bens acumulados por ele e também as quantias deixadas na ocasião da morte do visconde. Engana-se, porém, quem pensa que o escritor e suas irmãs receberam grande quantia de dinheiro. Cada um teve direito à soma suficiente para garantir uma vida confortável, mas estava longe de ser uma fortuna.

Para compreender as implicações da riqueza da família na trajetória do escritor, outra informação é importante: além de Catão, o visconde teve outros 11 filhos no primeiro casamento, dos quais seis chegaram à idade adulta. Depois da morte da primeira esposa, o charqueador casou-se novamente, gerando dez filhos – destes, oito tornaram-se adultos. O velho visconde não foi apenas rico, mas também fértil, gerando 22 descendentes legítimos e, dizem, outros seis adulterinos. Sua herança, claro, dividiu-se entre os 15 filhos legítimos que restaram, por ocasião da sua morte, além da viúva. Por maior que fosse a fortuna, e era, havia muita gente na fila da partilha.

A João Simões tocou uma quantia estimada em 35 contos, além de duas casas e um terreno. Nem isso, porém, foi capaz de livrá-lo da penúria. Examinar os relatos dos biógrafos do escritor, sendo eles Carlos Reverbel e Carlos Francisco Sica Diniz, materializa-se a ideia de um sujeito inteligente mas disperso, criativo mas sem foco, que tinha grande dificuldade de dar cabo a projetos que começava e que tinha um temperamento desorganizado, que teria contribuído para o malogrado destino de seus negócios e bens. No entanto, é preciso lembrar que o escritor não estava sozinho no rol de empreendedores fracassados na Pelotas de seu tempo. Ao passar os olhos pela cidade, é possível perceber os ares da decadência no ar.

No início do século 20, quando João Simões já havia provado muitos de seus fracassos, Pelotas também estava vivendo uma mudança: a indústria saladeiril perdia forças a passos largos e circulava cada vez menos dinheiro no comércio e nas indústrias locais. Dados publicados pela administração municipal em 1911 e recuperados pela professora Lorena Gill informavam a existência de 16 fábricas de charque na cidade naquele ano. Três décadas antes, elas eram mais de 40, segundo a mesma fonte. A principal responsável pela derrocada da

atividade do charque foi a invenção dos navios frigoríficos, que aos poucos transformaram o modo como se comercializava carne bovina no mundo. Depois de muitos anos de aperfeiçoamento e avanços tecnológicos, o primeiro navio frigorífico zarpou da Argentina, carregado de carne fresca em direção à Europa em 1877. A partir daí, a indústria de carne salgada do Rio Grande do Sul estava com os dias contados – o que ocorreu em poucas décadas. Hoje, nada resta das opulentas charqueadas que fizeram a riqueza de Pelotas e transformaram-na na Princesa do Sul. Os prédios históricos que ainda estão preservados, como é o caso da Estância da Graça, servem aos poucos turistas que se interessam pelo tema e, em alguns casos, emprestam suas grandes e antigas instalações a outras atividades rurais.

A tecnologia que possibilitou conservar a carne por refrigeração para o transporte do produto fresco para longas distâncias, no entanto, não foi a única vilã no processo de decadência econômica de Pelotas. Segundo depoimento da professora e historiadora Beatriz Loner, muitos fatos são importantes para a compreensão do fenômeno. Um deles era o precário sistema de transporte que ligava o município a outros mercados. Com taxas altíssimas, o Porto de Pelotas nunca teve lá grande competitividade em relação a outros, como o de Rio Grande, único do Estado com ligação para o mar, e até mesmo o de São Lourenço, com saída para a Lagoa dos Patos. No auge das exportações de charque, cada charqueador, ou pelo menos os principais deles, tinham seus portos particulares, nas margens dos arroios ou no próprio São Gonçalo, o que tornou ocioso e, com o tempo, obsoleto o porto da cidade.

Além disso, a cidade ficou prejudicada pelas ligações ferroviárias que pretendiam unir o país. As vias férreas construídas para ligar São Paulo ao Rio Grande do Sul só chegavam até Porto Alegre e, as que se destinavam ao interior, atendiam com mais eficiência o centro do Estado. Tudo isso encareceu, com o tempo, a logística das cidades mais ao Sul, como Pelotas e Rio Grande.

Os baixos impostos cobrados pelas mercadorias importadas e, principalmente, a presença massiva de contrabando, favorecido pela proximidade com o porto de Rio Grande, tornaram os produtos fabricados na cidade cada vez menos competitivos. As indústrias locais, que já não tinham o perfil de grande produtividade e contavam com pouco capital para giro e investimento, foram entrando em colapso. Por fim, Beatriz Loner cita ainda uma espécie de espírito aristocrático remanescente, herdado pelas novas gerações, que seria barreira para preparar os herdeiros e membros da elite para o trabalho na administração de negócios. Muitos eram inaptos para os desafios que o novo modelo econômico exigia, o que acelerou a falência de muitas indústrias nas primeiras décadas do século 20. Teria sido esse ranço aristocrático, agravado pelo pouquíssimo apreço pelos serviços rotineiros e burocráticos, que fez o escritor

desistir, em 1905, do cargo de notário do Segundo Tabelionato de Pelotas, obtido apenas dois anos antes por influência da família e que, sem dúvida, o teria livrado dos graves problemas financeiros?

Em seu estudo sobre a tuberculose, Lorena Gill avalia o processo de decadência que a cidade experimentou, de forma mais acentuada, no começo do século 20. Segundo ela, decisões políticas tomadas pela administração estadual também contribuíram para agravar a crise que assolou não apenas Pelotas, mas outras cidades da Metade Sul e da Campanha. Quando assumiu o governo do Estado, Júlio de Castilhos promoveu uma espécie de reorientação na economia, dando ênfase à policultura, direcionada ao mercado local, o que favoreceu a região serrana, a esta altura já intensamente colonizada pelas levas de imigrantes europeus.

O fato é que a pobreza se espalhou pela cidade neste período de forma veloz. A decadência pessoal e a incapacidade de fazer prosperar suas empreitadas não foi exclusividade de João Simões.

Mesmo assim, depois que fracassou financeiramente e nos negócios, a fama de azarado o acompanhou até o final da vida, como se ele fosse, mais uma vez, a metáfora da cidade, o emblema de uma sociedade que transformou-se, para pior.

2.3. ESCRITOR, JORNALISTA, INTELLECTUAL

Movimento completamente inverso ao fracasso econômico foi a evolução de João Simões Lopes Neto naquilo que verdadeiramente amava, as letras. Depois dos primeiros textos que publicou nos jornais, textos estes que evoluíram dos triolés bem humorados a comentários de toda a sorte sobre muitos aspectos que envolviam a vida na cidade, também exercitou-se no teatro. Em 1892, gozando ainda do prestígio de um herdeiro e afinado com a vida social e intelectual, fundou um grupo cênico no Clube Caixeiral, aquele cuja biblioteca era farta em livros escritos em francês. Diz-se que chegou a atuar como amador, mas logo percebeu que ia bem mesmo escrevendo. No ano seguinte, publicou sua primeira peça, *O Boato*, um grande sucesso assinado por Serafim Bemol, pseudônimo adotado há tempos, em textos de jornais, ao lado de um dos grandes parceiros, Mouta Rara, pseudônimo de José Gomes Mendes, amigo e futuro cunhado. *Mixórdia* e *Os Bachareis* foram escritas em seguida, ganhando encenação caprichada no Sete de Abril, em Pelotas, e em Porto Alegre. As amenidades do cotidiano e a crítica leve e bem-humorada às mazelas sociais eram a temática dos textos. Ao longo da década ele produziu outras peças como as comédias *A Viúva Pitorra* e *O Bicho* e a experimental *Jojó e Jajá* e não *Ioiô* e *Iáíá*. O professor Luís Augusto Fischer destaca que a profícua aventura pelo

texto teatral era uma atitude esperável de um herdeiro em posição econômica e social privilegiada, que deveria se dedicar aos gêneros nobres como a poesia e o teatro, ainda que com temática satírica. Afirma também que, apesar de muito distante da matéria popular e de tradição oral com a qual lidaria mais tarde, o escritor já exercitava aí a habilidade de reproduzir falas e de construir uma narrativa na qual os elementos da oralidade fossem levados em conta⁹.

Os primeiros anos do século 20 o afastaram do teatro e denotam a progressiva maturidade do escritor, que passava a se preocupar com outras questões, como a educação. O já mencionado projeto educacional foi produzido em paralelo com outra atividade: as conferências, uma moda da época que rendia prestígio e dividendos a muitos escritores. Elas foram decisivas na divulgação das ideias de João Simões, assim como foram para outros escritores que gozavam de muito mais prestígio, como Coelho Neto e Olavo Bilac. Em 1904, na Biblioteca Pelotense, profere uma conferência intitulada Educação Cívica – Terra Gaúcha (Apresentação de um livro), de forte teor cívico e nacionalista, e na qual anuncia que está trabalhando em um livro para cristalizar todos estes conceitos nas escolas, influenciando na formação das novas gerações de brasileiros. Este livro, como se sabe, nunca foi publicado, mas representou o ingresso do escritor no mundo rural e gauchesco, com o qual ele já vinha tendo contato de maneira sistemática, mas que agora se consolidava, pela primeira vez, em forma literária.

Em 1910, toma forma o primeiro de seus projetos literários relacionados inteiramente à tradição oral que vinha recolhendo e elaborando, o *Cancioneiro Guasca*. Em 1912, depois de publicar praticamente todo o seu conteúdo de forma dispersa em jornais e revistas, sai a primeira edição dos *Contos Gauchescos*, com 18 textos. Seguindo um movimento mundial de revalorização de linguagens, costumes e culturas regionais, o pelotense produz mais do que a recolha de histórias do tempo das sesmarias, transmitidas pelos relatos orais de antepassados: inventa um jeito eficiente de narrar aquele mundo, por meio de um personagem verossímil e de uma linguagem que, no lugar de rebaixar os seus falantes, os eleva e preserva. No ano seguinte, o próximo capítulo da mais bem sucedida das empreitadas do velho capitão toma forma com a publicação das *Lendas do Sul*. E o resto da história já se conhece.

Enquanto gestou, durante décadas, o amadurecimento como escritor de ficção, Simões Lopes Neto também amadureceu como jornalista. Depois dos triolés e das crônicas de circunstância bem humoradas, que produziu no começo da década de 1890, passou a sofisticar

⁹ FISCHER, Luís Augusto. Vida e Obra de João Simões Lopes Neto. In: LOPES NETO, Simões. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012. p. 20 e 22

cada vez mais sua prática. De acordo com a observação do biógrafo Sica Diniz, durante a segunda fase das Balas de Estalo, ainda n'A Pátria, o texto de Simões começa a mostrar um cunho um pouco mais social, em detrimento à simples crônica cotidiana. Críticas a algumas autoridades e o anticlericalismo já demonstravam uma espécie de transição. Nesse período, as Balas ganham a presença de um personagem, Zé Povinho, um homem simples, do povo, massacrado pelos impostos e descontente com o que descontentava os conterrâneos de carne e osso. Ainda nesta década, é importante lembrar que o jornalista não se dedicou apenas à crônica e ao colunismo. Produziu também grandes reportagens, como as séries publicadas no Diário Popular sobre as indústrias de Pelotas e sobre a canalização do Arroio Santa Bárbara. Antes disso, ainda n'A Pátria, havia publicado crônicas de viagem, reportando sua passagem pelas cidades vizinhas de Rio Grande e São José do Norte.

No mesmo período em que produzia abundantemente para o teatro, o jornalista também se exercitava nas colunas e textos de opinião. Em 1896, como colaborador voluntário do Diário Popular, criou a coluna A Semaninha, que pretendia passar a limpo os acontecimentos da semana, com comentários locais, assinados pelo sempre irreverente Serafim Bemol. Como em quase todo o resto, João Simões manteve a empolgação com a coluna por um tempo, depois abandonou-a. No final deste mesmo ano, um fato jornalístico é relevante na cidade de Pelotas e na trajetória do escritor: funda-se um novo diário, A Opinião Pública, dirigida por jornalistas que haviam sido colegas de João Simões no Diário Popular. Convidado para escrever um editorial na edição de estreia, inaugura um de seus mais importantes pseudônimos, João do Sul – o mesmo com que, em 1913, assina a série Inquéritos em Contraste, no mesmo jornal.

Antes do amadurecimento do ficcionista, o novo século trouxe um amadurecimento do jornalista. A participação do galhofeiro Serafim Bemol, conforme registrou Sica Diniz, é cada vez mais rara na imprensa pelotense. Em 1903, começa o trabalho no cartório. Em 1905, o casal adota a pequena Firmina, uma menina de origem pobre, cuja família vivia, diz-se, nos arredores pobres do centro da cidade. A esta altura as ideias do projeto educacional e das conferências já tomavam o tempo e os pensamentos do escritor.

Em 1911, os preparativos para a comemoração do primeiro centenário de fundação de Pelotas ganham uma iniciativa digna de um grande jornalista, preocupado com o seu papel naquele momento. Simões Lopes Neto cria e esforça-se ao máximo para viabilizar economicamente o projeto da Revista do 1º Centenário, com publicidade e com o relato da história do município, recolhida pela primeira vez e escrita por ele próprio. A ideia é que a revista tenha periodicidade regular e vida longa – e o primeiro número parece confirmar esta expectativa. É um sucesso. Mas a iniciativa só perdura por mais sete edições.

Já em 1913, o escritor realiza o fruto mais bem acabado de sua maturidade jornalística: a série *Inquéritos em Constraste*, composta por 17 crônicas, todas relativas à vida nos subterrâneos da cidade, como ele mesmo chamou. O cotidiano dos pobres, dos cortiços e das figuras desconhecidas, produzidas pela urbanização e pelo empobrecimento da cidade, está capturado ali. Nestes relatos, mais do que comentarista, foi repórter. Pelo que deixa transparecer na urdidura dos textos, buscou cenas e informações nas ruas, entrevistou gente, viveu, de algum modo, a realidade sobre a qual iria escrever. Sem uma amargura latente, mas com a verve satírica mais contida, o jornalista/narrador percorre uma nova Pelotas, a que sobreviveu e renasceu dos escombros da aristocracia do charque – aristocracia esta que ainda existia e permanece viva no imaginário e na cultura de muitos descendentes até hoje. Mas não mais interessava ao escritor que, naqueles mesmos dias, trazia ao mundo os *Contos Gauchescos* e as *Lendas do Sul*. Em mais um paralelo de si próprio com a cidade, João Simões aceita a decadência e passa a vivê-la em seu ofício diário, por meio das colunas.

Como todos os demais, o projeto não foi duradouro. Inaugurado algum tempo depois de seu autor tornar-se redator remunerado, a série começou com empolgação e, dois meses depois, foi encerrada de forma consciente e anunciada, como se vai observar no terceiro capítulo deste trabalho. Data deste período, na verdade um pouco antes, o ano de 1912, o aparecimento dos primeiros sintomas da úlcera duodenal que o colheria em 1916.

Mais um fato se junta à sequência de seus fracassos neste período: o jornal *Correio Mercantil*, que Simões Lopes Neto havia assumido como diretor, fecha pouco tempo depois de sua chegada, em 1914. De acordo com a professora Beatriz Loner, a metade da década de 1910 foi especialmente crítica para Pelotas, já que começaram a ser sentidos os efeitos da Primeira Guerra Mundial. As consequências chegaram aos poucos para a maioria dos setores, logo que estourou o conflito, em 1914 – com exceção de alguns negócios específicos, como os jornais, que utilizavam papel importado e viram o preço de sua matéria-prima subir vertiginosamente mesmo antes de deflagrada a guerra. A maior parte das indústrias nacionais utilizava maquinário e insumos importados, que simplesmente deixaram de ser fabricados na Europa durante este período. Depois de 1915, a quebraadeira foi ainda mais intensa, com muitas indústrias fechando e taxas de desemprego e pobreza muito acentuadas.

Em 1916, já de volta ao jornal *A Opinião Pública*, João Simões está no auge de sua elaboração intelectual, posicionando-se de forma progressista e anticonservadora e trabalhando para a divulgação de suas ideias, em artigos e conferências. Por outro lado, sua vida financeira está devastada. Mora de favor e sobrevive dos magros proventos que obtém dando aulas e trabalhando como redator no jornal. A doença também se agravava, castigando o escritor com

dores. Importante lançar aqui discussão que será abordada com mais propriedade na sequência do trabalho: nesta época, o escritor é pobre, sim. Mas não é pobre como os pobres que retratou em suas reportagens, na série Inquéritos em Contraste. Não vivia em cortiços, não trabalhava nas fábricas ou nas ruas, em regime insalubre, e não estava à mercê das péssimas condições sanitárias dos becos e vilas operárias, que favoreciam o contágio e o desenvolvimento não só de tuberculose, mas de outras doenças comuns na época como peste bubônica, varíola e febre tifóide.

Ainda n'A Opinião Pública, Simões vai publicar seus derradeiros escritos, que, assim como os primeiros, foram destinados à imprensa. Chamou seu último projeto de Temas Gastos, nome mais do que sugestivo, tendo em conta que a última coluna foi publicada apenas um mês e alguns dias antes de sua morte. A série é curta, com apenas sete textos – seis deles publicados em janeiro de 1916 e o último em maio do mesmo ano. Uma apresentação de tom melancólico e quase resignado faz a abertura do conjunto de escritos que está por vir, todos assinados por João do Sul. Pretendia trazer de volta o velho com a feição do dia, já que não encontrava nada de novo para contar. Os textos que seguem, porém, mais uma vez captam as simplicidades do cotidiano em forma de historietas, contadas com graça. A última coluna da série, retomada depois de uma lacuna de quatro meses, é novamente melancólica e tem claro tom de despedida. Relembra amigos e comenta as amarguras e prazeres que voltam pela memória dos homens.

Neste período, a cidade já experimenta a franca decadência que se estendeu pelas décadas seguintes. Porto Alegre é agora maior, mais próspera e mais cosmopolita do que Pelotas e Rio Grande juntas, e a pobreza se espalha pelos arredores do centro. Há quem diga que a cidade, ainda hoje, tenta se recuperar deste período extremo e decadente.

O inverno de 1916 foi rigoroso e tornava cada vez mais penoso o caminho de longas quadras, percorrido por Simões, até a redação d'A Opinião Pública, onde trabalhava todos os dias. No dia 12 de junho, segundo a memorialista Ivete Massot, saiu mais cedo do jornal por que não se sentia bem. Teria passado na casa da irmã, mãe da escritora, para tomar o seu cafezinho costumeiro e conversar. Estava desfigurado, mas não quis chamar um carro para levá-lo para casa. Preferiu caminhar, enrolado em seu poncho, para espantar o frio. No dia seguinte, não saiu da cama e não apareceu para trabalhar. A doença, que ele tratava com ervas medicinais adicionadas ao mate de todos os dias, estava vencendo. Na tarde do dia 14 de junho, o rompimento da úlcera matou o escritor, aos 51 anos, e o legou a um profundo e longo esquecimento, que somente mais de 40 anos depois começaria a ser remediado. Foi homenageado brevemente nos necrológicos dos jornais e ganhou homenagem, em seu túmulo, do famoso escritor Olavo Bilac, que visitou Pelotas pouco depois de sua morte. Bilac dedicou

parte de seus discursos à leitura do Negrinho do Pastoreio, em tom, igualmente, de homenagem. E foi só. Por ter pensado de forma moderna e progressista, foi mal compreendido pelos de seu tempo. E por ter fracassado na vida financeira, quando se esperava dele exatamente o contrário, ganhou fama de azarado e desastrado. Em Pelotas, diz-se que morreu desacreditado pelos conterrâneos.

O jornalista arguto e sátiro era também, ao que tudo indica, um homem de temperamento ameno e generoso, que acolheu em casa uma das irmãs que ficara grávida fora do casamento, proporcionando-lhe cuidados médicos e caminhadas noturnas, recomendadas para garantir a saúde de mãe e filho. Nos negócios, foi passado para trás em mais de uma ocasião, como no episódio das minas de prata de Santa Catarina. Orgulhava-se de ser Capitão da Guarda Nacional, título concedido pelo 3º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional em 1901, e chegou a dizer-se recompensado por isto, apesar de não ter obtido diploma e não ter conservado os bens e as terras deixados por sua família. O homem de muitos pseudônimos que verteu-se pelas páginas dos jornais de sua época, foi vítima do caráter efêmero do veículo que escolheu para sentar suas letras. E foi vítima, também, da ligação visceral que teve com sua cidade, compartilhando com ela os destinos até o fim de seus dias. Cabe a especulação, que obviamente não tem resposta: como teria sido sua vida e obra se tivesse feito o que fez no Rio de Janeiro, a partir do centro, e não da periferia?

Talvez, por tudo isso, tenha sido capaz de criar um narrador genial como Blau Nunes e de celebrar, de forma elevada, o luto pelo seu mundo, que o progresso sepultou. Talvez por isso, também, tenha sido um repórter capaz de inquerir e narrar a cidade em suas entranhas e subterrâneos, em sua série de crônicas. E talvez por isso, sua obra esteja sendo aos poucos resgatada mais de cem anos depois, como forma de reparar um esquecimento que não deveria ter acontecido.

3. CRÔNICA – UM GÊNERO DAS CIDADES E DE SEUS JORNAIS

Homem de seu tempo, João Simões Lopes Neto se exercitou no ofício que, há praticamente um século, vinha evoluindo nas páginas dos jornais: a crônica. Como tantos outros escritores de seu tempo, mergulhou neste gênero para registrar, na efemeridade do veículo, suas impressões do cotidiano e seus comentários a respeito das situações que via e vivia no dia a dia da cidade. Quando inaugurou a série *Inquéritos em Contraste*, em junho de 1913, já se havia experimentado largamente na prática. Durante o período em que viveu no Rio de Janeiro, leu e viu serem lidos cronistas como Machado de Assis, que nos mesmo anos em que o pelotense morou na Capital publicava, entre outros conteúdos, a série *Balas de Estalo*, na *Gazeta de Notícias*.

A história da crônica no Brasil está intimamente ligada à história da imprensa em si, que nasce em 1808, com a chegada da corte portuguesa ao país. Ao aportar por aqui, o imperador Dom Pedro I fez surgir a *Imprensa Régia*, a primeira iniciativa para se publicar o que quer que fosse na colônia. Neste mesmo ano, surge o primeiro periódico brasileiro, a *Gazeta de Notícias*, que começou circulando esporadicamente no Rio de Janeiro e logo tornou-se um diário atuante e repleto de conteúdo. No resto do mundo, o nascimento do gênero também esteve ligado à criação e à atuação de jornais, cuja principal vocação era retratar as cidades em que estavam inseridos, sob os mais variados e inusitados aspectos.

Nas décadas iniciais do século 19 surgia na imprensa parisiense, já madura se comparada à sua correspondente brasileira, uma modalidade de texto que foi, aos poucos, se diferenciando dos noticiosos comuns, em que os fatos, principalmente aqueles ligados à política, eram enumerados. O professor Marcus Vinícius Nogueira Soares, no livro *A Crônica Brasileira no Século XIX*, encontra no *feuilleton* francês o embrião do que, no Brasil, chamou-se de folhetim, uma espécie de proto-crônica. Na França, este tipo de “notícia” surgiu com os jornalistas que comentavam os eventos culturais das cidades (Paris, especialmente), como peças de teatro e a leitura de livros. Com o tempo, a experiência de quem escrevia passava a ser, também ela, parte constitutiva da notícia e motivo pelo qual os leitores buscavam aquela seção. Não demorou muito para que fenômeno semelhante passasse a ocorrer na imprensa brasileira. Soares comenta:

“Segue-se daí que o *feuilleton* implicava a tentativa consciente dos periódicos do século XIX de ampliar o público leitor: por meio da articulação entre específicas modalidades textuais e determinada disposição gráfica das páginas, a diversidade de interesses de um mesmo

leitor e de diferentes leitores aparecia materialmente de forma setorizada e segmentada, todavia disponível em um único objeto de leitura”.¹

A novidade não era somente mais espaço, com diagramação específica e seções dedicadas aos fatos do dia, o que implicava neste novo produto oferecido pelos jornais. O trabalho jornalístico em si também ganhava novas dimensões. Novos gêneros discursivos se desenhavam no interior destes espaços. E assim o folhetim foi se tornando, ao redor do mundo e no Brasil, parte constitutiva da imprensa. Era mais um espaço em que a cidade enunciava-se, pelo olhar e pela verve do cronista (ou folhetinista). Era parte do fenômeno urbano, que tomava corpo, também no Brasil, ainda na primeira metade do século 19.

“De certa maneira, podemos dizer que, na medida em que o feuilleton foi se tornando menos enunciativo e mais digressivo, no sentido de que a voz responsável pelo enunciado da seção adquiria proeminência enquanto aquela da qual se esperavam comentários a respeito das mais variadas atividades culturais da cidade, do teatro aos livros publicados, passando pelos bailes e a vida mundana em geral, ele foi deixando de ser apenas uma rúbrica do espaço ao pé de página para se constituir em gênero discursivo autônomo no interior do próprio jornal.”²

O “duro ofício do jornalista”, conforme Soares, tornava-se cada vez mais evidente, na medida em que era necessário encontrar assuntos sobre os quais discorrer nas páginas. E mais: lançar sobre estes assuntos olhar particular, com comentários que permitissem ao leitor partilhar deste olhar. À medida em que o conteúdo do espaço tornava-se menos anunciativo dos acontecimentos do dia e mais digressivo, interpretativo, mais proeminente tornava-se a personalidade que detinha este espaço, ou seja, o jornalista que assinava o comentário.

Neste contexto, aqui apenas mencionado com rapidez, surgiram as bases da crônica moderna – ou ao menos da crônica praticada a partir da segunda metade do século 19. Soares usa como exemplo “A Caixa e o Tinteiro”, texto publicado na edição de 26 de novembro de 1836 de O Cronista, assinado por Justiniano José da Rocha. Em movimento narrativo inesperado, o jornalista relata o infortúnio de ter tido uma noite perturbada e privada de sono devido a uma sinfonia de gatos em seu telhado. Pela manhã, por causa do cansaço que restou da madrugada insone, não conseguiu escrever a crônica. Quando o impressor chegou em sua casa para recolher os originais, não os tinha para entregar. Pediu mais duas horas de prazo e decidiu escrever sobre a noite de luar, inspirado pela caixa de tabaco e de posse do tinteiro com o qual produziria seu texto. Não houve tempo, porém, para dar cabo à tarefa. O jeito foi,

¹ SOARES, Marcus Vinícius Nogueira. A crônica Brasileira do Século XIX – Uma Breve História. São Paulo: É Realizações Editora, 2014. P. 99-100

² SOARES, 2014, p. 101

segundo o cronista, escrever sobre a própria impossibilidade de escrever – exercício empreendido por qualquer praticante do gênero que, desde aquele tempo, em determinado momento, fatalmente comenta sua falta de assunto.

O amadurecimento do gênero atrai, para as páginas dos jornais, os escritores que naquele momento estavam também preocupados em pensar o Brasil e dar forma a uma literatura nacional. David Arrigucci Jr. ressalta que, neste período, escrever crônicas para jornais era atividade carregada por um ar de aprendizado, já que era uma espécie de “matéria literária nova e complicada, pelo grau de heterogeneidade e discrepância de seus componentes, exigindo também novos meios linguísticos de penetração e organização artística”³. Ele comenta ainda que era neste espaço específico do jornal que desfilavam as novidades burguesas, em todos os sentidos, que caracterizavam o rápido processo de modernização do país. Se o jornal era a instituição que dizia a todos que ali estava uma cidade, a crônica era a narração das entranhas e das rotinas desta cidade, abordando os seus mais variados aspectos.

José de Alencar foi um dos escritores a praticar, também na crônica-folhetim, o seu comentário sobre a urbe. Consciente de que o que fazia no jornal era bastante distinto da obra literária que empreendia com disciplina e afincado, batizou seus espaços no *Correio Mercantil* e no *Diário do Rio de Janeiro* de “Ao Correr da Pena”, querendo dizer que ali iam comentários, notícias e acontecimentos sem maior elaboração ou rigor, para serem consumidos da mesma forma como eram concebidos: rapidamente. Talvez por ter tantas outras atividades, como a carreira de escritor e político, Alencar não é abundante na crônica, tendo publicado a maior parte de seus textos entre 1854 e 1855. Neles, o escritor passeia, com alguma exploração da linguagem coloquial, das gírias e dos trocadilhos, pelos assuntos da hora, pela pauta do dia.

Entre os muitos cronistas que surgiam a partir da segunda metade do século 19, um era especial: Machado de Assis, que no final dos anos de 1850 já publicava poesias e alguns comentários sobre o cotidiano, em forma de folhetim. Ao longo de 40 anos, paralelamente à sua produção ficcional, exercitou-se na narração e no comentário das miudezas do dia a dia do Rio de Janeiro, cidade que nunca saiu do seu horizonte de cronista. Talentoso e bem apadrinhado por intelectuais da época, publicou nos principais jornais e revistas da Capital, flanando por sobre os acontecimentos que movimentavam o Rio de Janeiro em todas as esferas, tentando encontrar para eles coerência e alguma transcendência no formato da crônica, na qual aplicou, em muitos momentos, a ironia e o fino humor que transbordam de sua obra ficcional.

³ ARRIGUCCI JÚNIOR, David. *Enigma e Comentário. Ensaios sobre Literatura e Experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-60.

Seriam necessárias mais um sem-número de páginas para tecer comentário minimamente relevante acerca da obra de Machado, o que não é objetivo neste momento. Pode-se apenas repetir o que já se disse anteriormente, acerca, especialmente, das Balas de Estalo, uma entre tantas seções que assinou com seus variados pseudônimos, publicada entre 1883 e 1886, período em que Simões Lopes Neto vivia no Rio de Janeiro. Ao retornar a Pelotas, João Simões fez surgir as suas próprias Balas de Estalo, desta vez em verso, na imprensa de sua cidade.

No decorrer da segunda metade do século 19, a crônica/folhetim era amplamente apreciada e encontrava eco no público leitor de jornais – que era proporcionalmente ínfimo, se considerada a população brasileira, mas ainda assim capaz de movimentar o mercado editorial de diários e semanários que surgiam abundantemente nas urbes, em todo o país. Já nesta época, outros escritores também passaram a se aventurar no comentário passageiro dos aspectos do dia. Por questões financeiras ou de prestígio – ou ambas – homens de letras não abriam mão do caráter efêmero, mas massivo, do jornal para deixar registrado seu comentário e, principalmente, seu estilo.

Um destes casos é Raul Pompeia, que usou o espaço nos jornais para comentar e militar em favor das causas nas quais estava engajado no momento. O movimento abolicionista e a instauração da República foram duas das principais motivações do cronista, que se inseriu no debate de seu tempo por meio da imprensa. Mas não somente isto. Afinal, não se poderia ser cronista sem comentar, com estilo próprio, o comezinho do cotidiano. Relativamente contemporâneo a Simões Lopes Neto, Pompeia tratou, em muitos momentos, de assuntos semelhantes aos escolhidos pelo pelotense para sua série Inquéritos em Contraste – o que denota uma espécie de consonância temática em fins do século, revelando que as cidades brasileiras, de modo mais ou menos geral, compartilhavam problemas e questões semelhantes, o que motivava o pensamento de seus intelectuais e a pena de seus cronistas.

No Diário de Minas do dia 3 de fevereiro de 1889, Pompeia escreve sobre a febre amarela, doença que tornava-se uma epidemia, causando muitas mortes, especialmente entre os mais pobres.

“O obituário da peste aumenta-se de modo assustador e, se o complemento das medidas de salvação pública que se projetou, ou uma mudança de tempo não interromper o curso progressivo da calamidade incipiente, não sei a que extremos de desgraça iremos parar.

Esta preocupação é o característico de quase toda a atividade administrativa dos últimos dias.

Começam a ser organizadas as comissões paroquiais de socorros sob a direção dos vigários e dos fiscais; escolhem-se pelas freguesias edifícios em condições de ser aproveitados para receber doentes; a municipalidade votou um crédito de dez contos para a distribuição gratuita de medicamentos pela população sem recursos; (...) vão ser proibidas as corridas de hipódromo; e anunciou-se por último que vão ser convocados os presidentes das sociedades

carnavalescas para uma reunião em que o governo proporá que não saiam este ano os préstimos do costume, ou que se adiem para outra época as perigosas alegrias do tríduo da folia.”⁴

O autor de *O Ateneu* também discorreu sobre a liberdade religiosa e a atividade das cartomantes, assunto em voga no Rio de Janeiro de 1890, data da publicação da crônica. Tema semelhante também capturou a atenção do cronista Simões Lopes Neto, 23 anos depois, como se vai ver mais adiante.

“A superstição é a filosofia dos pobres. Dos pobres de espírito por natureza, e dos que, somente porque não encontraram nos recursos materiais da vida um meio de serem ricos de espírito, tiveram de permanecer irremediavelmente na penúria. Ser tolo, que imenso mal! Crer no milagre e na revelação da cartomante... Porventura será uma obrigação possuir a filosofia dos atilados?”⁵

Coelho Neto, a quem Simões Lopes Neto dedicou a lenda do Negrinho do Pastoreio e que gozava de grande prestígio entre os intelectuais da época, também foi cronista. Foi, mas não queria sê-lo, de acordo com Ubiratan Machado, que assina o prefácio da seleção de *Melhores Crônicas* do escritor. Não considerava o cotidiano boa matéria para a escrita e preferia, claramente, o conto e a poesia à crônica. Por questões financeiras, no entanto, precisou escrever sobre as banalidades do noticiário, ofício no qual foi abundante, tendo publicado, segundo Machado, cerca de oito mil textos do gênero ao longo da carreira. Apesar do documentado contato entre ele e o escritor pelotense, é muito plausível supor que Coelho Neto não tenha tido conhecimento dos Inquéritos em Contraste ou de qualquer outra produção jornalística publicada em Pelotas. O contrário, no entanto, certamente ocorreu, com Simões Lopes Neto frequentando não apenas a literatura de Coelho Neto como as suas crônicas, publicadas na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro desde o final do século 19.

Muitas crônicas escritas por Coelho Neto têm ressonância temática na obra do pelotense, guardando, no entanto, uma abissal diferença de estilo. Em algumas ocasiões, como em Cafarnaum, publicada em 1920, o cronista descreve o ambiente e os tipos que passeiam pelos subterrâneos do Rio de Janeiro, escancarando-lhes os vícios e as misérias. Como havia feito fez Simões em sua série, Coelho Neto fala de cortiços, de pobres, de mendigos e prostitutas:

“A cidade, com tal escumalha, que aumenta dia a dia, tem o aspecto de um pântano coalhado de podridões. Agora, com o incêndio dos pardieiros do morro de Santo Antônio, é toda uma enxurrada que desce para a planície e com ela virão os exploradores, que tiram partido de todas as catástrofes.

(...)

⁴ POMPEIA, Raul. Anda a febre amarela. In: *Melhores Crônicas*. São Paulo: Global Editora, 2011. Seleção e Prefácio de Cláudio Murilo Leal. p. 64 e 65.

⁵ Op. Cit. p. 133

É a reína que passa achicheladamente, seduzindo dengosa, com o olhar de viés, os quadris em desnalgamento lúbrico, o dichote canalha estalando-lhe entre os dentes podres, na boca que tresanda a álcool. É a menina ainda impúbere, que propõe torpezas, indicando alfurjas onde se encontrem sem risco. É o meretrício reles, no ir e vir da gandaia. É o pivete experto que passa à sorrelfa, insinuando a mão sutil no bolso do primeiro incauto.”⁶

Em crônica publicada em 1927, Coelho Neto aborda o tema da escravidão de forma bem mais aberta e menos cifrada do que João Simões – como também se vai ver. Narrando uma lembrança sua, conta episódio em que um negro de sua confiança se passa por abolicionista para, na verdade, capturar outros escravos fujões. Esta é uma das poucas crônicas em que o escritor reproduz a fala do personagem, marcando seu sotaque e sua dicção com sucessivos erros de ortografia, que diferem totalmente da linguagem culta e rebuscada utilizada pelo narrador. Vale lembrar que, por outro lado, em sua ficção, Coelho Neto perseguiu mais obstinadamente a fala dos de baixo, com o mesmo insucesso.

“O negro aprumou-se elasticamente e, fechando a carranca, encarou-me rilhando os dentes. Rápido, em gesto vivo, sacou a faca da cava do casaco, apertou-a no punho trêmulo, descaiu de cócoras e cravou-a d’alto no soalho, dizendo, em voz surda, encarando em mim:

– Óie, sô dotó... só seu não sufri... Só seu meu sangue não correu ni chão... Vamcê qué sabe quem foi qui pegô eu? quê?! Vamcê né capaz di maginá! E o carão ossudo e fulo arreganhava-se-lhe em rictus de fera. Foi esse nêgo contadô di rodela: esse nêgo qui vamcê trata de iguá pra iguá; esse canaia que diz que tem pena da gente, que que cumê fazendeiro vivu...”⁷

Olavo Bilac, profícuo jornalista que praticou largamente a crônica na imprensa carioca durante todo o final do século 19 e nos primeiros anos do século 20, também foi figura conhecida e admirada por Simões Lopes Neto. O prestígio que detinha em função da obra como poeta conferiu a ele o status de intelectual pensador e comentador da cidade. Ao contrário de Coelho Neto, Bilac tinha gosto em ser cronista e chegou a confessar, certa feita, o desejo que tinha de publicar seus textos na Gazeta de Notícias, ao lado de nomes como Eça de Queirós. No exercício desta profissão, o poeta que notabilizou-se por ser um ícone do parnasianismo observou os muitos aspectos da urbanização e modernização do Rio de Janeiro, inclusive (e principalmente) os problemas que vinham junto com o progresso e o crescimento da Capital. Perceber, comentar, avaliar e julgar estes e outros aspectos da realidade foi o que mais fez como jornalista.

Os temas eleitos por Bilac eram relativos à cidade no momento em que ele escrevia – característica comum a todos os cronistas que, nesta época, dedicavam-se ao comentário do

⁶ NETO, Coelho. Cafarnaum. In: Melhores Crônicas. São Paulo: Global Editora, 2009. Seleção e Prefácio de Ubirantan Machado, p. 183.

⁷ NETO, Coelho. Um...Como Muitos. In: Melhores Crônicas. São Paulo: Global Editora, 2009. Seleção e Prefácio de Ubirantan Machado, p. 85.

cotidiano. Por isso, é possível encontrar, na reunião de seus textos para jornal, uma série de afinidades temáticas com outros cronistas do seu tempo, inclusive com o autor dos Inquéritos em Contraste, que estava distante apenas geograficamente da produção bilaquiana. A realização, no entanto, é bastante distinta, como se comprova nesta crônica, “Um Mendigo”, publicada em 1907, que trata do problema da mendicância profissional.

“Um dos nossos juizes, o Dr. Auto Fortes, acaba de absolver, em uma sentença que vai ficar famosa, um réu que estupidamente a qualidade da letra da lei mandava condenar. Trata-se de um pobre diabo, inválido, velho, miserável, processado como “mendigo contumaz”...

Já esta expressão “mendigo contumaz” indigna e revolta, quando se refere a um homem, condenado pela velhice e pela enfermidade à impossibilidade absoluta de trabalhar. Compreende-se que se dê o qualificativo contumaz a um vadio, a um criminoso, – ou a um falso inválido, a um desses espertalhões peritos de fingir cegueira incurável ou chagas terríveis. Mas dizer que é um mendigo contumaz um desgraçado que só pode viver mendigando, é uma ironia macabra, uma perversidade sinistra, de que somente pode ser capaz a lei, – essa entidade irreal mas poderosa, abstrata maz feroz, inexistente mas tirânica, que é impessoal, irresponsável e implacável como uma divindade...”⁸

Em 1908, Bilac publica uma outra crônica que, como tantas, encontra ressonância temática na produção de outros cronistas. Em uma de suas colunas Diário do Rio, que surgiu em 10 de maio, o escritor aborda a música popular, como também fazem João do Rio e Simões Lopes Neto em suas respectivas crônicas. O poeta compara os cancionistas do interior e os da cidade, dando notícia e criticando o modo como nasciam muitas das músicas que faziam sucesso em serenatas e na boemia das cidades.

“Amo o cantor de modinhas... na roça. O trovador campesino é poeta rude, espontâneo o original, que se serve apenas da prata da casa. Os seus versos podem ser mal feitos, podem atentar contra a métrica, contra a gramática e contra o bom senso; mas são próprios, são filhos da inteligência inculca e do primitivo sentimento do vate selvagem.

Mas o trovador da cidade é quase sempre um surruprador dos versos alheios. Apanha aqui um verso, acolá outro, outro mais adiante, ata tudo isso com um fio de estilo presumido,, adapta à moxinfada uma velha melodia popular, e começa a brilhar nas serenatas e a ganhar dinheiro nas cervejarias à custa do trabalho alheio”⁹

Em momento posterior deste trabalho, um outro fator será comentado, para que se amplie a reflexão sobre a crônica no Brasil: o surgimento dos jornais independentes, que não nasciam subsidiados pelo capital de partidos políticos desejosos de panfletar sua ideologia junto com as notícias do dia. Ao surgirem, no final do século 19, estes jornais passaram a requerer, com a evolução de sua relação com os leitores, um outro tipo de cronista, que além de apenas comentar e opinar, também investigasse as mazelas obscuras nos fatos do dia. Surgiria, aí, a

⁸ BILAC, Olavo. Bilac, o jornalista: crônicas. São Paulo: USP/UNICAMP, 2006. Organização da coletânea em três volumes de Antônio Dimas. Vol. 2, p. 87-88

⁹ Op. Cit, Vol. 2, p. 174

figura do cronista que ia em busca de seu assunto na realidade, nas ruas das cidades, mais como um repórter e menos como um simples flâneur.

Passear rápida e superficialmente pela trajetória da crônica no Brasil é perceber, entre tantas coisas, que trata-se de um gênero que não existe sem jornais e sem cidades, que são, respectivamente, o veículo e a fonte temática. Desde o início do século 19, quando nasceu, chamada ainda de folhetim, a crônica não fez outra coisa se não abastecer-se do cotidiano das cidades para tecer comentário, mais ou menos objetivo, transcendente, impositivo ou poético. Marcus Vinícius Soares comenta que, com o tempo, a crônica vai deixando de lado a obrigatoriedade de relatar os temas do noticiário, como as peças de teatro e os eventos culturais, para tornar-se digressiva, afeita ao comentário, quase próxima do ensaio. Neste ofício exercitaram-se alguns dos grandes da nossa literatura oitocentista, em movimento que parece ligar a prática da alta elaboração literária com o descartável discorrer do cotidiano. Herdeiros destes são os cronistas da geração de João do Rio e de Simões Lopes Neto, que acresceram à esta prática de relato e comentário, o germen da reportagem (que eles chamaram de inquérito), transformando o autor em personagem, em repórter que busca, vê e narra.

4. O JORNALISTA ENCONTRA O SEU TEMA E SUA VERVE NAS ENTRANHAS DA CIDADE

4.1. A REVISTA DO PRIMEIRO CENTENÁRIO

Fazer a crônica do cotidiano de Pelotas foi o exercício mais praticado por João Simões, desde a estreia, com as divertidas Balas de Estalo, assinadas por Serafím Bemol, passando por projetos cujo objetivo era igualmente observar e comentar os pormenores da urbe onde vivia. Nos jornais para os quais escreveu aprimorou seu traquejo com a linguagem, experimentando formas variadas ao longo das fases criativas que viveu. E, conforme ocorreu em sua ficção, foi na maturidade que atingiu seu mais alto nível estético como cronista, no exercício do jornalismo.

Antes de comentar a série *Inquéritos em Contraste*, convém olhar atentamente para um outro feito jornalístico de grande importância, levado a cabo menos de dois anos antes: a Revista do 1º Centenário de Pelotas. Idealizada pelo escritor como parte das comemorações dos cem anos de criação da Freguesia, em 1912, a Revista foi um projeto ambicioso, que deveria ter, pelo menos, dez edições. Como tantos outros, este não obteve a longevidade esperada. Foram executadas oito edições, sendo que as duas últimas compiladas em um único volume.

Republicada recentemente em caprichada edição fac-similar coordenada por um grupo de ativistas culturais e estudiosos pelotenses¹, a Revista, vista hoje, dá uma ideia do modo como Simões Lopes Neto entendia o papel do jornalismo e o seu próprio dentro do mecanismo da cidade. No editorial que abre o primeiro volume, publicado em outubro de 1911, o escritor apresenta seu projeto, posicionando Pelotas como parte da ideia de nação, a qual tanto prezou em suas conferências, sem diminuí-la e sem pedir licença aos centros maiores ou mais antigos. Em uma espécie de prefácio de intenso caráter formativo – no sentido do conceito de formação, elaborado por Antônio Candido² muitas décadas depois – o escritor expõe a consciência que tem de seu próprio método e calcula o papel que este trabalho terá no futuro, na continuidade da construção de noções como nação, coletividade e história.

¹ A republicação fac-similar da Revista do Primeiro Centenário faz parte do Almanaque do Bicentenário de Pelotas, projeto coordenado pela produtora cultural Gaia Cultura & Arte e com organização editorial do professor Luís Rubira. O primeiro volume, em cujo miolo estão reproduzidas as edições feitas por Simões Lopes Neto, foi lançado em 2012, por ocasião do aniversário de 200 anos da cidade. Os outros dois números saíram em 2013 e 2014, e contam com ensaios de diversos estudiosos sobre temas variados relacionados à história de Pelotas, bem como imagens antigas e atuais feitas por fotógrafos locais.

² Para detalhes deste conceito, ver CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981. p. 23 a 39.

Esta revista pretende ser o repositório de tudo quanto importa que, por o merecer, fique consignado, como expressão da vitalidade do presente, para a estima e estímulo dos vindouros, tanto como a geração hodierna bendiz o exemplo que lhes legaram os antepassados.

Conquanto o acontecimento seja meramente local, ele tem, sem dúvida, repercussão para fora deste âmbito; a cidade é uma parte, um órgão da comunhão nacional, o seu progresso uma afirmação do avançamento geral, do qual participa e para o qual coopera.³

No editorial que abre o terceiro volume, o escritor deixa mais uma amostra da consciência formativa que teve ao elaborar a revista. “Tais notas, dispersas, são apenas linhas de subsídio, que não dissertação histórica: fique-nos pois relevada a pouquidade de cada memória”. Frisou, assim, o pouco rigor historiográfico que teve ao compilar fatos e documentos, mas, mais do que isso, ressaltou o caráter de discussão, aberto para que outros, no futuro, pesquisessem e sigam na descoberta das origens da cidade.

O conteúdo, redigido pelo próprio João Simões ao longo das oito edições, é dedicado a recuperar a história de Pelotas, traçando perfis de seus principais personagens e recontando os fatos desde a colonização da região até a chegada do centenário. Com pretensões de romper a barreira municipal, a publicação também aborda a trajetória de outras cidades. O volume quatro, por exemplo, versa exclusivamente sobre Canguçu, com o relato de fatos, o perfil de personagens e até a publicidade concentrada no comércio da cidade vizinha.

Mais um detalhe relevante acerca da revista é, justamente, a publicidade. Além de revelar um esforço gigantesco do idealizador do projeto, que vendeu grande quantidade de anúncios para viabilizar financeiramente a publicação, ela ganha, do próprio Simões, um caráter igualmente formativo, pois ele sabia da importância documental do seu trabalho. Nas páginas da Revista do Centenário, os anúncios – ou reclames, como eram chamadas as propagandas – são mais um registro histórico que compõe uma espécie de crônica da vida econômica da cidade. Foi também através desses anúncios – e do contato com os anunciantes – que ele fez, ao longo do tempo, uma leitura do momento econômico e social de Pelotas, o que serviu de matéria-prima para sua série de crônicas, dois anos depois.

Importante: Os anúncios aqui publicados devem ser tomados mais como atestados, documentos, da capacidade industrial-comercial desta época da cidade, do que propriamente como reclamos.

O conjunto deles, no futuro, dirá o que éramos e o que valíamos; e, mesmo atualmente, provará a potencial-economia municipal, em cotejo frisante com outras da mesma e até de maior idade.⁴

³ LOPES NETO, João Simões. *Revista do 1º Centenário*, p.1, volume 1. In: *Almanaque do Bicentenário*, volume 1, Pelotas: 2012, p.103

⁴ Op. Cit. p.103

Nas duas primeiras edições, publicadas em outubro e novembro de 1911, os anúncios são, de fato, abundantes. Fábricas de fumo e de conserva, farmácias, livrarias e tipografias, lojas de tecidos e de alimentos, firmas de navegação e até a revenda de automóveis Ford eram anunciantes frequentes. Mas há de tudo nas páginas, desde um remédio infalível para matar lombrigas até uma casa especializada exclusivamente em lustrar sapatos. O retrato do comércio pelotense, em geral, está nas páginas da revista, dando um testemunho real da reinvenção da urbe, que se ressentia do dinheiro do charque, mas encontra sobrevivência em outros meios.

Nas edições seguintes a publicidade foi ficando cada vez mais escassa, o que pode significar a falta de recursos por parte dos anunciantes, já que aqueles não eram tempos de bonança. Aqui cabe comentar que, quando idealizou a comemoração do Centenário, o escritor ocupava o cargo de primeiro-secretário da Biblioteca Pública Pelotense, entidade que capitaneou os eventos. Para a organização dos festejos, que ocorreriam entre 7 e 15 de julho de 1912, o Conselho Municipal autorizou o intendente a liberar a quantia de cinco contos. Segundo o professor Luís Rubira, no ensaio de abertura do primeiro volume do Almanaque do Bicentenário, Simões Lopes Neto apresentou, durante reunião realizada em agosto de 1911, um longo e detalhado programa para o evento – um dos destaques era o lançamento da Revista do 1º Centenário. Seria de se imaginar que parte deste total de cinco contos teria sido direcionada para a confecção da revista, já que esta fazia parte da programação. Uma nota na abertura da primeira edição, porém, descarta esta possibilidade:

Em tempo: Previamente ouvida sobre a publicação desta – Revista – a diretoria da Biblioteca P. Pelotense manifestou por ela a sua cordeal simpatia e aplauso, alheia, aliás, a quaisquer ligações de outra ordem. Convém esta declaração por ser o nosso diretor também o 1º secretário daquela instituição.⁵

Para prevenir o que poderia se tornar uma saia justa, já que poderiam acusá-lo de utilizar-se do cargo na biblioteca para obter recursos para seu projeto, João Simões tratou de, já no primeiro número, esclarecer que a entidade tinha somente simpatia pela revista, não tendo aplicado nela a verba destinada às comemorações. Ao antecipar-se para evitar mal-entendidos, o escritor também antecipou, ainda que apenas intuitivamente, um debate que tomaria cada vez mais corpo à medida que a imprensa desvinculada dos partidos políticos ganhava relevância: as ligações, nem sempre transparentes, entre o conteúdo editorial, do qual se espera o rigor jornalístico independente, e o poder econômico dos anunciantes.

⁵ Op. Cit. p. 103

Outra informação presente na abertura da série de revistas impõe reflexão. Em pequeno box, logo abaixo do título, em algo que poderia ser comparado ao atual expediente, consta que sairão 10 números da publicação, um por mês, que poderiam ser adquiridos por assinatura ou por compra avulsa, em bancas. Considerando o dinheiro obtido com a venda dos exemplares, mais o montante que certamente foi arrecadado com a venda de publicidade, tem-se aí um produto lucrativo, em alguma medida. Ou que obedecia, ao menos, a um projeto comercial que visava lucro. Percebe-se aí um João Simões que buscava, com as letras e o jornalismo, manter-se, obter dinheiro com o seu trabalho. A esta altura, já tinha fracassado em muitas das iniciativas empresariais e o fantasma da pobreza estava na espreita da família. Dessa forma, é possível que se compreenda a Revista também como mais uma tentativa de viabilizar-se financeiramente, desta vez com algo que muito agradava o autor: o exercício criativo para a pesquisa, a escrita, o jornalismo.

O último volume da Revista, em que se compilam as edições de números sete e oito, saiu depois de um longo hiato, após terem encerrado as comemorações do centenário, que ocorreram no mês de julho. Mesmo assim, a data de publicação que consta na primeira página é abril/maio de 1912. No curto editorial, o autor explica que manteve no registro da data a sequência imediata dos meses de publicação, para que o material pudesse ser analisado em conjunto no futuro. O que em princípio parece uma trapalhada do editor, ao imprimir uma data bastante anterior à publicação efetiva, é mais uma pista de como o escritor concebeu e executou seu projeto histórico-jornalístico, consciente de que aquele primeiro esboço historiográfico tinha papel formativo. Neste mesmo editorial, escrito em tom (um tanto) amargurado, o autor encerra o ciclo de vida da publicação.

Com este número encerramos o registro de anotações e referências dispersas que se prendem à fatura da monografia pelotense: parte valiosa de informações não nos foi respondida, apesar de reiterada solicitação, de forma que o nosso inquérito sobre a vida local – antiga – ressentir-se-á de lacunas: para supri-las empregamos os nossos melhores esforços.

Em todo o caso, do trabalho feito algo de curioso ficará, como subsídio arquivado para outro metódico aproveitamento.⁶

Mais adiante, encerrando o editorial, o jornalista explica por que o número foi publicado com atraso. O motivo, segundo o texto, é “uma moléstia grave e de demorada convalenscença”, que o afastou do trabalho por meses. Era a úlcera duodenal, que já causava dores e incômodos.

⁶ Op. Cit. p. 199

4.2 A MATURIDADE DO CRONISTA NO JORNAL

Para elaborar a Revista do 1º Centenário, Simões Lopes Neto teve intenso contato, por um lado, com o passado, na forma da história e seus personagens, e, por outro, com o presente e os frutos do progresso, como o comércio e indústria gerando a riqueza que, antes, provinha apenas do charque. A isso tudo se soma a transformação intelectual e artística que o escritor vem experimentando desde que voltou do Rio de Janeiro, no final do século 19 e, mais intensamente, no começo da década de 1910, período de franca decadência financeira. Assim, o homem que começa o ano de 1913 parece estar ainda mais consciente de seu momento e repleto de uma criatividade afiada e, ao mesmo tempo, amadurecida.

É importante lembrar que, nem bem um ano antes, o escritor viu seus *Contos Gauchescos* serem publicados em livro, depois de terem sido revelados ao público nos jornais e também na Revista da Academia Riograndense de Letras. As *Lendas do Sul* estavam no prelo, como ele mesmo gostava de dizer, e saíam ainda em 1913. Outras narrativas começavam a ser escritas, para integrar uma segunda edição dos Contos, e os primeiros Casos do Romualdo já apareciam. Ou seja: Simões Lopes Neto estava absolutamente envolvido na elaboração literária da matéria gauchesca, o grande projeto da sua vida, a literatura para a qual direcionou todo o seu amadurecimento. Mesmo assim, encontrou tempo e disposição para exercitar também a verve de jornalista criativo, que produziu artigos e reportagens. Assinou-se como João Simões Lopes Neto, como o velho sátiro Serafim Bemol e como João do Sul, nome com que grifou sua produção jornalística mais importante.

O veículo para isso foi o jornal A Opinião Pública, com o qual o escritor colaborou desde o momento de sua fundação, em 1896. Depois de se desentender com um dos proprietários do Diário Popular, o jornalista Theodósio de Menezes decidiu empreender o projeto arrojado de um diário com mais independência e agilidade, proposta que foi uma espécie de marca desta época na imprensa gaúcha. Apenas um ano antes, em 1895, nascia o Correio do Povo, em Porto Alegre, fundado por Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, com a proposta de circular sem as vinculações partidárias que eram a tônica da imprensa da época. A maior expressão do estilo de periódico que circulava no final do século 19 por todo o Estado era o jornal A Federação, órgão ligado ao Partido Republicano Riograndense (PRR) que acabou virando uma espécie de folha oficial do governo, quando a sigla assumiu o poder. Foi inaugurado em janeiro de 1884 e circulou até 1937, quando o Estado Novo extinguiu os partidos políticos e, junto com eles, os seus jornais. Já o Correio nasceu com uma nova visão de imprensa

que pretendia passar ao largo da velha disputa entre federalistas e republicanos. Para livrar-se das vinculações partidárias e cumprir com a prometida independência, foi preciso mudar o formato de financiamento do negócio, com o dinheiro vindo de assinaturas e publicidade, e não mais dos cofres dos partidos. O modelo deu certo e tornou-se uma espécie de febre nos últimos anos do século 19 e começo do 20.

Em sua pesquisa sobre a imprensa gaúcha no século 19, o professor e historiador Francisco Alves afirma, acerca do momento em que foi fundado o Correio:

Nessa época, em 1895, surgiria o Correio do Povo, folha que viria a constituir o protótipo do jornalismo que se anunciava. Trazendo inovações tecnológicas e buscando ampliar consideravelmente sua tiragem, o Correio progressivamente deixaria de ser uma folha exclusivamente porto-alegrense, expandindo sua circulação para várias localidades do interior, vindo, inclusive a concorrer com os periódicos locais. Além disso, desde a sua gênese o Correio do Povo buscou sustentar uma propalada independência e neutralidade, diante dos latentes e tradicionais conflitos inerentes à política rio-grandense, inaugurando uma prática que se tornaria lugar comum no porvir. Ao intentar apresentar um norte editorial diferenciado e mudanças estruturais significativas, o Correio marcaria os primórdios da virada que estava por acontecer na imprensa gaúcha e brasileira, com a afirmação do jornalismo dito empresarial que viria, na centúria seguinte, e, através de constante consolidação, a redundar no estabelecimento da chamada grande imprensa.⁷

Com a mesma proposta de independência política, agilidade na informação e vasto conteúdo de entretenimento e serviços nasceu A Opinião Pública. Em entrevista a esta autora, o professor Francisco Alves, que também dirige a Bibliotheca Rio-Grandense, na cidade de Rio Grande, afirmou que A Opinião surgiu em franca oposição ao Diário Popular, fundado em 1890 e que, nesta época, era o órgão do partido governista, o PRR. Na vizinha Rio Grande a moda da imprensa independente também havia chegado. A mais notória iniciativa neste sentido, segundo Alves, foi o jornal O Tempo, fundado em 1906 por Alípio Cadaval, o típico jornalista faz-tudo que administrava, vendia anúncios e ainda escrevia. A folha diária de quatro páginas tinha a orientação independente de partidarismos e um formato muito semelhante ao da Opinião. Ganhou grande destaque na cidade e circulou ininterruptamente até 1960.

A primeira edição d'A Opinião Pública aparece com João Simões escrevendo, a convite dos fundadores, o editorial de inauguração da nova folha pelotense, em 5 de maio de 1896. Não é demais lembrar que é neste momento que ele estreia o pseudônimo João do Sul, com o qual assina as séries Inquéritos em Contraste e Temas Gastos (1916), no mesmo periódico.

⁷ ALVES, Francisco das Neves. *O periodismo gaúcho no século XIX: breves impressões históricas*. In: Revista Biblios, Rio Grande: 2009, p. 137-166.

Neste período, porém, o escritor estava envolvido com outros projetos, como os textos para teatro e as tentativas empresariais, colaborando apenas voluntariamente e de forma esporádica com *A Opinião*. Já em 1913, a realidade do velho Joca era bem outra. Falido e morando de favor com um cunhado, sobrevivia com as aulas que dava na Academia de Comércio e, a partir deste ano, o trabalho como redator no jornal complementaria o magro ordenado. Não mais um colaborador voluntário, o escritor era agora funcionário remunerado. Teria essa transformação do formato da imprensa contribuído também para o amadurecimento do jornalista no tratamento da matéria cotidiana? É muito possível que sim. Afinal, um jornal desvinculado partidariamente, com proposta editorial de independência, precisava de redatores com capacidade analítica e observação apurada, para abordar os assuntos da hora com o olhar voltado para o universo dos leitores. No lugar da opinião afetada pelas filiações políticas, o jornalismo queria agora a informação e o serviço – algo muito mais próximo do temperamento do escritor, que não dedicava militância fervorosa a causas, mas que tinha um olho treinado para observar e narrar a realidade das gentes.

4.3 “VAI COMEÇAR AGORA UM INTERROGATÓRIO À CIDADE”

Como o próprio escritor explicou na abertura da série e, conforme a observação do professor Luís Augusto Fischer ao comentar o feito jornalístico no ensaio de abertura da mais recente edição anotada dos *Contos e Lendas*, os textos dos Inquéritos em Contraste não são apenas crônicas para repassar o cotidiano da cidade. O nome já diz isso. Segundo Fischer, a palavra “inquérito” queria dizer, à época, mais ou menos a mesma coisa que “reportagem”, nos dias de hoje⁸. Por definição, o escritor não se propôs a fazer somente uma crônica de comentário, como alguns de seus contemporâneos fizeram. Quis investigar, interrogar à cidade o que ela tinha a dizer em seus subterrâneos, conforme registrou na coluna inaugural, ao afirmar que “aqui, vai começar agora um interrogatório à cidade”.

Segundo o dicionário Houaiss, a palavra reportagem entrou na língua portuguesa em 1899. Demorou, no entanto, para firmar-se como termo corrente para definir a prática jornalística de investigar e reportar os pormenores dos fatos. Tanto que, na edição dos anos 1940 da enciclopédia Lello Universal, o termo “reportagem” ainda é considerado um neologismo. A edição de 1884 do dicionário Caldas Aulete, contemporânea da geração de

⁸ FISCHER, Luís Augusto. Vida e Obra de João Simões Lopes Neto. In: *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012. p.41

Simões Lopes Neto, não traz a palavra “inquérito”, mas “inquirição”, com o sentido de investigação, pesquisa, interpelação com perguntas, indagação. Na mesma edição, o verbo reportar não tem relação com o que hoje chama-se de reportagem: refere-se a moderar, alcançar, referir, ou é descrito como verbo promominal reportar-se. Mais uma pista: no último número da Revista do 1º Centenário, no editorial de despedida, o escritor utiliza a palavra com significado muito semelhante ao que imprimiu no título de sua série de crônicas: “... parte valiosa de informações não nos foi respondida, apesar de reiterada solicitação, de forma que o nosso inquérito sobre a vida local – antiga – ressentir-se-á de lacunas”. Uma mistura de pesquisa, observação e análise parece resumir o sentido de inquérito, na produção da Revista. A realização de entrevistas, somada à recolha de documentos, parece ter sido o método de investigação para que o autor escrevesse a história de Pelotas – ou, como preferiu, o inquérito da antiga vida local. O sentido da palavra revela que não é fortuita a escolha do título da série. Em um jornal que voltava-se cada vez mais para os interesses do público leitor – a elite e a classe média alfabetizada, que consumiam os periódicos – com uma proposta de independência editorial e em franca oposição ao órgão declaradamente governista, o escritor não quis fazer “Opiniões em Contraste” ou “Comentários em Contraste”. Quis se aprofundar na reportagem, ainda que a prática não fosse conhecida por este termo. E a partir dela narrar, de forma complexa, o cotidiano desconhecido para quem lia os jornais. Na segunda crônica do conjunto, o próprio escritor revela o sentido que aplicou à palavra. Ao introduzir a narração, ele diz: “No dia deste inquérito, em um deles, abordamos uma rapariga tronchuda, que gozava o sol encostada à ombreira do portão geral...”. Fica claro, aqui, que o termo é empregado para significar reportagem em sentido amplo, ou seja, ida ao local, abordagem, entrevista e observação para posterior narração. E, neste caso, inquirição propriamente dita da personagem, para extrair-lhe a psicologia.

Ao longo da série, o escritor chega a personificar o sentido da palavra, referindo-se a si mesmo, na posição de repórter, e a seu ato de inquirir como o “inquérito”. “Ficam excluídos do inquérito os comandantes de vapores e capitães de navios de barra-fora”, disse ele em O mar em Terra. “O inquérito não vai até lá; procura o pessoal *pescante e mirone*, o *peru* calado e o *peru angolista*”, relata em Sete em Porta, revelando que não esteve no local do jogo e obteve as informações e descrições a partir de entrevistas com os sujeitos que observavam tudo, sem jogar. Em Miseria Grandeza, o repórter justifica seu interesse na mulher misteriosa que saía de uma farmácia: “...aquela saia clara... aquele mantelete claro... e aqueles olhos, não os olhos, por eles, que eram admiráveis, mas o volver deles, que era abominável... e a ânsia muda do pavor, que dentro deles havia, tudo concorreu, para uma abordagem do inquérito”.

Para realizar suas crônicas, Simões Lopes Neto parece ter utilizado método semelhante ao empregado na confecção da Revista, com a diferença de que o inquirido agora versaria sobre a vida local contemporânea. E, mais do que isso, sobre a vida contemporânea de um extrato social mais ou menos delimitado: os pobres que faziam parte do tecido urbano de Pelotas. A leitura dos textos deixa claro que ele fez entrevistas, andou pelas ruas, presenciou momentos cotidianos. Extraiu deste universo as cenas que considerou, por assim dizer, mais narráveis, ou seja, as mais dramáticas, líricas, engraçadas ou particulares, as que considerou, enfim, passíveis de serem narradas pelo estilo de sua verve.

Iniciada em 10 de junho de 1913, a série composta por 17 textos foi publicada sempre na mesma posição, no alto da segunda página, ocupando a primeira coluna e, às vezes, um pedaço da segunda, conforme a quantidade de caracteres. Os textos, todos assinados por João do Sul, dividiam espaço com outras notícias rotineiras da cidade, como ocorrências policiais, viagens e retornos de cidadãos pelotenses, notas sobre fatos ocorridos em Rio Grande ou em Porto Alegre – ou em outras cidades da redondeza, conforme a relevância⁹.

A tônica da série foi dada no texto de abertura, que leva o nome da coluna. Ali, o cronista propõe uma visita aos subterrâneos, colocando Pelotas em linha com grandes capitais do mundo, como Paris, Londres e Nova York, cada uma com uma vida paralela, escondida sob as “abóbadas iluminadas”. Sem constranger-se ou pedir licença, João do Sul alinha sua cidade a estas metrópoles e traça-lhes paralelo. E propõe, aos leitores, a viagem para descobrir o que vai neste mundo que quase ninguém vê – ou, ao menos, o que as elites leitoras de jornais não viam. Aí está, aliás, o cerne da segunda parte do nome da coluna: contraste. Mais do que incoerências ou discrepâncias sociais (que também aparecem, em tom satírico), o escritor buscou contrastar os elementos da vida que se passa nos subterrâneos, nos cortiços e becos, enfim, nos espaços mais pobres e desassistidos da cidade, com a elite que ainda concentrava a maior parte da renda circulante na praça e que sustentava os ares e costumes aristocráticos da época áurea do charque.

E assim o cronista passeia por becos e cortiços, que a esta altura eram comuns no centro da cidade, anda pela zona das bodegas e do meretrício, visita o porto, a Santa Casa de Misericórdia e até o local em que se queima o lixo, o Forno do Cisco, no então longínquo bairro Fragata. Geograficamente falando, apesar de visitar alguns pontos mais distantes, o cenário da

⁹ Salvo engano, existe apenas uma coleção dos jornais deste período, na Biblioteca Pelotense. Os originais não estão digitalizados e o estado de conservação é alarmante, com páginas rasgadas e trechos devorados por traças. Os acervos de outras bibliotecas foram consultados para a realização deste trabalho, inclusive o da Biblioteca Nacional, mas, ao que tudo indica, restaram somente os exemplares que repousam precariamente na cidade natal do escritor.

maior parte das narrativas é mesmo a região central, no entorno da antiga Praça da República, atual Praça Coronel Pedro Osório, a primeira e principal da cidade. Morador do centro (neste período vivia em uma casa na Rua 15 de Novembro), João Simões era assíduo frequentador dos cafés no entorno da Praça, onde encontrava amigos e de onde observava a cidade pulsar. A redação da Opinião Pública também ficava no centro, na mesma 15 de Novembro, alguns quarteirões distante da casa de seu redator. Portanto, a região central era o habitat natural do cronista, que encontrou ali mesmo muitos dos subterrâneos e dos contrastes que quis esmiuçar¹⁰.

A partir de seu local de origem, e passando por algumas outras localidades como o Porto e o bairro Fragata, o escritor encontrou os tipos que retratou em seus textos: mendigos, prostitutas, marinheiros, feiticeiras, jogadores de azar, trabalhadores de variada cepa, de biscateiros a cozinheiras, passando pelo chofer e chegando ao comerciante, negros, em várias posições, sempre desfavorecidas, e doentes. Também encontrou a cidade que vivia do comércio, aquele mesmo comércio que apareceu de forma contundente na publicidade da Revista do 1º Centenário, que nada mais tinha a ver com a opulência do charque e que tratava de se adaptar ao novo momento, à crise e ao progresso, que tudo transforma. Tudo isso virou tema e assunto para o jornalista.

As circunstâncias e o cotidiano do escritor e de seus contemporâneos foram o pano de fundo, o cenário para a construção da série. A Pelotas descrita por João do Sul é bem distinta daquela na qual Simões Lopes Neto nasceu. A aristocracia rural, da qual seu avô, o Visconde da Graça, era o maior representante, estava em franca decadência, devido ao declínio da indústria saladeiril. No lugar dos estancieiros ricos e seus escravos, Pelotas via nascer uma classe média composta por comerciantes, prestadores de serviços, proprietários de oficinas e profissionais liberais, que ganhavam cada vez mais poder aquisitivo para consumir os mesmos produtos antes acessíveis somente à elite. Havia dinheiro. Talvez não tanto quanto no tempo das charqueadas, mas ainda assim havia. E ele ainda estava concentrado em poucas mãos. Estas mãos, porém, começavam a mudar. A partir da segunda metade do século 19, eram mais comuns os produtos industrializados trazidos da Europa, que tornaram-se desejos de consumo desta classe média com aspirações aristocráticas.

¹⁰ Para visualizar a abrangência geográfica do conjunto de crônicas, ver o mapa no Anexo 2 deste trabalho.

Estudo feito pelos historiadores Fábio Cerqueira e Luciana Peixoto e publicado no terceiro volume do Almanaque do Bicentenário¹¹ demonstra a ligação entre os objetos de porcelana e o aparecimento desta nova classe média. Segundo a pesquisa, o consumo de chá em louças importadas tornou-se comum no final do século 19 e início do 20, como demonstração de status. Na crônica “Um Fim de Troça”, João Simões cita o chá como o hábito das famílias conservadoras, que já estão em casa na hora em que os jovens vão para a farra. Quem estaria tomando este chá? A velha elite, encastelada em suas propriedades, ainda vivendo da atividade rural? Ou a nova classe média, os comerciantes e industriais, que viviam no centro da cidade e, com o dinheiro que ganhavam, buscavam imitar os hábitos solenes da aristocracia, para subir posições na escala social?

Em outras crônicas como “Vivendo e Aprendendo” e “Mais Cães e Gatos”, o escritor faz desfilar extenso rol de atividades comerciais existentes na cidade, apontando-lhes curiosidades e contrastes. Muitos dos estabelecimentos citados nas crônicas estão presentes também na Revista do 1º Centenário, como anunciantes. Quem visitava essas lojas para comprar produtos e serviços era, justamente, esta classe média emergente que fazia fervilhar o centro, em especial o entorno da Praça da República, onde a maior parte dos estabelecimentos estava concentrada.

A criação do Banco Pelotense, em 1906, e sua ascensão ao longo da primeira década do século 20 ilustram esta nova realidade. Idealizado por um grupo de charqueadores e estancieiros para garantir recursos para investimento e criado a partir do dinheiro deles e de mais uma porção de comerciantes e industriais, o banco nasceu com o vultuoso capital de três mil contos de réis. Rapidamente expandiu-se e marcou presença em diversas cidades gaúchas. Entre 1919 e 1920 abriu filiais em outras cidades brasileiras, como Belo Horizonte e Rio de Janeiro, e chegou a ter um escritório em Paris. No final dos anos 1920 começou a enfrentar sérias dificuldades devido ao seu alto custo de operação e à quantidade de capital imobilizado que possuía – a maior parte dos investidores tinha seu capital em forma de imóveis, o que reduzia a liquidez do banco. Nessas condições ficava muito difícil enfrentar a crise de confiança que ocorria no mercado de capitais do mundo todo. O golpe fatal para a instituição que já estava combalida foi a criação do Banrisul, em 1928, com a conseqüente transferência de toda a movimentação do caixa do Estado para o banco recém-criado. A trajetória do Banco Pelotense não tem relação direta com Simões Lopes Neto, que nunca teve nada a ver com o manejo do

¹¹ PEIXOTO, Luciana; CERQUEIRA, Fábio. *Entre a opulência aristocrática e o martírio dos escravos: os setores médios urbanos em Pelotas no século XIX (evidências da arqueologia histórica e da cultura material)*. In: Almanaque do Bicentenário, volume 3, p. 407 a 424.

capital financeiro, mas ilustra o modo como a vida econômica se transformava em Pelotas. Não era mais um mundo em que o velho modo de produção da pecuária extensiva dava certo. No mundo do início do século 20, bancos davam certo, mais do que a simples concentração de terra e a criação e abate de gado. Eram eles que se expandiam e faziam o dinheiro se multiplicar.

Voltando ao universo do escritor, que nada mencionou sobre bancos, pode-se encontrar, nos *Inquiritos em Contraste*, um outro sinal da modernidade que chegava. Na crônica “O Anjo da Meia Noite”, que se passa no entorno da Praça da República, João do Sul aborda o homem que conduz o último carro de passageiros puxado por tração animal da cidade. Um português solitário desfia seus dramas pela chegada do automóvel, que roubou sua freguesia e lhe atirou em desgraça. Em 1913 os automóveis já eram comuns em Pelotas, tanto de proprietários particulares como nos serviços de táxi. Em todos os números da Revista do 1º Centenário há propaganda da revenda de automóveis Ford, de propriedade de Justiniano Simões, localizada na Rua Félix da Cunha, próximo à Praça da República. No reclame, o anunciante frisa que os automóveis são silenciosos, consomem pouca gasolina, são fortes e seus preços são baixos. A esta altura, é muito possível que o anjo da meia noite fosse, de fato, o último a trabalhar com carros puxados por animais no centro da cidade, para o transporte de passageiros.

A chegada dos carros, aliás, é apenas mais um indicativo do acelerado processo de urbanização que vivia a cidade, apesar do momento econômico turbulento. É desta época o início da implantação da rede de esgoto no centro e a iluminação pública que se expandia deixava as ruas com ares ainda mais modernos. Aos poucos, os bondes elétricos iam substituindo os animais no transporte dos trabalhadores e tornavam a urbe mais dinâmica e rápida. Várias melhorias deixaram o centro da cidade mais cosmopolita: a instalação dos chafarizes importados da Europa na Praça da República, a construção da caixa d’água na praça em frente à Santa Casa (descrita na crônica *O Banco da Santa Casa*) e as obras de ampliação do Mercado Público (que também aparece em mais de uma crônica) são algumas delas.

A cena cultural também viveu transformações neste período. O início da década de 1910 foi marcado pela estreia do cinematógrafo, que rapidamente ganhou salas de exibição em vários pontos da cidade, desviando parte do público que antes lotava os teatros. Este também foi o período do auge das livrarias e tipografias. A Livraria Americana, por exemplo, aparece na publicidade da Revista do 1º Centenário como Casa Americana, e foi uma das mais tradicionais e longevas do ramo. É este o período mais importante da Livraria Universal, dos irmãos Echenique, que primeiro publicou os *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul*, além de outros autores gaúchos. A música erudita, apresentada nos teatros e direcionada às elites,

ganhava a companhia de manifestações populares. Na crônica “Serenata Sem Licença”, João do Sul descreve uma noite de serenata, prática comum que na época também era chamada de cantata, em que um grupo de amigos se reúne para homenagear com música a namorada de um deles. Violões, cavaquinho, gaita de boca e flauta são os instrumentos utilizados para executar as canções – algo bem distinto das óperas e outras peças líricas apresentadas no palco do Sete de Abril. O escritor, que anos antes escreveu uma opereta, *Os Bachareis*, agora olha na direção da música popular que se manifesta nas periferias da cidade. Em pelo menos mais uma crônica aparece referência às manifestações populares de música e dança: em *Ladrão de Galinhas*, a penúltima da série, as mendigas que se passam por paralíticas dançam maxixe, um dos ritmos mais conhecidos e apreciados fora dos palcos dos teatros em todo o Brasil.

Também é do início do século 20 o surgimento das primeiras organizações de trabalhadores, que se uniram em sindicatos e entidades de classe para ter seus interesses representados, especialmente diante dos proprietários das fábricas, que empregavam muita gente. Simões Lopes Neto acompanhou de perto essa organização e se posicionou favoravelmente aos operários, mesmo não tendo demonstrado militância contundente nessa questão. A professora Beatriz Loner recuperou episódio de 1914, quando o escritor atuava na redação do *Correio Mercantil* e foi convidado a ministrar uma conferência para a Liga Operária, cujos líderes seguiam tendências ideológicas libertárias e de cunho anarquista. Mesmo depois de grande polêmica entre os dirigentes operários e os intelectuais, travada nas páginas dos jornais, Simões Lopes Neto não tomou partido de nenhum destes lados. Ficou, na verdade, do lado dos trabalhadores, que não estavam bem representados pela vaidade dos intelectuais e tampouco pela ideologia anarquista radical dos dirigentes sindicais. A prova da lucidez de sua avaliação ocorreu algum tempo depois do episódio da conferência, quando um grupo de operários o chamou para ser o orador na entrega de um abaixo-assinado com mais de mil signatários para a prefeitura, contendo reclamações contra a carestia e as péssimas condições de vida. Em trecho de reportagem destacado pela professora Beatriz, o escritor afirma estar solidário com o pensamento do operariado sensato e previdente que, no uso de um direito constitucional, leva suas reivindicações às autoridades responsáveis¹². Mais do que expor a mazela social representada pela insatisfação dos trabalhadores, o episódio revela que o escritor estava consciente da situação, afinal, ele próprio era um assalariado naquele momento. E, mais,

¹² LONER, Beatriz. *A formação da classe operária pelotense*. In: *Almanaque do Bicentenário*, volume 3, p.83.

demonstra que não se havia deixado levar pelos discursos inflamados de um lado ou de outro, mantendo-se coerentemente favorável à causa dos operários, sem alarde.

Mesmo antes deste episódio, João Simões já havia dado demonstração de seu interesse pelo mundo do trabalho remunerado ao elaborar os Inquéritos em Contraste. Em sua série de crônicas, aborda larga sorte de profissões marginalizadas: pescadores, empregadas domésticas, açougueiros, cozinheiras, prostitutas, marinheiros. Apesar de simpático às causas dos operários, não transformou em heróis todos os personagens vindos deste extrato social. Apontou a corrupção dos mendigos, a preguiça da criada, o mau-caratismo do açougueiro que rouba no peso da carne, o vício dos jogadores de carta, a malandragem do sujeito que saiu com o dinheiro de todos para pagar a licença para a serenata e nunca mais apareceu. Mas também solidarizou-se com o homem, provavelmente um operário, que precisou roubar uma galinha para a esposa moribunda e, nisso, foi preso; com a mulher que estava disposta a trocar sexo pelo dinheiro de um remédio para o filho; com o chofer amargurado que viu o progresso soterrar seu meio de sustento. No mesmo ano de 1913, no qual trabalhadores pelotenses e suas lideranças saíram às ruas para protestar contra os baixos salários e os altos custos dos produtos e aluguéis, no movimento que ficou conhecido como a Carestia da Fome, o escritor usou o espaço no jornal para, também ele, manifestar-se. Trecho da segunda crônica da série, Um Corte de Criada, que reproduz o diálogo do repórter com a personagem em um cortiço, demonstra essa abordagem sutil, mas presente.

- Há quanto tempo mora aqui?
- Quem, eu?... Trez mez’! É uma carestia desses quartos, que uma pessoa não pode!...
- Quanto paga, de aluguel?
- Quem, eu?... Um roubo! Dezoito mil réis; já estive por sete...; e tem-se que pagar por semana, quem não dá fiador. Ainda que mal pergunte: o sr. é da higienica? Eu, por mim, cuidado! Veja.

Ainda que decadente em relação à produção e ao comércio do charque, Pelotas ainda era, nos primeiros anos do século 20, a principal cidade da região Sul do Estado, com grande atividade rural, de comércio e industrial. Isso atraía um contingente expressivo, que se deslocava para a metrópole em busca de oportunidades, vindo de outras cidades e da própria zona rural do município. As tais oportunidades, no entanto, não eram tão boas assim: salários baixos, cargas de trabalho exaustivas, custo de vida altíssimo, falta de moradias populares disponíveis para tanta gente.

Neste cenário surgiu um dos principais componentes dos Inquéritos em Contraste: o cortiço. Essa moradia popular que se disseminou em Pelotas no final do século 19 aparece

diretamente citada e descrita em apenas uma crônica, Um Corte de Criada, a segunda da série. A ideia do cortiço, porém, perpassa grande parte dos textos e compreendê-la é fundamental para visualizar a origem e o habitat da maioria dos personagens, mesmo que eles não estejam frequentando o cortiço no momento da narração.

Acoçada pela pobreza, a multidão de imigrantes, negros, pardos e trabalhadores braçais via nos cortiços a melhor (ou a única) alternativa de moradia na cidade. Eles ficavam no centro, perto das fábricas, do comércio e dos meios de transporte – exatamente como os cortiços cariocas que inspiraram Aluísio Azevedo a criar o cenário para o romance *O Cortiço*, de 1890. Aliás, as circunstâncias sociais que serviram de laboratório para Azevedo eram muito semelhantes – levando-se em conta a proporção do tamanho das duas cidades. A historiadora e professora Lorena Gill, em sua tese de doutorado, foi a fundo no estudo destes cortiços que integravam a paisagem urbana de Pelotas para compreender a incidência da tuberculose na cidade. A pesquisa, que deu origem ao livro *Mal do Século – Tuberculose, Tuberculosos e Políticas de Saúde em Pelotas*, revela que grande parte da população urbana era composta por contingentes de pessoas extremamente pobres, descendentes de escravos ou antigos trabalhadores de estância, cujo poder aquisitivo era baixíssimo, chamados pelos jornais da época de miseráveis ou de vagabundos.¹³ Estes cortiços, segundo Lorena, eram erguidos em casarões e terrenos localizados ao longo de toda a zona central da cidade. Sem rede de esgoto ou água tratada, os diminutos quartos em que chegavam a amontoar-se oito, dez, até 15 pessoas, eram a visão da insalubridade.

Além dos cortiços propriamente ditos, erguidos em velhos casarões, havia variações. Segundo estudo da arquiteta Rosa Rolim de Moura, as moradias populares também podiam ser dos tipos galpão, portão ou contrafeito. O primeiro era uma estrutura em forma de galpão, dividida em pequenas saletas, que acomodavam as famílias; já o portão era um conjunto de cubículos enfileirados, acessado por uma rua interna e escondido por um muro com portão; o contrafeito também era uma fileira de unidades, com a diferença de que estavam voltadas para o passeio público¹⁴.

Estas habitações coletivas nasceram da mesma forma que seus correspondentes cariocas. Nas últimas décadas do século 19, proprietários de casarões e terrenos perceberam um meio rentável de explorar a rápida e desordenada urbanização da cidade, transformando seus

¹³ GILL, Lorena. *Mal do Século – Tuberculose, Tuberculosos e Políticas de Saúde em Pelotas (RS) – 1890-1930*. Pelotas: Educat, 2007, p.47.

¹⁴ MOURA, Rosa Maria Rolim de. *Habitação Popular em Pelotas (1880-1950): Entre políticas públicas e investimentos privados*. Porto Alegre, 2006. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

imóveis em cortiços e cobrando quantia razoável pela utilização dos quartos. O investimento na estrutura das habitações, no entanto, era mínimo (para não dizer nenhum), o que tornava os ambientes impróprios para moradia. Soma-se a isso a inexistência de serviços públicos como tratamento de água e rede de esgoto (que começou a ser construída em 1913), tem-se o retrato de um dos principais problemas de Pelotas nesta época.

Assim como ocorreu no Rio de Janeiro, a proliferação dos cortiços chegou a um ponto crítico, especialmente quando associou-se a disseminação de doenças infecciosas, em particular a tuberculose, às condições sanitárias dessas aglomerações. Esgotos correndo a céu aberto e quartos lotados e sem ventilação eram o ambiente ideal para o contágio das moléstias em alta no início do século 20. Seguindo a pauta da então Capital Federal, Pelotas também empreendeu uma cruzada contra os cortiços, encampada pela Delegacia de Higiene, órgão que, na teoria, deveria zelar pelas condições sanitárias de toda a cidade, mas que na prática se concentrava em percorrer os cortiços para fechá-los e intimar seus proprietários a promover melhorias. Para se ter ideia do alcance que estas estalagens populares tinham no cotidiano de Pelotas e do tamanho do esforço empreendido pelo poder público para saneá-las, a Delegacia de Higiene chegou a promover, em 1906, uma espécie de *press trip*¹⁵ pelos cortiços. Composto por jornalistas do Diário Popular, A Opinião Pública e Correio Mercantil e promovido e acompanhado pelo delegado de higiene, José Calero, o passeio percorreu diversos cortiços e contrafeitos, revelando as péssimas condições de higiene e o estado de degradação e indignidade em que viviam os moradores. Tudo para angariar o apoio dos veículos de comunicação para a campanha de saneamento da cidade, com a eliminação ou a melhoria destes espaços de moradia dos pobres. Os jornais, como previsto, afiançaram, nas reportagens que se seguiram, a necessidade de promover a limpeza da urbe. Afinal, a elite leitora considerava que as doenças que espreitavam os seus respeitáveis lares tinham origem ali.

A matéria publicada na edição do dia 11 de setembro de 1906, na primeira página do Diário Popular, revela de modo claro a situação da cidade, descrevendo o cenário encontrado pelo grupo de jornalistas no dia do passeio.

Na sua maior parte, eles não são moradias humanas: são antros sem ar, sem luz, furnas úmidas, antecamaras dos hospitais da Santa Casa, focos de anemia, de tifo e da terrível tuberculose, onde os desprotegidos da sorte se revesam, contaminando-se de tais males, que depois trazem cá para fora, propagando-os pelas oficinas e pelos nossos lares.

Nesses cortiços, empilhados, vivem dezenas de indivíduos: quatro, seis, oito e mais por cubículo! Cinquenta, sessenta, oitenta num corredor estreito, onde não

¹⁵ Termo atual utilizado no jargão das redações para designar viagens patrocinadas para a imprensa.

esbatem-se, benfazejos, os raios do sol, onde uma água esverdeada brota do chão, das paredes amareladas, com grandes máculas escuras de expectoração.

Num estreito espaço está tudo: leito, mesa, bancos, baú, bacias, fogareiro, o cão, o gato e os vasos de noite... ou as latas que fazem o efeito destes.

Em alguns, então, quando a chuva despenha-se, não há dia!

Seus moradores, para que o *cômodo* não fique alagado, fecham as minúsculas portas e janelas de madeira, sem vidros, e lá dentro, à luz mortiça de um candeeiro, alimentado a azeite, ou de uma vela de sebo, exalando odores repugnantes, em consórcio com as emanações do carvão, que crepita em fogareiros, desenrola-se a vida doméstica!¹⁶

Outros cronistas, na mesma época, também assinalaram as péssimas condições de vida destas habitações. Arthur Hameister, assinando-se com o codinome de Vitú, pelo qual se notabilizou, dispara, na edição de 15 de março de 1905, na coluna Notas do Dia, no Diário Popular, acerca do entorno da rua Tiradentes, tradicional zona de cortiços:

“Aquilo não é rua, não é quadra, não é nada: é um inferno. É a caldeira do Pedro Botelho, é a famosa latrina do mercado, a qual não tem água, nem esgoto, e atira para ali tudo o que nela se contém. Mas, não só os imundos detritos da latrina invadem a desventurada e mal nivelada quadra, mas também os despejos de quase todos os moradores do mercado! Não há quem possa resistir à noite e às horas de sol ardente, as emanações mortíferas que se exalam das sarjetas daquele local. É bem de prever que, se ao mal não derem remédio, em breve veremos irromper dali o cólera-morbus, à frente da bubônica, da tísica, das febres e do tifo”.¹⁷

É importante salientar que esta realidade não se passava ao largo da convivência das elites, que circulavam pelo centro da cidade. Ao contrário. Tudo isso tinha lugar no centro, ocupando casarões ou terrenos, compondo a paisagem urbana da qual também faziam parte os velhos barões do charque e seus herdeiros, bem como os comerciantes, os industriais e os trabalhadores autônomos, que davam forma à nova classe média pelotense. Sendo assim, é óbvio supor que Simões Lopes Neto não somente tinha conhecimento desta realidade, como convivia com ela diariamente. Como morador e frequentador do centro, passava por esses locais regularmente, topava com seus moradores, quem sabe até conversava com eles e ouvia-lhes as queixas.

Outro dado merece menção. Nos endereços em que viveu, tudo indica que o escritor tinha cortiços como vizinhos. Nas proximidades da casa da Rua Sete de Abril (atual Dom Pedro II, onde hoje está o Instituto João Simões Lopes Neto) havia cortiços, conforme citado na mesma matéria do Diário Popular de 1906. Posteriormente, quando se mudou para residência humilde, na Quinze de Novembro, também teve a companhia próxima destas moradias

¹⁶ Diário Popular, 11/9/1906, p.1. O texto completo está digitado e com a ortografia atualizada, no primeiro anexo, ao final deste trabalho.

¹⁷ Diário Popular de 15 de março de 1905, p.2. In: GILL, Lorena, 2007, p.102.

populares. No inventário de Catão Bonifácio, de 1896, consta que ele e as irmãs herdaram algumas casas e terrenos, um deles localizado na mesma rua Quinze de Novembro, que continha contrafeitos. Estariam eles habitados? É possível, já que neste ano essa modalidade de habitação era comum na cidade. O escritor não ficou com este terreno, ao fim da partilha dos bens de Catão. Mas a informação ilustra a consciência que João Simões tinha desta realidade – tanto que marcou a presença deles em sua série de crônicas.

Destes ambientes, que nos *Inquéritos em Contraste* ele chama de cortiços, becos ou corredores, saem boa parte de seus personagens. Na segunda crônica da série, *Um Corte de Criada*, ele descreve uma dessas moradias, atribuindo características muito semelhantes àquelas mencionadas pelo redator do *Diário Popular*, na reportagem de 1906. E posiciona ali a criada, com quem trava longa entrevista e de quem disse querer extrair a psicologia, a essência. Na sequência, outros tipos oriundos dos cortiços também passeiam pelos *Inquéritos*: os jogadores, a feiteira, os doentes, os mendigos, o trabalhador pobre, os músicos seresteiros, as bodegueiras e prostitutas.

Rusga no Beco, terceira crônica da série, é um exemplo dos desdobramentos dos cortiços. No início do século 20, a rua Tiradentes e os becos em seu entorno, onde havia inúmeras habitações como essas, tornaram-se a principal zona de bodegas da cidade. Isso quer dizer que ali estavam os bares em que rolava música, comida, bebida, jogo e, principalmente, meretrício. Nas mais sofisticadas, era possível encontrar desde prostitutas francesas até mesas de bacará e roleta. A dona de um destes elegantes cassinos, diz-se, era predileta de políticos de alta cepa, permanecendo invisível por largos anos aos atos da polícia e da fiscalização municipal. Mas a maioria dos estabelecimentos era frequentada por marinheiros, pescadores e trabalhadores, com pouco dinheiro para gastar e muita disposição para a farra. Em seu blog *Pelotas de Ontem*, o livreiro e pesquisador Adão Monquelat conta, em postagem do dia 4 de fevereiro de 2016, sobre uma das mais conhecidas e turbulentas bodegas da rua Tiradentes, que pertencia a uma italiana chamada Catharina.

É nesta transição e cenário que vemos surgir bem próximo ao quadrilátero do poder político e econômico as primeiras bodegas da Rua Tiradentes, uma delas de propriedade da italiana de nome Catharina Cuniga; bodega que, em curto espaço de tempo, se tornaria célebre e contribuiria para que esta rua se tornasse, por longas décadas, o assunto preferido das páginas de ocorrências policiais¹⁸.

¹⁸ MONQUELAT, Adão. A bodega da italiana Catarina. *Pelotas*: 4 de fevereiro, 2016. Disponível em: <http://pelotasdeontem.blogspot.com.br/2016/02/a-bodega-da-italiana-catarina.html>. Acesso em 8 de março de 2016.

Em entrevista à autora, Monquelat destaca que, nos jornais pelotenses que pesquisou, que abarcam as décadas de 1910 e 1920, as citações sobre a bodega da Catharina são frequentes, sempre relacionadas a badernas, bebedeiras e prostituição. Em seleção de recortes dos periódicos, que serão utilizados em futuro livro, o pesquisador destaca ocorrências como brigas, pancadaria e até mortes, protagonizadas nos balcões da bodega.

Esta Catharina, personagem conhecidíssima de quem circulava por aqueles arredores, não passou despercebida por Simões Lopes Neto. Em *Rusga no Beco*, o escritor narra a tensão, as intrigas e o desfecho de uma das corriqueiras brigas que ocorriam no local, que normalmente acabavam na delegacia. Ele abre o Inquérito do dia descrevendo o ambiente – o entorno da Rua Tiradentes – e dando notícia de uma de suas mais conhecidas moradoras.

Chamemos, porém – apenas por dar mal sentido –, chamemos beco à quadra 11^a da Rua Tiradentes.

É a Whitechapel mirim das nossas tropas fandangas: é a zona das chamadas – bodegas –

Aí trusteeia, por direito de antiguidade, uma Catharina, que não tem nada da Rússia...; esta é italiana. É a decana dos balcões da pá virada; vende tragos de abrideira, salames, queijo e pão, além de horas sesteáveis... Se fornece comida quente será apenas para uma certa corte ambulante, de pelos vários e que dá pelos nomes, rinchantes, uns, dulçorosos, outros de Niquinha, a Zéca, Laydes, Ondina, Celeste, a Frangalho, a Torta...

E o texto segue percorrendo sobre os frequentadores da bodega e chega ao seu ápice quando estoura a briga e todos – marinheiros e prostitutas – vão parar no posto policial.

Outro fruto da estrutura dos cortiços presente nos Inquéritos em *Contraste* é a doença. O início do século 20 foi tempo de epidemias e, principalmente, de tuberculose em Pelotas. O estudo feito pela professora Lorena Gill revela que a tuberculose foi a doença que mais mortes provocou na cidade na virada do século 19 para o 20. As vítimas da moléstia altamente contagiosa, segundo a pesquisa, eram os mais pobres, com menos acesso a condições mínimas de higiene, alimentação e moradia. Ela aponta:

Os tuberculosos de Pelotas, conforme apontamentos presentes nos Relatórios de Internamento e Enterramento da Santa Casa de Misericórdia eram, em sua maioria, homens, brasileiros, naturais da zona urbana, jornaleiros ou domésticos, negros ou pardos, solteiros, com idades entre 21 e 35 anos. A informação, no entanto, que perpassa todas as demais características era que os adoentados geralmente tinham suas vidas relacionadas à pobreza, isto por que viviam em locais com infraestrutura precária, trabalhavam em lugares insalubres, sem que tivessem, muitas vezes, acesso a médicos e tratamento, mesmo aqueles existentes visando apenas prolongar ou dar uma melhor qualidade de vida aos pacientes.¹⁹

¹⁹ GILL, 2007, p. 192

Por sua presença contundente no cotidiano de Pelotas, a tuberculose encontrou lugar de destaque na série *Inquéritos em Contraste*. Aparece pela primeira vez no quinto texto da sequência, o *Anjo da Meia Noite*. Os filhos do P'reira estão doentes, quase à morte, como revela o personagem, que diz estar aguardando que as crianças entreguem suas “alminhas” a Deus. Sofrem de escrófulas, inflamação nos gânglios ou nódulos linfáticos na região submandibular e cervical, que é um dos tipos de tuberculose – a versão mais conhecida da doença é a pulmonar, mas o bacilo pode atacar vários órgãos. Fisicamente, a doença se caracteriza pela presença de feridas purulentas de aspecto repulsivo na região do pescoço. Comprovando os estudos sobre a epidemia, os pequenos estavam condenados, à espera da morte, que ocorreria na Santa Casa, local para onde eram levados os doentes que não tinham condições de se tratar em casa, com médico particular.

Em *Mísera Grandeza*, nona crônica da série, a doença se revela, novamente, em sua face mais cruel, a atacar uma criança. A moça de olhar sensual e figura sedutora, que aceita a corte de um desconhecido na rua, é, na verdade, uma mãe desesperada, sem dinheiro para comprar remédio para o filho, que está à morte. A julgar pelos sintomas descritos pelo narrador – respiração ruidosa (estertor) e rascagem violenta de engasgado –, o menino sofria de grave condição pulmonar e respiratória, sendo a tuberculose a hipótese mais provável. No décimo primeiro texto da sequência, *O Banco da Santa Casa*, a tuberculose aparece nominalmente citada, em três personagens bastante distintos – uma mocinha de lindo perfil, um rapazola sardento e um mulato moço. Todos aguardam atendimento enquanto tosse, acomodados em um dos cantos do hospital. O cronista estava consciente de que a epidemia atacava a todos, especialmente os pobres, que eram os sujeitos de interesse da maioria dos *Inquéritos*. Ainda nesta crônica se pode perceber outras moléstias comuns na época, como a lepra, que acomete uma senhora, e um largo sortimento de doenças infantis que podem ter vitimado a “mulatinha marasmática” que morreu no colo da mãe, enquanto o irmão, saudável, brincava de jogar futebol. Segundo a professora Lorena Gill, os males mais comuns na infância eram raquitismo, sarampo, difteria, meningite, escarlatina, coqueluche e poliomielite.

Os cortiços, com suas condições precárias de higiene, eram os locais perfeitos para a disseminação da tuberculose, como citou o jornalista do *Diário Popular* em 1906. Além dos ambientes fechados e com aglomeração de pessoas, os locais eram residência de gente muito pobre, que trabalhava em condições sub-humanas e alimentava-se mal. Uma vez em contato com o bacilo causador da tuberculose, era esperado que demonstrassem os sintomas em curto espaço de tempo, já que as resistências corporais e as defesas naturais do corpo pouco podiam, devido à qualidade da vida daquelas pessoas.

Junto com a tuberculose a floraram os falsos médicos e curandeiros, já que nesta época era assegurado o livre exercício da medicina. Do total de doentes, pouquíssimos procuravam a Santa Casa para alívio e tratamento. A maior parte ficava em casa e, sem dinheiro para arcar com os custos de um médico ou enfermeiro profissional, consultavam-se com quem aparecia alardeando a cura da tuberculose ou o alívio dos sintomas. Os chamados feiticeiros, que praticavam os rituais de matriz africana, eram os mais procurados. Na sua maioria, diziam rezas e benzeduras e preparavam remédios à base de ervas de chá, plantas, raízes e produtos naturais.²⁰

Nos *Inquéritos em Contraste*, no entanto, as feiticeiras não aparecem como curandeiras, mas como manipuladoras dos destinos e rumos de quem as procurava. Na oitava crônica da série, *Tia das Encomendas*, o jornalista compõe a figura da feiticeira e narra o encontro entre ela e a mulher que vai em busca de seus préstimos. A doença passa longe das habilidades da feiticeira em questão – sua especialidade são amores e vinganças. Mas, como as demais, esta é negra e mora em local rebaixado da cidade, muito provavelmente um cortiço.

A presença dos negros, aliás, é tema que merece comentário. Simões Lopes Neto conheceu a escravidão na infância, mas, ao que tudo indica, o mais perto que chegou deste drama foi na figura do irmão de leite Simeão, com quem brincava e de quem permaneceu amigo na idade adulta. Em sua ficção, os negros tiveram poucos, mas grandes momentos, que sejam o Negro Bonifácio, nos *Contos Gauchescos*, e o Negrinho do Pastoreio, nas *Lendas do Sul*.

Ao produzir uma série de reportagens/crônicas urbanas, porém, a coisa mudou de figura. A presença do negro ex-escravo ou descendente de cativos era massiva no ambiente urbano, tornando-se parte da paisagem social dos submundos que o escritor pretendeu retratar. Mesmo tendo transcorrido 42 anos desde a assinatura da Lei do Ventre Livre e 25 anos da Lei Áurea, que aboliu a escravidão, os rastros deste passado ainda estavam muito vivos no dia a dia de todas as cidades brasileiras, especialmente aquelas em que a escravidão foi a base para a economia, como é o caso de Pelotas. Não havia mais negros cativos nas charqueadas, muitas delas já extintas a esta altura. Mas isso não significou, como se sabe, condições dignas de vida para os recém-libertos e seus descendentes. Assim, os cortiços e becos estavam repletos de famílias formadas por gente oriunda do regime escravo, sem meios para manter-se, já que o trabalho assalariado era escasso e mal remunerado.

Daí surgem as figuras negras que povoam os *Inquéritos em Contraste*. O filho da cozinheira negra que mora no cortiço, em *Um Corte de Criada*; o Friagem, um dos integrantes

²⁰ GILL, 2007, p. 209 a 214.

do grupo de serenata que desaparece com o dinheiro da licença, em *Serenata Sem Licença*; a cabrocha pernóstica, que também é vítima da falcatura do macaco no açougue, em *O Macaco Tudo Aguenta*; a feiticeira da Tia das Encomendas. Em pelo menos um caso, porém, o escritor deixa uma marca por onde se pode espiar o imenso abismo social que ainda enfrentavam os descendentes dos escravos no hostil ambiente urbano. Na crônica *O Banco da Santa Casa*, vê-se uma “moça preta e tafulona”, que aguarda atendimento enquanto a filha, uma “mulatinha marasmática” agoniza em seu colo. No momento de maior tensão, quando aproxima-se o desfecho, o narrador comenta que ali morria a menina, “filha das suas entranhas amorudas dum branco, por ser branco...”. A mulatinha que ali morria era filha, provavelmente bastarda, da negra com um homem branco, a quem ela se entregou (ou por quem se apaixonou, como sugere o cronista) justamente por ser branco. Nesta simples e ligeira marca Simões Lopes Neto deixa antever o drama que assolava – e assolaria ainda por muitos anos – a sociedade pelotense, a posição de inferioridade dos negros. Não há comentário sobre a condição financeira do pai da mulatinha. Sabe-se apenas que era branco e que não estava presente naquela manhã durante o tempo de espera na Santa Casa. Ou era um branco pobre ou renegou a filha, negando-lhe cuidados médicos e condenando-a a morrer no banco do hospital que só recebia desfavorecidos e indigentes.

4.4 PARA LER OS INQUÉRITOS HOJE

Publicadas entre os meses de junho e agosto de 1913, as 17 crônicas tinham, normalmente, um intervalo de um ou dois dias entre elas. Houve, porém, caso de serem publicadas em dias seguidos (*Fim de Troça* e *O Banco da Santa Casa*, em 21 e 22 de julho) e de lacuna de 12 dias entre as publicações (*A Tia das Encomendas* e *Misera Grandeza*, em 21 de junho e 3 de julho). Houve até a publicação de um texto de outro autor, Arthur Azevedo, ambientado no Maranhão, em algo que parece muito mais uma tentativa de preencher o espaço do que o aproveitamento consciente de matéria relacionada ao tema escolhido pelo cronista para a série. Para a publicação, João Simões não explica como obteve aquele material e não diz se foi ou não autorizado a reproduzi-lo. Diz apenas que encontrou pronto o que desejava fazer e que, por isso, o estava republicando. O episódio revela, por um lado, que o pelotense estava atento e frequentava a produção de escritores e jornalistas de outros cantos do país. Por outro, demonstra o forte amadorismo na rotina da imprensa na época, que tornou possível uma reprodução sem maiores implicações.

A rotina de João Simões na redação da Opinião Pública é, por si só, matéria que incita especulação. Quando começou a colaborar com a imprensa pelotense, iniciando-se na crônica de circunstância e comentando os aspectos gerais e passageiros das questões da cidade, no final do século 19, o fazia voluntariamente. E assim procedeu durante praticamente toda a sua carreira jornalística, revezando-se em quase todos os periódicos da cidade. Criativo e inquieto, inventava seções e desafiava a si próprio de formas variadas. Começou com as Balas de Estalo e foi forjando colunas e espaços em que se propôs a comentar, com o instrumental próprio que evoluía conforme o seu amadurecimento intelectual, as coisas mezinhas e as grandes questões da cidade. Sempre espontaneamente, conforme a sua disposição para a produção dos conteúdos, ou, no máximo, movido por convites amigáveis dos diretores das folhas para as quais colaborava. Sem ganhar dinheiro em troca deste trabalho ou recebendo algum pagamento ocasional, do que não se tem comprovação.

A natureza do trabalho do jornalista modificou-se, no entanto, justamente no ano de 1913, quando ele se torna redator remunerado da Opinião Pública. Vivendo com escassos recursos provindos das aulas que dava, João Simões havia se tornado um trabalhador assalariado, um jornalista que não mais poderia colaborar quando e como quisesse, mas que deveria cumprir uma quantidade determinada de funções dentro do jornal. Não poderia mais escrever somente quando lhe agradasse e na frequência que quisesse, já que seu trabalho, agora, era justamente escrever o que precisava estar nas páginas do periódico no dia seguinte.

Junto com ele, outros compunham o corpo dos redatores e repórteres da Opinião. Cabia a João Simões os textos relativos ao comércio, artes e literatura, conforme legenda que acompanhou uma foto da redação publicada em 1916, a última em que o escritor aparece.

Mas o que fazia um redator? Diferente da dinâmica praticada nas redações atualmente, os repórteres chegavam com as informações, que eram repassadas aos redatores, responsáveis por preparar os textos e encaminhá-los para a paginação. Não há depoimentos sobre a natureza do trabalho de João Simões no dia a dia das redações, mas é plausível supor que, com ele, a dinâmica fosse a mesma. Além disso, como era homem de ideias e criatividade, por quem os colegas de ofício nutriam respeito e admiração, devia ter a liberdade de criar espaços em que pudesse escrever de maneira autoral, sobre os temas que lhe agradassem, com a forma que quisesse. É provável que tenha sido assim o processo de criação dos Inquéritos em Contraste. Instigado pela própria curiosidade e tentado a experimentar uma nova forma para o comentário do cotidiano, tomou a decisão de inaugurar a coluna. A essa curiosidade pode ter se somado uma provocação dos seus colegas, já conhecedores do potencial narrativo que poderiam ter os

seus textos sobre um mundo que, apesar de transcorrer no centro da cidade, passava meio despercebido das elites que consumiam o jornal.

Assim, planejou suas incursões pelos subterrâneos da cidade, conforme anuncia na abertura da série. As primeiras nove publicações cumprem à risca a proposta enunciada, com reportagem feita nos becos empobrecidos, sujos e menos conhecidos da cidade. A décima, Fim de Troça, destoa do tom empregado nos textos anteriores, atendo-se ao comentário do que pode ser considerado um contraste, uma contradição entre as gerações atuais e as antigas. Em seguida, o ritmo narrativo é retomado com O Banco da Santa Casa, relato impressionante que, mesmo com forte caráter descritivo, obtém alta tensão narrativa em seu desfecho, sempre ressaltando o contraste, neste caso entre a saúde e a doença. As crônicas que seguem são, ora reportagens que cumprem o propósito da série, ora comentários da vida urbana, do comércio e das figuras que povoam Pelotas. Mas, por que a irregularidade nos temas e na sua execução, se a série foi planejada e seu método exposto na coluna inaugural? A resposta, meramente especulativa, pode ter mais de uma razão: acúmulo de trabalho na redação, que o impedia de sair à rua para colher as situações que seriam objeto de suas narrativas, e agravamento do estado de saúde, que já nesta época causava transtornos ao escritor. Outras razões podem entrar na conta, como conflitos com amigos, comentários negativos ou interesses em outros projetos – é bom lembrar que a primeira edição de *Lendas do Sul* estava sendo impressa. Pode-se considerar também a personalidade um tanto desorganizada e dispersa, que em nada combinava com os prazos e urgências do trabalho em uma redação. Tudo isso pode tê-lo feito espaçar algumas das publicações ou publicar o texto de outro autor no lugar que deveria ser seu, sem justificativa convincente para seus leitores.

No dia 9 de agosto, ainda em pleno inverno de 1913, o último Inquérito sai impresso na página do jornal. Com o título de Mais Cães e Gatos, o cronista parece responder a críticas que recebeu, talvez pelo conteúdo das crônicas anteriores. “Uns incorrigíveis curiosos, muitos terríveis perguntadores, se não deram por satisfeitos e teimaram que o cronista esvaziara o saco e que não mais era capaz de escamar um outro bocado de contrastes”, disparou João do Sul logo no segundo parágrafo de seu derradeiro Inquérito. A este comentário segue-se uma lista de nomes engraçados e contraditórios de estabelecimentos comerciais de Pelotas, além da irônica menção aos nomes modernos dados aos bebês naqueles dias. Ao final, ainda comentando o absurdo (e o contraste) de cães, cavalos e vacas batizados com alcunha de gente, o cronista afirma que o melhor mesmo será dar fim à série. “Melhor será... o ponto final”. E foi assim, com pouco alarde e quase nenhuma justificativa, encerrada a empreitada de esmiuçar os subterrâneos da cidade.

Tivesse continuado a tarefa por mais tempo, o que poderia ter transformado em narrativa? O que mais poderia dizer, por exemplo, sobre estes nomes estranhos, ou sobre os bizarros estabelecimentos comerciais que enumera? Que outros contrastes poderia ter descoberto em Pelotas, em seus contemporâneos, na economia fervilhante da metrópole? E, principalmente, que outros tipos humanos teria encontrado nos subterrâneos que não visitou? Que narrativas poderia ter engendrado?

Está claro que ele não quis, ou não pôde (ou os dois), dar sequência ao seu exercício narrativo de cronista e repórter naquele momento. Despediu-se conscientemente, sem retomar o projeto, depois de 17 edições. Teria sido somente isso que planejou ou algo, no meio do caminho, o fez declinar do esforço, como já lhe acontecera tantas vezes, em tantos outros jornais? Depois de despedir-se dos Inquéritos, João Simões continuou sendo redator da Opinião Pública, cumprindo com as obrigações que o cargo exigia. A criação dos Inquéritos, por isso, parece ser uma espécie de atividade extra, um projeto pessoal que o diferenciaria dos demais trabalhadores remunerados da imprensa, do qual ele poderia se liberar quando bem quisesse. E foi o que fez.

5. INQUÉRITOS EM CONTRASTE

Fazer a leitura, hoje, da série de crônicas/reportagens criada por Simões Lopes Neto em 1913 pode ser exercício esclarecedor e revelador sobre o alcance de sua técnica narrativa e de sua percepção do mundo urbano que o cercava. Para isso, no entanto, é necessário estabelecer com ela diálogo e intimidade semelhante àquele que os contemporâneos do escritor mantinham, removendo as barreiras impostas pelo tempo que distanciam o leitor atual daquilo que foi escrito no começo do século 20.

Como já foi mencionado, os textos da série *Inquéritos em Contraste* foram publicados, na íntegra, somente duas vezes: a primeira com a redação e edição feitas pelo seu autor, nas páginas do jornal *A Opinião Pública*, e a segunda uma republicação sem maior interferência, no *Diário Popular* em 1983. Agora, 103 anos depois, o material foi submetido, talvez, à sua primeira reedição anotada e comentada. O objetivo foi interferir o menos possível na forma original dos textos, preservando ao máximo a feição dada por Simões Lopes Neto ao material. Portanto, a alteração mais significativa foi a atualização ortográfica e gramatical, que ocorreu para adequar os textos às normas atuais e correntes da língua portuguesa. A pontuação, característica marcante da escrita do autor, foi preservada tal como está feita no jornal. Apesar de parecer estranha em alguns momentos, a pontuação já se revelou questão pertinente no debate da obra simoniana, como é o caso dos *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul*. Aqui, nos *Inquéritos em Contraste*, ela parece ser, mais uma vez, o reflexo do esforço do escritor para reproduzir com propriedade os ritmos da fala cotidiana, desta vez do ambiente urbano – motivo pelo qual não foi alterada. Também foram corrigidos erros mínimos, como espaçamento irregular, provavelmente fruto de falhas na tipografia, e alguma acentuação. Nada significativo a ponto de merecer comentário.

Com o objetivo de aproximar o leitor atual do conteúdo das crônicas, foram elaboradas notas de rodapé para esclarecer termos que possam ser desconhecidos, tais como palavras já em desuso e gírias (elas são frequentes, já que se trata de crônica urbana), e para recuperar informações de contexto relativas à realidade de Pelotas em 1913, indispensáveis para uma compreensão mais ampla dos conteúdos. Algumas notas também chamam a atenção para este ou aquele aspecto da leitura, da técnica narrativa ou da relação destes com outros textos do autor, sem, no entanto, constituir uma edição crítica.

Nem tudo o que pode estar obscuro ao leitor de hoje, porém, foi decifrado a contento – a despeito do esforço de pesquisa em documentos, dicionários e até conversas com outros pesquisadores, com interessados na obra simoniana e com pessoas mais velhas, normalmente

mais familiarizadas com gírias e palavras antigas. Do que não se obteve certeza, o significado foi ao menos especulado nas notas, sempre com a indicação de que, ali, está mais uma especulação do que uma informação esclarecida com precisão. E, quando nem especular o significado foi possível, optou-se por marcar a dúvida com pontos de interrogação (?), que igualmente estão presentes no conjunto de notas. O objetivo é marcar o caráter inacabado dessa investigação, que continua em curso.

Dessa forma, espera-se ser possível, mesmo depois de um século, promover o reencontro entre o jornalista/escritor e o seu público.

Inquéritos em Contraste¹

Têm Londres, Paris, New York, Berlim, Viena, as abóbadas da sua requintada civilização rebrilhando sobre os subterrâneos das mais estupendas misérias.

As glórias da ciência e das artes, as pompas régias e do mundanismo milionário, as fulgurações de todas as belezas, os requintes do luxo máximo terçam a la par² com as fantásticas verdades que o crime multiforme impõe; o assassínio, o roubo, o sadismo, a fome, o proxenetismo, o álcool, a crendice alvar³, o arrivismo, pululam no pulmão das grandes urbes, fermentando a formidável tuberculose⁴ social que mina e contamina esses colossais formigueiros humanos e irradia para o mundo inteiro as suas seduções e os seus malefícios.

Rio de Janeiro, Lisboa, Buenos Aires, Roma, exibem e escondem brilhos e mazelas semelhantes, se não de tão intensa vibração, por certo com os mesmos aspectos curiosos, ensejados nas mesmas origens, tendendo a consequências idênticas.

Escritores, críticos, filósofos – estudiosos deram às suas locuções atinentes, o tom elevado das dissertações profundas em prol da remodelação, a bem da humanidade...

Seja-lhes fecunda a campanha.

Nestes rápidos Inquéritos vamos tão somente esmiuçar a nossa pequena vida – social – provinciana, pacata, de dedo no nariz, dada a fazer nós no lenço⁵, e do mesmo passo sustentando certas graças do espírito, certo saber moer dinheiro⁶, não espantadiça de uns tantos rasgos largos, provindos de além, e gestos e tons e procederes que se tem adaptado e proliferado e aí vão medrando, que é um gosto examiná-los...

O contraste deles está em que as causas e os efeitos, que parecem repelirem-se, são elos lógicos que aparentando discordância reforçam-se em íntima concordância.

Pelotas, a cidade franciscana, se há que invocar a égide de seu padroeiro, a Princesa do Sul, se atentarmos na doçura de um velho e amável engrossamento, Pelotas, a centenária, se

¹ Coluna publicada no dia 10/6/1913, na página 4, como abertura da série. Note-se que, ao contrário das demais, esta coluna traz como título o nome que João do Sul deu à sua série de crônicas.

² Terçam: misturam em partes iguais; terçam a la par: gíria que parece recorrer ao espanhol para significar algo como equivaler, emparelhar. Outra hipótese é que tenha origem no francês “au pair”, significando a mesma coisa.

³ Crendice alvar: fé ingênua, sem questionamentos ou reflexão

⁴ Esta é a primeira vez em que a tuberculose é citada na série, já significando degradação das cidades.

⁵ De dedo no nariz: gíria da época de difícil definição, que parece ter relação com o próprio ato de colocar o dedo dentro do nariz, como uma atitude prosaica, caipira; dada a fazer nós no lenço: outra gíria datada que pode ter a ver com o antigo hábito de dar um nó no lenço para reforçar a memória para algo importante.

⁶ Certo saber moer dinheiro: Gíria cujo rastreamento preciso foi impossível. Parece tratar-se de desperdício de dinheiro, ou de investimentos mal feitos – algo que encontra ressonância na própria biografia do escritor.

nos recordarmos da comemoração de há um ano, Pelotas tem também as suas abóbadas iluminadas sobre subterrâneos escuros...

Apenas perceptíveis, é certo, umas e outros; tudo é relativo: nem pretendemos arvorar argueiros em cavaleiros⁷.

E para falar bem à moderna, diremos que na tela desses Inquéritos só correrão fitas⁸ apanhadas do natural.

A Inana⁹ já passou; aqui vai começar agora é um interrogatório à Cidade.

João do Sul.

⁷ Argueiros: partícula pequeníssima, grânulo, coisa sem importância; arvorar argueiros em cavaleiros: aumentar, avultar, engrandecer

⁸ Fitas: filmes. Nesta época o cinematógrafo estava em alta em Pelotas, com muitas salas passando diferentes tipos de películas. A palavra, no entanto, é utilizada em sentido figurado, como se o filme colhido da realidade fosse o único a figurar na série de crônicas.

⁹ Inana: aborrecimento, maçada, amolação.

Um corte de criada¹

A caminho dos subterrâneos!...

Vamos aos cortiços², já que estão em foco as visitas domiciliárias.

Há um grupo deles que tem nomes sugestivos e rebarbativos: há o “Beco do Sabão”, o “Curral das Éguas”, o “Corredor do Pimpão”, os “Sete Pecados³”, et reliquia.

Por feroz e zarro⁴ que seja cada qual destes e doutros cognomes, nem por isso os moradores armam revanches contra quem os pronunciar... a não ser que o faça achincalhando as palavras para atingir as pessoas.

Existe nos cortiços a mina da criadagem... e um tesouro de psicologia.

No dia deste inquerito, em um deles, abordamos uma rapariga tronchuda, que gozava o sol encostada à ombreira do portão geral. Pedimos-lhe informações sobre uma Maria qualquer, cozinheira, já mulher madura, preta, que tem um filho nas obras do Mercado⁵...

– Não sr., Maria... Maria, com filho grande, não há nenhuma aqui.

– Você mora aqui há muito?

– Quem, eu?... Trez mez’! É uma carestia⁶ desses quartos, que uma pessoa não pode!...

– Quanto paga, de aluguel?

– Quem, eu?... Um roubo! Dezoito mil réis; já estive por sete...; e tem-se que pagar por semana, quem não dá fiador. Ainda que mal pergunte: o sr. é da higienica⁷? Eu, por mim, cuido! Veja.

E mostrou seu quartinho, ali perto; uns dois por dois metros, paredes encardidas, recobertas de figuras de reclames, pintalgadas de moscas; chão de tijolo, esboroadado⁸; uma cama

¹ Crônica publicada na edição de 12 de junho 1913.

² O assunto da crônica é algo latente no cotidiano da cidade. Os cortiços, neste ano, são numerosos e abrigam grande quantidade de trabalhadores pobres, entre eles imigrantes e descendentes de escravos. Mesmo com as condições de saneamento e urbanização precárias, os preços dos casebres e dos quartos, como o da personagem, eram altíssimos se considerada a renda dos trabalhadores. Não havia esgoto ou água encanada e os banheiros (quando havia) eram compartilhados por muitos moradores. As “visitas domiciliárias” de que fala o cronista são as inspeções rotineiras das autoridades municipais, que nesta época estavam em franca campanha para fechar os cortiços sob o argumento sanitário, para impedir a proliferação de doenças.

³ Ao menos deste beco, o Sete Pecados, se tem notícia precisa de que se localizava em ponto ao longo da atual rua Dr. Cassiano, no centro.

⁴ Zarro: no dicionário quer dizer árduo, incômodo, penoso. Popularmente, no região Sul do Estado, a palavra também é usada para significar feio, o que parece ser a intenção do escritor, neste caso.

⁵ O Mercado Público de Pelotas começou a ser construído em 1849 e sofreu grande reforma, que redefiniu sua estrutura, entre 1912 e 1914. Muitos homens, oriundos das classes mais baixas e descendentes de escravos, trabalhavam, de fato, nestas obras.

⁶ Carestia: preços elevados.

⁷ Higienica: Delegacia de Higiene de Pelotas, que tratava quase que exclusivamente das condições sanitárias dos muitíssimos cortiços e becos existentes na região central e, desde meados da década anterior, empreendia uma cruzada para acabar com essas habitações na cidade.

⁸ Esboroadado: esfarelado, desgastado.

de casal, pintada a roxo-terra⁹; roupas em pregos; uma bacia rachada sobre uma caixa de querosene; dentro desta uma chaleira. Um caco de espelho, um facão, um violão e um fogareiro de barro completam a mobília, à vista.

– Escute: você é casada?

– Quem, eu?... Sou, sim, sr., pelo cartório e pela igreja; e o meu rapaz, também. Mas não se demos bem... e cada um se separou do seu casado, e então deu a sorte de nos juntarmos. Tirante de ser farrista, ele é bom rapaz; está esperando emprego no elétre¹⁰...

– A senhora é costureira, lavadeira, cozinheira?...

– Quem, eu?... Não, sr., eu vivo em casa. Não gosto de mostrar as minhas faltas aos outros...; e sempre que posso vou às fitas¹¹, só p’ra moer as linguarudas!...

– Mas, como então se arranjam vocês para pagar o quarto, comer, vestir, ir às fitas?...

– Quem, eu?... Ora! a gente sempre se arruma; o rapaz faz um biscate¹²; eu boto dois viténs, três, às vezes um tostão, no bicho¹³, na velha e na nova; quando a gente acerta, dá um pulo!

Alugar, é que não me alugo; já estou farta de aturar patroas, todas cheias de fidúcias¹⁴ e de etiquetas...

O sr. está pensando? Há muitas que apertam o bucho¹⁵ e mandam poucas peças p’ra lavadeira, só p’ra sobrar mais um bocado para irem ao cinema de chapéu chato e de vestido tremidinho¹⁶...

– Tremidinho... como, tremidinho?

– Ora!... O sr. até parece o homem dos cubos¹⁷ quando anda indagando quantas pessoas tem cada casa...

⁹ Roxo-terra: espécie de argila de cor ferruginosa. A cama devia ter cor encardida.

¹⁰ É provável que a palavra tenha sido escrita assim, pela metade, para preservar o ritmo da fala, tão caro a Simões Lopes Neto nesta série. É possível que a palavra seja “elétrica”, referindo-se a Companhia Elétrica Pelotense, que neste período estava às voltas com a instalação da iluminação elétrica na cidade e com os preparativos para a instalação dos bondes elétricos, que entraram em operação em 1915.

¹¹ Ir às fitas: refere-se aos cinematógrafos, nesta época instalados em vários locais da cidade, que se popularizaram rapidamente.

¹² Biscate: serviço simples, rápido e normalmente braçal

¹³ Jogo do Bicho, inventado cerca de 20 anos antes, no Rio de Janeiro, e que, nesta altura, era prática corriqueira em todo o país

¹⁴ Fidúcia: atrevimento, presunção, vaidade

¹⁵ Apertar o bucho: gíria que, provavelmente, refere-se à economia, à reserva de dinheiro de quem deixa de gastar em coisas importantes para direcionar os recursos para outros fins. O significado deste termo, porém, está apenas especulado.

¹⁶ Chapéu chato e vestido tremidinho: peças que estavam na moda entre as mulheres. Os nomes destas peças eram, ao que tudo indica, conhecidos apenas no universo feminino, pois nem o cronista os decifrou.

¹⁷ Homem dos cubos: Como não havia saneamento básico e rede de esgotos em Pelotas nesta época, o recolhimento dos dejetos era feito pela figura do homem dos cubos, também chamado, em algumas

O sr. bem que me entende! O que custa muito é o carvão¹⁸; estes vendeiros roubam a gente, que é um desaforo: um pinguinho assim, de pó, duzentos réis!... Eles dizem que é por causa dos impostos... sei lá!

– Mas, vamos lá: você não tem cara de necessitada!...

– Quem, eu?... Ah... é que tem um sr. que às vezes vem cá falar com o meu rapaz, e quando ele não está, sempre me deixa algum presente... É um sr. muito sério.

– Está se vendo!... Então, de aluguel, nada?...

– Quem, eu?!...

localidades, de cabungueiro. Os cubos ou cabungos eram recipientes de madeira, feitos em tanoarias, posicionados embaixo das latrinas, para que ficassem depositados ali os dejetos. De quando em quando, de acordo com o número de moradores de cada habitação, os cabungueiros passavam para recolher o recipiente cheio e deixar em seu lugar um limpo, asseado com óleo e creolina. Em Pelotas, os cubos eram despejados no São Gonçalo. Nas regiões mais afastadas nas cidades de Pelotas e Rio Grande, o cabungo era carregado em carroças pelos próprios moradores até o local mais próximo, como o São Gonçalo ou a Lagoa dos Patos.

¹⁸ O comércio de carvão vegetal era atividade intensa na época, especialmente nas moradias mais pobres, como os cortiços. O carvoeiro, que comercializava o produto, passava pelas ruas em carroça, vendendo carvão em sacos ou baldes. O produto era utilizado para aquecer os ambientes, no inverno, e para aquecer água e cozinhar.

Rusga no beco¹

Beco, aqui, vai como uma figura de retórica, porque em Pelotas não há becos; é até uma anomalia...

Chamemos, porém – apenas por dar mal sentido –, chamemos beco à quadra 11^a da Rua Tiradentes².

É a Whitechapel³ mirim das nossas tropas fandangas⁴: é a zona das chamadas – bodegas.

–

Aí trusteeia⁵, por direito de antiguidade, uma Catharina⁶, que não tem nada da Rússia...; esta é italiana. É a decana dos balcões da pá virada; vende tragos de abrideira⁷, salames, queijo e pão, além de horas sesteáveis⁸... Se fornece comida quente será apenas para uma certa corte ambulante, de pelos vários e que dá pelos nomes, rinchantes, uns, dulçorosos, outros de Niquinha, a Zéca, Laydes, Ondina, Celeste, a Frangalho, a Torta⁹...

Por vezes, marinheiros batidos de temporal¹⁰ lançam ferro¹¹ por aquelas paragens; e dá-se que coincida ser em dia e horas que certo pessoal de terra firme ande empilchado¹².

As divas, rogadas a palmadas e beliscões, aceitaram o convite e estão tascando os salames oferecidos pelos marítimos; entram os outros e sem ao menos – boa noite! – mandam botar umas doses de canguára¹³...

E depois de cheirá-la, bebem-na.

¹ Publicada na edição de 14 de junho de 1913

² Antiga Rua Martins Coelho, a Tiradentes foi batizada assim 35 dias antes da queda do Império, em 1889, por pressão dos políticos liberais que ocupavam a Câmara Municipal. As ruelas que localizavam-se na altura da 11^a quadra da Tiradentes eram conhecidas como a zona das bodegas, com festas regadas a bebida e prostituição, realizadas em casas e bares.

³ Whitechapel: bairro londrino que, no final do século 19, era conhecido pela pobreza acentuada de seus habitantes e também por ser uma das zonas de meretrício da cidade. Em 1888 ficou famoso por ter sido cenário dos medonhos assassinatos praticados por Jack, o Estripador, que vitimou, justamente, prostitutas.

⁴ Tropas fandangas: grupo de desordeiros, indisciplinados.

⁵ Trusteia: monopoliza.

⁶ Catharina Cuniga, bodegueira italiana famosa nesta época pelas confusões, brigas e até mortes ocorridas em seu estabelecimento.

⁷ Tragos de abrideira: gíria de origem portuguesa, que quer dizer bebidas alcoólicas de toda a sorte.

⁸ Horas sesteáveis: tempo para desfrutar na companhia das prostitutas. A expressão revela que a bodegueira, além de administrar o bar, também aliciava as mulheres.

⁹ De ao menos uma destas mulheres se tem notícia concreta. A Maria Torta, aqui chamada apenas de Torta, foi uma conhecida prostituta da bodega da Catharina, frequentemente envolvida em incidentes que acabavam na delegacia.

¹⁰ Batidos de temporal: atracados devido ao mau tempo

¹¹ Lançar ferro: ancorar, na gíria marítima

¹² Empilchado: alguém que está com dinheiro farto. Note-se que, nos Contos Gauchescos, Simões Lopes Neto usa o antônimo desta palavra, “despilchado”, para falar do gaúcho humilde, sem posses.

¹³ Canguára: aguardente de cana, cachaça.

A Celeste, a Laydes, a Torta, insensivelmente, aceitaram saúde e benzeram os copos...

E entre canguáras e salames, entre cachimbos e quebra-queixos¹⁴, vai-se fechando o tempo; o raio que estala é geralmente um alisamento mais enérgico que qualquer dos presentes se permite fazer às formas buliçosas de alguma das convidadas...

Rompe o rolo: trunfo é paus¹⁵... e cinto com fivela¹⁶, quando não corisca alguma lâmina ou não berra algum tiro!...

Brados da Catharina; os grilos tridem; os agentes da polícia que¹⁷, às vezes, chucha as... sobras; daí a pouco, no posto¹⁸ o comissário interrompe a leitura d'... A Opinião Pública.

Esfuziam explicações e as grades engolem os pessoais.

No dia seguinte, uma confissão:

– Então, pequena, que diabo foi aquilo?

– Não foi nada; a cadeia não se fez pros cachorros!.. Tudo foi a invejosa da Curtida, por ciúmes da Ondina...

– E agora, a carceragem?

– Os rapazes já estão arrançando, para nós as três; cada um dá um bocado ou arranja fora e assim completam os migueis...

– E eles, depois? Ficando sem dinheiro...

– Ah! eles?... Eles estão acostumados, gramam¹⁹ uns dias na picareta, e está pronto. O que eles têm agora, é nosso; a briga não tem nada com isto; eles ficam, mas nos tiram! Nós saímos, isso é que é!

– Mas vocês são umas ingratas!

– Ich! quem disse?...

– O certo é que eles ficam aqui, gurnindo²⁰ no duro, e vocês...

– Ué! Desde que Deus fez o mundo já foi assim mesmo; homem, por mulher, é o mesmo que macaco por banana...

Pois entre vosmicês de colarinho em pé, não é a mesma coisa?...

¹⁴ Quebra-queixo: charuto de péssima qualidade.

¹⁵ Trunfo é paus: gíria que, provavelmente, tem relação com o jogo de bisca, carteadado comum na região Sul, em que o trunfo não é uma carta, e sim um naipe. Assim, pode-se especular que a expressão quer dizer que a briga fechou naquele momento. No baralho espanhol, utilizado para jogar bisca, o naipe de paus é representado pela figura de um tronco, semelhante a um tacape.

¹⁶ Cinto com fivela: peça do vestuário utilizada, neste caso, para proferir golpes contra os demais participantes da briga, na falta de armas brancas ou de fogo.

¹⁷ Nesta frase, o original está bastante danificado, dificultando a leitura e decifração. O texto, aqui, é especulado.

¹⁸ Posto: posto policial

¹⁹ Gramar: suportar trabalho pesado, sofrer.

²⁰ Gurnir: suportar incômodos

– Escuta cá: e os troços, de vocês?

– Ah! isso a Catharina cuida; nesse ponto ela é uma madama muito séria! Pode-se deixar ouro em pó!...

Serenata sem licença¹

Num quartinho pequeno, onde mal cabe o catre, uma mesinha e dois caixões-cadeiras, estão acondicionados oito malandros, de cabeleiras bipartidas, lencinhos azuis ou brancos, ao pescoço, estes de botinas amarelas bordadas de salpicos de lama, aqueles com o seu ralo poncho pala sobre os ombros.

Houve um ajuste para uma serenata, estamos em cima do ensaio²; resolveram todos perder, hoje, meio dia... e a noite, com o meio dia seguinte.

Dois violões, um cavaquinho, uma gaita de boca. O da flauta não veio ainda.

Dos oito, quatro tocam, quatro ouvem; nos intervalos, um dos ouvintes passa aos executantes uma garrafa; quatro beijos, sucessivos, afagam a menina³, que contém mel de pau, que é um suave eufemismo para dizer cachaça com mel, que é uma bebida para corroborar a fibra...

Vá o leitor agora desfiando o diálogo, porque a tinta está cara e assim deixamos de gastá-la escrevendo os nomes de todos os serenatistas.

– Como é, chê?... e a licença?

– Não precisa; nós se demos muito com o 141; ele é que cai de ronda, hoje, naquelas bandas...

– Vai atrás!... O que ele quer é entrar de carancho⁴ na casa da pequena... ela já me disse... mas eu não aguento!

– Seu Ananias, dê o lá⁵...

– Nessa hypothes⁶ o meu bordão está emendado... e falha o tom!

– Não, chê, comigo é nove⁷: o 141 anda de má tenção!

– Não anda, eu conheço ele! É de palavra!

¹ Publicada no dia 17 de junho de 1913. As serenatas eram prática comum em muitas cidades brasileiras, incluindo Pelotas e a vizinha Rio Grande, onde as funções de músicos amadores que promoviam cantorias na frente de casas de amigos foram corriqueiras até a segunda metade do século 20. Neste período, porém, para conservar a ordem, era necessário tirar uma licença para poder tocar serenata na via pública. Esta licença era concedida mediante o pagamento de certa quantia.

² É interessante notar como o cronista coloca-se como participante da cena, mas sem fazer parte dela efetivamente. Ele não toca nem canta. Mas assiste a tudo de posição privilegiada e, por estar tão inserido no evento, dá o ritmo de sua narração apenas com os diálogos dos serenatistas, a quem sequer nomeia.

³ Menina: aqui, a garrafa que contém a bebida

⁴ Entrar de carancho: entrar sem ser convidado. Carancho é uma pequena ave de rapina, oportunista, que se alimenta de animais mortos ou rouba a caça de outros.

⁵ Dar o lá: fazer soar a quinta corda do violão, que produz o som do acorde lá, para que os demais possam acertar a afinação dos seus próprios instrumentos.

⁶ Hypothes: ?

⁷ Comigo é nove: ?

– Cala essa matraca, charuto! Que diabo, até parece aquele dia daqueles discursos da carestia da fome⁸! Tá vendo? São três pestanas e um floreado... assim...!

– Nessa hypothes me agrada o acompanhamento! A gaita faz o cantante, o cavaquinho faz o choreio, zunindo. Vamos ver!...

– Santas e buenas! grita na porta um recém-chegado.

– Entra, tio! Emboca o bambú⁹ e dá um lá, aqui, pra afinação.

– Tá tudo muito bom... mas sem a licença, não embarco; eu sei... o tal 141 quer entrar de carancho...

– Pois sim, mas quem paga?

– Tudos! É de quota... e venha, venha!

– A poder de níqueis maiores e menores, arranjou-se o necessário para a licença, e o Friagem reclama ir ele à sub-intendência pagar a licença e trazer o papel, o papel da licença, para meter na lata daquele cão, do 141, que é um passado de conta.

E mal que o Friagem saiu, o do cavaquinho aparteou:

– Este negro vai passar o pente nos piolhos¹⁰... vocês vão ver... e a licença vai ser mesmo na fiuza¹¹ do 141...

.....

Meia noite. Rua Manduca¹², lá praquele lado, escuro como breu.

Enfrente a uma casinha, a casinha da pequena, um grupo confuso, nas sombras confusas; pontos vermelhos de fogo de cigarros; tosses abafadas.

– Neste hypothes, dê-me o lá!...

Pronto; rompe a serenata; a flauta puxa variações secas; o cavaquinho choreia, zunindo; a gaita de boca põe bronquite às notas; os violões, na mesma hypothes, bordoneiam soturnos, em três pestanas...

Os não tocantes, enquanto ouvem, passam a menina...

Nisto abre-se a janela, e uma voz zangada, diz:

– Vocês não tem mais onde tocar?

⁸ Carestia da fome: movimento popular que causou grande alvoroço em Pelotas em 1912 e 1913, com discursos longos e inflamados das lideranças sindicais e também dos políticos de ideologia anarquista, em favor dos trabalhadores, que estavam sofrendo com os baixos rendimentos e com os altos preços praticados, especialmente do aluguel das moradias populares.

⁹ Embocar o bambu: ajeitar um banquinho rudimentar para sentar-se.

¹⁰ Passar o pente nos piolhos: gíria que parece significar aproveitar-se da situação para roubar.

¹¹ Fiuza: confiança

¹² Atual Rua Professor Araújo, uma das importantes vias do centro, a Rua Manduca continha, segundo informações dos jornais da época, áreas de cortiços. Pela descrição, no entanto, a “pequena” morava em uma diminuta casa com vizinhança abundante, mas que não chegava a configurar um quarto de cortiço.

- 141! É o bonde¹³...
 - Que dê a licença? Já sei... é o abuso, nas minhas costas!
 - Olha, chê!... eu não dizia? Olha o carancho boiando!... e nós tocando o compasso!...
 - E vão furando¹⁴, hein!...
 - Mas é que o Friagem tirou a licença...
 - É verdade... ca dê o Friagem?...
 - O Friagem... retornou o do cavaquinho, eu não dizia?... O negro passou o pente nos piolhos!...
 - Nesta hypothes... vá uma despedida à saúde do seu 141...
 - Olha, chê... e esta pequena desgraçada, que dizia que só eu era fatal, pra ela!...
-
- A serenata desceu, saiu da zona, ruscou por causa da menina e acabou no posto. Menos o Friagem.
- A hora de render, o 141 abria a boca na esquina, à espera...

¹³ É o bonde: ?

¹⁴ Ir furando: gíria comum na região Sul no início do século, repetida ainda pelos octagenários, que quer dizer algo como “Vejam que mal feito” ou o nosso conhecido “Que barbaridade”.

O anjo da meia noite¹

O automóvel... o automóvel!

O fon-fon chegou e, como um conquistador, invadiu atribuições noturnas que até antes dele eram confiadas à procurada figura meianoítica do anjo da meia noite!...

Quem era esse anjo?

Era o P'reira (chamemos-lhe assim...), um português escaveirado², dono dum casacão cor de... ruço³, dum chapéu da season 1902, dum carro cujo verniz fora comprado naquela ferragem que liquidou, na outra rua, e duns cavalos que bem mereciam um montepiosinho⁴ fornecido pela dona Sebastiana... digo a S. Protetora dos Animais...quando sair do choco⁵.

O anjo da meia noite, ninguém o via ao... meio dia; dormia, por certo.

Mas, à hora do seu fadário⁶, lá estava ele, no canto da Praça da República⁷, em frente ao falecido quiosque do Izaguirre.

A rapaziada das altas-dez horas, quando, antes ou depois de ir ao João Mocotó, queria deslumbrar as andorinhas da pândega⁸ com a visão da feérica iluminação dos vários pontos escuros da cidade... chamava o anjo e mostrava-lhe o pessoal; o anjo esfregava as barbas da caveira e dizia:

– São vinte mil reisinhos, indo com elas... e trinta, sem elas!... E café, havendo; e bolacha pros burros, se se encontrar!...

Embarcava a tripulação; e lá ia o carro do anjo, embalando sonhos, desafinando cantorias e tapando os rasgões dos forros em gestos pudibundos⁹, à crueza das fitas¹⁰ que eles e elas movimentavam, sem respeito ao capote ruço do P'reira...

¹ Publicada na edição do dia 19 de junho de 1913.

² Escaveirado: alguém de rosto muito magro, semelhante a uma caveira.

³ Ruço: cor escura que torna-se pardacenta, desbotada pelo uso.

⁴ Montepiosinho: caridade, assistência

⁵ Sair do Choco: gíria que refere-se ao período de incubação dos ovos das galinhas (choco), aplicada aqui para dizer que a Sociedade Protetora dos Animais, apesar de estar fundada há algum tempo, ainda não tinha apresentado qualquer ação relevante. Em 1911, Simões Lopes Neto presidiu a entidade da qual foi grande entusiasta, publicando em alguns números de sua Revista do 1º Centenário anúncios em favor da causa. Porém, logo perdeu o entusiasmo, passando a presidência a outros.

⁶ Fadário: vida trabalhosa e difícil, mas pode significar também um destino determinado pelo sobrenatural, do qual não se pode escapar.

⁷ Praça da República: atual Praça Coronel Pedro Osório, a principal e mais antiga da cidade, localizada, já naquela época, no coração da região central, onde tudo acontecia. Em seu entorno circulavam as elites, a classe média e os trabalhadores e o comércio era abundante. Nesta crônica, Simões Lopes Neto cita estabelecimentos como o Quiosque do Izaguirre e o restaurante do João Mocotó, pontos de encontro da sociedade da época.

⁸ Pândega: festa ruidosa com comida e bebida

⁹ Pudibundos: pudicos

¹⁰ Fitas (cruza das fitas): estas fitas parecem ter significado diverso das fitas referidas na crônica Um Corte de Criada. No texto anterior, referiam-se ao cinema, aos cinematógrafos que já estavam instalados em

Ouçamos no entanto a alma ferida do anjo... traído.

– P'reira, e que tal?

– Q'uaes! está uma pasmaceira!

O tumove veio pra estragar tudo...

E olhe que eu conhecia os pontos, todos.

E esses m'ninos são uns ingratos...; às vezes, se não apanho nem passageiro, na estação, nem macega¹¹ hai, pros burros!...

– Mas, tu, ganhavas...; jogaste, então?

– E que?... Juntei, sim; tirei até livreta do banco; sempre é um cobre, sim, senhor. Olha que aí em libras, andar, passará d'umas trezentas!...

– Pois então! E queixas-te?

– Não, mas... É que o dianho as arma¹²...

Eu, que conduzi tantas dessas patifas... que comi-lhes o gimbo¹³ que pude... que achei joias... e mais d'uma carteira perdida... lá estou, lá tenho em casa os dois pequenos a morrer d'escórfulas¹⁴, e custa-me soltar um chavo¹⁵ para um caldinho!...

– Mas, não te entendo: tens a caderneta...

– Tenho, tenho... e não lhe bulo! É que os pequenos esticam, mesmo, que o doutor té já marcou... olhe que é uma dor d'alma a gente saber que... É por isso que eu estou esperando... que el'es deem a alminha a Deus!... O doutor já disse. E vai, então, a Santa Casa¹⁶ é que há de fazer-lhes o enterro...

– Mas Pereira, são teus filhos... isso é medonho, da tua parte!

alguns pontos da cidade e faziam grande sucesso. Estas, porém, parecem ter mais proximidade das fitas como parte das peças de vestuário.

¹¹ Macega: erva daninha ou toceira de mato, pouco adequada para a alimentação dos equinos.

¹² Dianho: Ser maléfico e diabólico do folclore português. Nesta expressão, equivale-se a diabo. É interessante perceber que Blau Nunes, no conto Negro Bonifácio, repete quase a mesma expressão ao contar como o Negro surgiu na carreira: “E sem ninguém esperar, também apareceu o negro Bonifácio. É assim que o diabo as arma...”.

¹³ Gimbo: dinheiro, na gíria portuguesa

¹⁴ Escórfulas (escrófulas): inflamação dos gânglios linfáticos submandibulares e cervicais, como consequência de quadros de tuberculose. Caracteriza-se por feridas purulentas na região do pescoço. No dicionário, a grafia correta é “escrófula”. No texto, no entanto, foi mantida a forma registrada por Simões Lopes Neto, para preservar a fala do personagem.

¹⁵ Chavo: gíria portuguesa para vintém, dinheiro pouco, insignificante.

¹⁶ Nesta época, tratava-se em hospitais como a Santa Casa os doentes mais pobres, sem recursos para chamar um médico particular. Era menos um tratamento e mais um conforto para quem já estava condenado pela tuberculose. E morrer na Santa Casa livrava a família dos custos com os funerais. O Pereira, apesar de ter dinheiro, não quer gastá-lo com as crianças.

– É... é que o dianho as arma!... O raio da mulher deu em droga¹⁷... e vai, até disse-me que as escórfulas nem minhas eram!...

– Ah! Por isso, está...

– Pois, e estão? Com trezentas libras... já posso ir morrer onde enterrei meu pai. Que te parece, hein?... nem minhas são as escórfulas dos pequenos, que se fossem, eu era até capaz de as limpar com estes beijos que Deus me deu para louvá-lo...

– Este mundo tem voltas, heim, Pereira?...

– Ai! não: as mulheres é que lh'as dão... e a meia noite é que as vê bem dal'as!... Eu cá m'entendo...

¹⁷ Dar em droga: ?

O mar em terra¹

Isto aqui, tem que ir por seções, obedecendo às categorias.

Ficam excluídos do inquérito os comandantes de vapores e capitães de navios de barra-fora²; aqueles porque quase nunca desembarcam, e estes porque, desembarcados, falam somente língua da *estranja*, que nem o diabo os entende, quanto mais eu... antes que esqueça é justo registrar que a firma Iens & Febar, corretores marítimos, entende-os à maravilha.

(E a firma apanha o reclama e... não me entende, vão a ver!)³

A *zona* é ali pela Praça Domingos Rodrigues⁴. Ou ao longo do cais, ou às portas dos armazéns ou dos seus respectivos portalós, falam os nossos patrões de iates, da carreira, como se lá diz.

Hábeis navegadores das duas lagoas⁵; valentes no socorro aos desarvorados, comerciantes ou não, todos, desde o quarto d'alva⁶, queixam-se do *raio desta vida*, do cozinheiro, das tintas.

Quando veem um sujeito gordo, desses d'equilibrarem altura com largura, dizem que ele tem tanto de *lais como de guinda*⁷; – para uma esfrega⁸ – Deus me livre! – adotam o *estropo*⁹; para um smart¹⁰ dizem que está embandeirado até os *gaf tops*¹¹, e para quem já foi gente e hoje não é que *deu fundo*...¹²

¹ Publicada em 21 de junho de 1913

² Navio de barra-fora: navio de médio porte que faz a navegação de cabotagem entre portos brasileiros e os portos de Montevideu e Buenos Aires. Também podem ser navios de grande porte que fazem navegação entre continentes. É provável, no entanto, que o texto se refira aos primeiros, pois estas embarcações oceânicas eram frequentes apenas no porto de Rio Grande, em função da posição geográfica.

³ Nas edições da Revista do 1º Centenário, editadas entre 1911 e 1912, havia anúncios publicitários de algumas agências de navegação e comércio marítimo. É possível que o comentário seja um recado irônico a alguma delas, que encontrou defeito no anúncio publicado na revista.

⁴ Praça Domingos Rodrigues: Localiza-se no encontro das atuais ruas Dona Mariana e Almirante Tamandaré, na zona portuária de Pelotas, e nasceu junto com o porto, no século 19. Na época da efervescência do comércio marítimo na cidade, havia ali a sede de muitas firmas de navegação, além de locais para o lazer dos trabalhadores e marinheiros, como bares e restaurantes. A prédio da Alfândega também ficava por ali. Hoje, o casarão pertence ao patrimônio da Universidade Federal de Pelotas.

⁵ As Lagoas dos Patos e Mirim, navegáveis em praticamente toda a sua extensão, que ligam o interior do Rio Grande do Sul ao oceano e também aos portos dos países vizinhos, Uruguai e Argentina.

⁶ Quarto d'alva: gíria dos marinheiros, representa um período que começa por volta das 4h nas embarcações ou no cais, com a distribuição dos serviços do dia.

⁷ Tanto de *lais como de guinda*: gíria do universo marítimo que parece ter relação com o tamanho do sujeito, muito grande e gordo.

⁸ Esfrega: reprimenda, descompostura com surra.

⁹ Estropo: pedaço de cabo ou de lona usado para içar objetos na embarcação

¹⁰ Smart: pode significar “esperto”, a tradução para a palavra em inglês. Em crônicas publicadas em 1908, Olavo Bilac utilizava o termo com este sentido. Mas também pode ser gíria para “pequeno”.

¹¹ Gaf tops: gafetopes (hoje, a palavra está aportuguesada e dicionarizada). Trata-se de uma peça onde se arma a vela, no topo do mastro da embarcação.

¹² Dar fundo: expressão relativa à embarcação que naufragou. Na gíria marítima, reproduzida pelo cronista, parece referir-se a quem morreu.

O pessoal!... O pessoal é a maruja forte, levada da *carépa*¹³, que às vezes, enjoada da *poeira* das ruas, procura as brisas aquáticas, onde os *ratos brancos*¹⁴ não têm esquinas onde estacionar, de apito engatilhado e o *esteje preso* na ponta dos sabres...

É o pessoal que usa cinta de couro com fivela de ferro, de meio quilo, ele já sabe para o que...; nas horas vagas *bordeja* sem agulha e de *faróis* tão carregados de azeite, que as vezes tornam-se escuros...

Quando *ancoram*, o madamismo¹⁵ do fundeadouro passa à classificação da capitania: são faluas, catraias, barçaças¹⁶, e quando alguma mais *alterosa* entende que está sendo deprimida e reclama, aquela cinta do meio quilo – lembram-se? sobe ao mastro grande e três ou quatro ou cinco vezes, desce em continência à rabanada do leme reclamante¹⁷.

O resto... já se sabe.

Os pescadores... Os nossos pescadores, de rijos corpos com almas de crianças, mas com viveza de enguia...

Poveires¹⁸, quase todos, vindos daquelas brutas águas do Algarve, férteis e assassinas, para eles o naufrágio aqui, não existe: é a *molhadela*¹⁹.

Com o seu camisão de lã azul e o barrete²⁰, lá vão à faina²¹; colhem redes e espinheis, enchem as canaas e ei-los em outra faina, que é a de pescar o *comedor* daquela isca já pescada...

Ali, pela manhã, cedinho, no Mercado Central²², é ir vê-los na manobra²³; às vezes fazendo uma *lé larga*²⁴ a um fulano que manda botar tal peixe no cesto e depois é que pergunta

¹³ Levada da *carépa*: o mesmo que levado da breca, expressão portuguesa que denota pessoa travessa. Carepa pode ser caspa ou chuveiro e também uma área mal aplainada na superfície da madeira.

¹⁴ Ratos brancos: é possível que esta gíria signifique a polícia, o que fica claro pelo contexto.

¹⁵ Madamismo: referente a grupo de senhoras.

¹⁶ Faluas: pequena embarcação à vela, à época comum no Rio Tejo, em Portugal, para o transporte de cargas e passageiros; catraias: embarcação de pouco calado, à vela, para passageiros; barçaças: embarcação de grande porte, bastante robusta e resistente, utilizada para carregar grandes volumes nos portos e transportá-los por cabotagem. É semelhante às chatas e utilizada até hoje na navegação comercial pela Lagoa dos Patos.

¹⁷ ?

¹⁸ Poveires: poveiros, naturais de Póvoa do Varzim, região portuguesa de intensa atividade pesqueira, que imigraram para a região Sul do Rio Grande, especialmente Pelotas e Rio Grande, no início do século 19.

¹⁹ Molhadela: banho rápido.

²⁰ Barrete: acessório para a proteção da cabeça, feito de pano, de fácil ajuste, muito utilizado por pescadores.

²¹ Faina: trabalho coletivo a bordo de embarcação

²² Já nesta época, o Mercado Central concentrava a venda de pescado à população. Na reforma feita entre 1912 e 1914, a área para o comércio de peixe foi ampliada, conferindo ainda mais importância à atividade. Em função disso, o Mercado reunia muita gente ligada à pesca e à atividade marítima.

²³ Ver na manobra: pode significar o ato de ver os pescadores retirando o pescado da embarcação para conduzi-lo às bancas, onde é vendido ao público. Ainda hoje, em Rio Grande, é comum ver gente aglomerada nas docas do Mercado Público nas primeiras horas da manhã, para acompanhar a manobra de descarga dos peixes capturados na noite anterior. É neste momento que se compra o peixe mais fresco e de melhor qualidade.

²⁴ Lé larga: ?

o preço e paga; ora orçando²⁵ para alguns cicranos que andam de ronda e de *preguntas*, esperando a *monção*²⁶...; ora *seiando, caçando o pano*²⁷ para tais beltranos, que apalpam o estaper do peixe, cheiram-lhe as guelras e vão saindo, de barriga...

.....

Uma vez éramos três; o Cousa, o Aquelle e eu. “Corria branda a noite; a rua 15²⁸ era serena, no céu inteira paz; na terra pleno abril”.

Passou a nosso lado uma carroça carregada de caixões de peixe e de poveiros, pescadores.

Passou. Nisto, o Aquelle gritou:

–*Tchiscaste*²⁹, *com mil diabos que latirem no Sardanha!*...

E o Cousa, que era muito abelhudo, bradou, também:

– *Mácá ábá!*...³⁰

Cruzes! O *Sardanha* ainda não tinha acabado nem o *Mácá ábá* principiado e já desabou, sobre nós, chuvida pelas mãos dos poveiros, uma metralhada cerrada, de taiúbas e linguados e ovas de miragaias; um bagre achatou o nariz do Cousa, uma cascuda quase entrou pelo ouvido do Aquelle, enquanto que eu... dobrei a esquina e aqui estou tremendo, ainda, e perguntando ao leitor – Porque seria?!...

²⁵ Orçar: linguajar típico de marinheiros e velejadores. Significa girar a proa do barco na direção do vento. Em sentido figurado, quer dizer que o sujeito virou a cabeça, acompanhando o movimento dos cicranos.

²⁶ Esperar a monção: esperar a oportunidade, provavelmente para furtar os peixes

²⁷ Caçar o pano: expressão que, pelo contexto, significa que os pescadores estavam sempre prontos a interromper a ação de quem, fingindo apalpar o peixe para comprar, roubava a mercadoria.

²⁸ Rua 15 de Novembro: Ainda hoje chamada assim, era, na época, a rua mais movimentada de Pelotas, com atividade intensa de comércio e grande circulação de pessoas. Localiza-se no centro da cidade. O cronista cita a calma da rua para chamar a atenção, pois ela raramente estaria tranquila como na descrição do Inquérito.

²⁹ Tchiscaste: ?

³⁰ Mácá ábá: ?

Sete em porta¹

Como coisa trapalhona e clara... atrapalhada e fácil... trampolinada² e lisa... transformadora e imutável... transportável e quieta... se houver coisa tal, é que é gêmea do Sete em porta³.

Que diabo é isto?

É simples: é uma caixa maior ou menor, com um lanho quadrado em uma das faces, fazendo – porta do tamanho de uma carta de jogar. Lá atrás, no *armazém* da caixa, coloca-se um baralho composto de dez, quinze, vinte outros, tudo aquilo batido, amassado, revirado, como uma salada bem complicada.

Depois, há umas cerimoniais, uns passes, umas rezas e umas regras a determinar. Depois então abre-se a porta, a tal, e começa então a trapalhona trapalhada.

Até aí a coisa vai como é... e faça Deus bom tempo.

O inquérito⁴ não vai lá; procura o pessoal *pescante* e *mirone*⁵, o *peru* calado e o *peru* angolista⁶.

Sala estreita, baixa; luz avermelhada de um belga⁷; uma mesa comprida; a bateria; cadeiras de pau, duras como as bolachas da Padaria do Agulha; fumaça *braba*, da fuligem do lampião, dos mata-ratos e dos quebraqueixos⁸; morrinha acre, de suor, de canguara⁹ e de *cheiro*

¹ Publicada na edição de 26 de junho de 1913. O Sete em Porta é um jogo de azar, semelhante ao bacará, que se joga com um ou mais baralhos. É interessante notar que Blau Nunes, no conto Jogo do Osso, comenta que na vendola do Arranhão, onde se passa a ação, era comum, às noites, arranjam-se mesas de truco e sete em porta, para que ele pudesse recolher uma comissão com as apostas. Nas crônicas, o sete em porta é jogado em ambiente urbano. Já nos Contos, o mesmo jogo tem lugar em bolicho que fica fora da vila, já em ambiente rural.

² Trampolinada: relativo à falcatrua, farsa

³ Neste comentário introdutório, o cronista acentua os contrastes no jogo de sete em porta, trazendo o tema para a proposta de sua série.

⁴ Este é mais um exemplo de como escritor usa a palavra inquérito com o claro significado de reportagem.

⁵ Pescante e mirone: indivíduos que estão no ambiente de jogo, mas que apenas observam o movimento dos jogadores de um canto, sem interferir. Podem estar aguardando o momento certo de entrar na mesa ou estar apenas observando, sem intenção de jogar.

⁶ Peru calado e peru angolista: gírias utilizadas até hoje em ambientes de jogo. Os perus são os sujeitos que não estão jogando, mas circulam por entre os jogadores, observando-lhes as cartas e comparando os seus movimentos. Os que fazem isso calados são, obviamente, os calados. Já os espalhafatosos e palpiteiros ganham o apelido das galinhas d'angola (no interior do Rio Grande do Sul também chamadas coloquialmente de "Tô Fraco", uma onomatopeia com o som do seu canto), cujo grito estridente não passa despercebido.

⁷ Belga: antigo lampião

⁸ Mata-ratos e quebra-queixos: cigarros e charutos de baixa qualidade e de odor forte e desagradável

⁹ Canguara: cachaça

de caixa de turca¹⁰... Do verão, alguma mosca, algum mosquito, e muita pulga; de inverno, algumas *americanas*¹¹ invernadas no poncho do vizinho...

O porteiro é diplomado em um certo sistema de telégrafo sem fios, que transmite os telegramas por meio de tosses, assobios, assoadas, castanholas, arrastados de pés. São recados em cifra, que os de dentro leem sem haver b-a-bado com o professor Elyséo; leem e não erram.

Falam dois, lado a lado.

– Eu te digo, isto aqui é uma *esbornia*¹²; *quarquéra* dia faço aqui um ó de boi¹³...

– Deixa! Eu estou chamando!...

Depois *rachamos*; aqui já tem pros sapatos *degotados* que *ela* pediu; o resto é teu...

– Mas não é... é aquele urubú da frente que está botando *fungú*¹⁴ nas minhas idas... Tá me dando um esticão de meter-lhe o braço... Inda mais que a cabrocha hoje muchochou no meu passadio!...

Um gurupy¹⁵ que recém entrou.

– Passa um *quinhenturra*¹⁶... pra uma queima. Desde de tarde que deixei na botica a receita do doutor; está mais que pronta...

– É... mas eu'stou entrando... pede a outro!...

– Mas a *tia* há de arreganhar o dente por falta de remédio? Passa! Não é pra beber, nem pra jogar: é pra fazer os cobres do remédio...

Um que sai.

– Ah!... Um dia é da caça, outro do caçador! Hoje tocou a minha vez de caçador... Olá, da copa! Bota uma rodada de mel de pau¹⁷ aqui pros companheiros.

¹⁰ Cheiro de caixa de turca: expressão cujo rastreamento preciso foi impossível. Pode tratar-se de espécie de latrina que lembre a bacia turca, vaso sanitário instalado no chão, sobre um buraco, onde se depositavam os dejetos. Quando o buraco estivesse esgotado, mudava-se a latrina de lugar, já que nesta estrutura não havia as caixas coletoras, os cabungos. Este tipo de estrutura chegou a ser comum em algumas localidades no Brasil e no Uruguai. Um exemplo da presença destas latrinas é o Forte Santa Tereza, no departamento uruguaio de Rocha, bem próximo à fronteira com o Rio Grande do Sul. Instaladas no complexo na primeira metade do século 20, elas ainda estão lá.

¹¹ Americanas: a informação é imprecisa, mas este parece ser o apelido popular de algum inseto. Nesta época, era comum em Pelotas a infestação das muquiranas, espécie de mosca que picava o homem. Havia, inclusive, um beco famoso, chamado de Beco da Muquirana, batizado assim pela presença massiva dos insetos. Em outras partes do país, é costume chamar de muquirana o piolho comum. Mas aqui, não é este o caso, já que o inseto estava no poncho e não nos cabelos dos frequentadores.

¹² Esbórnia: farra

¹³ Ó de boi: ?

¹⁴ Fungú: feitiço, ritual de bruxaria.

¹⁵ Gurupy: gurupi: indivíduo que, em leilões, dá lances fictícios para aumentar o lucro do leiloeiro (ou, neste caso, o lucro do dono da mesa de jogo). Também pode ser um sujeito intrometido, que se mete onde não é chamado

¹⁶ Quinhenturra: Corruptela para 500 réis.

¹⁷ Mel de Pau: cachaça com mel ou adocicada

Té minhã!...

Outro que sai.

– Tomem! (e atira um gesto eloquente) O burro sou eu... Eu já sabia!... É bem feito!...

Traz esse mel de pau, desgraçado!... Ou queres também me ficar co'ele?...

Vão pro inferno!...

Outra conversa, entre perús

– Não sabem fazer jogo...

– Si fosse eu, agora!

– Carrega, seu, carrega, que o ás está longe!

– Mete; parente, o sete' está te vendo!

– Quem está de fora toma tabaco! Interrompe o *parente*.

– Não preciso de lições...

– Precisavas que te cortassem a barba do papo¹⁸!

– O que? O que?

Nisto o porteiro assobiou de *gato manso*; castanholou, pigarreou...

Era um signalgramma: “Mouros na Costa¹⁹”.

¹⁸ Cortar a barba do papo: ?

¹⁹ Mouros na Costa: gíria de decifração imprecisa, mas que parece significar a chegada de algum inimigo ou de alguém inconveniente, que neste caso poderiam ser adversários, outros jogadores ou a polícia.

A tia das encomendas¹

Dicionário para o assunto: tia, feiticeira; encomenda, bruxaria.

A classe é vasta: compreende a negra gorda com uma garage com capacidade para um caminhão... Garford²; e a negra magra, como um cabo de vassoura; a branca mediana; o xale é como uma bandeira de reconhecimento.

Umam deitam as cartas, umas cartas cheias de emblemas e coisas...; nuvens, espadas, navios, ELE, ELA e o OUTRO; pombinhos, o diabo a quatro.

Estas são as mais sabidas... a dez tostões por BOTADA. As outras, as das ENCOMENDAS³, sendo as mais temidas, são também as mais bem pagas.

A freguesia... a freguesia que a essas pythonissas⁴ é curiosíssima.

Lá vai, desde a madama pimpona até a mais boçal cozinheira, desde a madurona chata como uma tábua de engomar, até a rapariga em pleno frescor, desde a MOMENTÊNEA⁵ até a velha ostra amorosa...

E, célebre, noventa e nove por cento, delas, vão por causa DELE, ou doutras ELAS.

É a ciumeira, a vingança; um por cento apenas vai por outros motivos.

A história do caso é contada aos arrancos, por entre comentários e juras bravias.

A TIA escuta, e depois pede os PERPAROS⁶ para a ENCOMENDA e algum dinheiro para outras coisas particulares.

Para uma fulana que sente que o seu fulano anda muito estanhado⁷, que já não faz caso dos TEMPOS-QUENTES⁸ que ela arma, o que é sinal de voo..., a encomenda para prendê-lo, é mais ou menos esta:

– A senhora tire um fio do seu cabelo, e enfie numa agulha nova, comprada em sexta-feira, de noite e dormida no sereno; depois veja uma ceroula dele e passe a agulha com o cabelo,

¹ Publicada na edição de 3 de julho de 1913

² Garford: Fábrica norte-americana que produzia caminhões no início do século 20. Em sentido figurado, quer dizer que a mulher era realmente muito gorda.

³ É possível que a mulher retratada nesta crônica praticasse rituais que mesclavam as crenças de muitas correntes de matriz africana, executando trabalhos pela invocação dos “exus” e “pombagiras”, espíritos de moralidade controvertida e duvidosa, que, de acordo com a crença, acompanham os seres humanos. Esta mescla de rituais tornou-se cada vez mais comum no Brasil.

⁴ Pythonissa: pitonissa, palavra de origem grega que designava uma das sacerdotisas de Apolo. Aqui, é mulher que possui dons de profecia e clarividência.

⁵ Momentânea: ?

⁶ Interessante notar que, nos Contos Gauchescos, a palavra “preparo” (escrita assim, sem a marca incorreta na grafia) aparece significando os arreios do cavalo, as peças para encilhar a montaria – bem diferente deste “preparo”. Isso demonstra que Simões Lopes Neto transitava conscientemente entre a linguagem dos dois universos. Aqui, ele aparece tentando resolver o problema da reprodução da fala popular urbana, feito literário que havia alcançado um ano antes com a matéria rural da qual tratou nos Contos.

⁷ Estanhado: sem vergonha, despuorado.

⁸ Tempos-quentes: brigas, cenas de ciúme

do lado esquerdo, de cima para baixo, como quem alinhava e tire a agulha e deixe o cabelo. Enquanto passar, vá soprando em cruz e vá dizendo (aqui há umas palavras que a TIA diz no ouvido e a outra jura que não repetirá a ninguém, do contrário gora a simpatia...)

Depois bote no forro do casaco dele, três sementes de trevo manso, uma perna de pinto branco e um palmo de linha azul com três nós... Eu aqui, com os PERPAROS faço o resto.

– E pra tomar?...

– Ah, pra tomar, pra comer... tem muita coisa...; isso é que era bom!...

– É... mas é que ele é muito ressabiado⁹...

– Não tem nada... Olhe!...

E sai uma receita complicada, de cabelo torrado, de pó de unhas, de sangue de cabrito preto e outros INOCENTES ingredientes para que não há Elixir centi-digestivo capaz de esmoer.

Para uma sicrana que se quer vingar de outra, que ela acoima de serigaita, oferecida, o PERPARO chega às vezes ao trágico.

– Custe o que custar; todo o meu ordenado, ainda que eu tenha de roubar... eu quero dar um baque naquela desgraçada...

– Eh!... eh!... Isto é um TRABALHO muito sério...

– Não faz mal, diga!

– Tem que vir uma vara de linguiça e umas penas de galinha carijó, arrepiada; depois é PERCISO um bocado de azeite que já foi queimado em oratório que tenha um S. Roberto; depois... o resto eu é que faço... Mas precisa deixar 12.000. Eu tenho que ir NO CEMITÉRIO¹⁰... e levar uma vela amarela pra trocar com a cera derramada nas CATATUMBAS; tenho que procurar terra numa cova de três anos, de mulher, para amassar na cera; depois boto a COARAR três sextas-feiras...

Enquanto isso, você faz umas queixas no posto¹¹, para ir entretendo a cuja...

– É... mas... ele é capaz de me meter o braço...; aquilo é um danado... Com as CANINHAS então, nem Deus...

– Então... o melhor, fique nas encolhas; tudo se ARREMEDEIA... Eu dou jeito.

Deixe os 12\$000. E se quiser traga os PERPAROS...

⁹ Ressabiado: desconfiado

¹⁰ Fundado em 1855, o Cemitério da Santa Casa, no Bairro Fragata, à época bastante afastado do centro da cidade, é o local mais provável para a realização do feitiço.

¹¹ Posto policial. A revisão dos jornais da época mostra que grande parte das ocorrências policiais eram decorrentes de brigas nas regiões de cortiços e bodegas.

– Aquela descarada... Há de me pagar com língua de palmo... Agora só tenho aqui 8\$000; era para o aluguel do quarto¹²... mas ficam aqui. Tome. Quero um trabalho bem feito!...

– Vá descansada... Muitas senhoras brancas¹³ têm vindo, me beijar a mão, de contentes!... Os remédios da Santa Casa não curam os meus marcados....

¹² Aluguel do quarto: é muito provável que a personagem refira-se ao aluguel de um quarto de cortiço.

¹³ O comentário sobre as senhoras brancas revela que a Tia das Encomendas era negra (ou mulata). Na época, os seguidores das religiões e cultos de matriz africana eram, majoritariamente, negros.

Mísera grandeza¹

Cai o nevoeiro; lentamente cai, pondo nos lampiões auréolas baçamente vermelhas. Os vultos que passam, esfumados, têm pressa e têm mau humor; lenços tapam bocas receosas; golas altas protegem pescoços precavidos; lumes de cigarros vagaluzem discretos; o bater dos tacões não tem sonoridade sobre o lagedo.

A noite entrou enojada.

Um vulto de mulher passa, forçando a hostilidade da cerração; um vulto de mulher, de saia clara, mantelete² claro, e nos pés sapatos lustrosos, com grandes fivelas espavorosas.

E passa saindo de uma farmácia bem iluminada; e ao sair, dos grandes olhos negros, sombrios, profundos, lançou para os lados uma chispa clara de convite... d'envolta com um raio de terror...

Lindo perfil de um rosto cansado; corpo airoso sem os artificios do corset, basto cabelo, ondeado e leve, sem a mentira dos postiches³; aquela saia clara... aquele mantelete claro... e aqueles olhos, não os olhos, por eles, que eram admiráveis, mas o volver deles, que era abominável... e a ânsia muda do pavor, que dentro deles havia, tudo concorreu, para uma abordagem do inquerito.

E lado a lado, as falas se cruzam, sem prévio conhecimento das criaturas, que examinam-se sem querer parecer que o fazem.

E a conversa foi aquecendo, foi descambando para malícias grossas, ditas e retrucadas como por gente que se entende...

Mas, por entre as farçolagens⁴ do dizer dela, os olhos seus, por vezes, tinham paradas bruscas, como de quem escuta com atenção, entre muitos rumores um tal que precisa acompanhar...

– A tua boca está falando comigo, mas os teus olhos estão vendo o teu predileto, hein?!...

– Ora não diga!... Os prediletos estão de molho, na salmoura!

Mais risadas e mais dichotes⁵ puseram aqueles dois indiferentes desconhecidos num acordo mútuo.

– Mas antes, tenho de passar pela botica, para pagar e levar um remédio...

– Deixa a droga para amanhã...

¹ Publicada em 10 de julho de 1913.

² Mantelete: capa curta que se usava sobre o vestido, peça de vestuário comum às mulheres da época.

³ Postiche: peruca ou cacho de cabelo artificial incorporado ao penteado, para dar volume.

⁴ Farçolagem: vem de farsola, o mesmo que gracinhas, ditos engraçados, picantes e até obscenos.

⁵ Dichotes: gracejos

– Não!...

E este – não! – foi quase um grito de horror e ao mesmo tempo como um recuo de crime...

– Stá bem!... Se é assim, vamos buscar a misturada...

– O sr. quer ir mesmo comigo?...

Me desculpe... mas... mas então... me... me adiante quatro mil réis. É para o remédio. É...

– Se o doutor receitou água com açúcar, é um saque... Toma lá; fico esperando aqui.

– Volto já!...

E o vulto claro foi-se perdendo dentro do nevoeiro. Pouco demorou.

– Pronta! Vamos!...

E neste – Vamos! – havia intimação para correr e disfarce para ir devagar.

Por certo para conter-se, enfiou o braço no do companheiro; e já não tagarelava e não riu-se mais. Chegaram.

– Desculpe: isto é uma choupana⁶. Entre!

De chapéu na cabeça, o charuto a meio, o companheiro entrou. A sala tinha cadeiras com laçarotes berrantes e oleografias sem-vergonhas...

Um lampião pretencioso alumiava coisas disparatadas; conchas empoeiradas, retratos em molduras de chumbo, postais encardidos, bisquits pavorosos. Alguém, dentro, arrastava tamancos.

Um zum-zum de vozes engolia a nitidez das palavras. Ruído de águas; ruído de um sapato que é atirado; ruído de uma porta de guarda-roupa que range. Ei-la que reentra na saleta, em roupão gracioso, com a cabeleira caída, diferente, outra... e mais chispante...

– Ué!... Ainda assim! Preguiçoso!...

– Bravos à reforma!...

E o chapéu borsalino⁷ rolou para cima do sofá... Um movimento para tirar o frack mostrou a brancura da camisa, no ombro...

Ela olhava sorrindo e como escutando...

⁶ Choupana: habitação humilde

⁷ Chapéu borsalino: modelo de chapéu feito de feltro e com abas curtas, de origem italiana. Em 1913, era artigo indispensável para os homens modernos. Pela descrição da vestimenta do personagem, percebe-se que era um sujeito de classe alta, com boas posses.

E justo, aí, um ronco, um estertor, uma rascagem⁸ violenta de engasgado, rompeu no quarto junto ao que da sala, com cortinas, cama fofa, com almofadas rendadas, se via.

Uma carícia atrevida, estacou...

Um ronco... untertor... uma rascagem...

O frack voltou ao lugar.

Ela estava imóvel, petrificada, os olhos esgazeados... E que negros, e grandes, estavam, então!...

Uma voz, de dentro, bradou:

– Vem botar-lhe a vela... a vela na mão⁹!...

– Que é isto?

– É o meu filhinho... quatro anos!

É do eroup... Está morrendo!... morrendo¹⁰!

– Traze a vela!... A vela!...

– Eu aceitei o sr... por causa do dinheiro pra o remédio... Perdoe o anjinho!...

E sobre o roupão devasso rolavam lágrimas grossas.

– A vela!... Está roxinho!...

⁸ Estertor: respiração ruidosa, que demonstra agonia; rascagem: o som de algo que arranha a garganta, como um forte pigarro

⁹ Botar a vela na mão: refere-se à superstição popular de que não se pode morrer sem uma vela na mão pois, neste caso, a alma do defunto não encontraria a luz e iria para o inferno. A crença diz que o agonizante deve segurar a vela no momento da morte, para iluminar seu caminho.

¹⁰ Pelos sintomas descritos, é possível que a criança fosse vítima de tuberculose, a doença que mais matou pessoas em Pelotas no final do século 19 e início do 20.

Um fim de troça¹

O papai do meu melhor amigo dizia-lhe sempre que no seu tempo dele – papai –, um mocinho que entrasse em um hotel², que fizesse a barba antes dos vinte e um anos e sem expressa licença para isso, que olhasse de frente para uma moça, que não rezasse o terço... e outras respeitosas obrigações, era um perdido, um estrabulega³, uma peçonha a que se devia o quanto antes assentar uma farda ao lombo...

Aquele era ainda quase que o tempo do paraíso...: os taludos, ao que parece, andavam de camisa com um nó nas costas⁴... e chupavam marmelada por uma chupeta de pano velho...

Hoje – o dito meu melhor amigo vê-o bem –, hoje, quem usa as suas barbas que Deus que lhe deu é fossil, quem não gréla⁵ não é gente, quem reza é besta, quem pede a bênção aos pais, tios e padrinhos é arara...; e quem não come uma ceia no João Mocotó, quem não bebe uma cerveja na Barbada, ou quem não gira de auto à hora dos gatos pardos, com o pessoal da farra à reboque, quem não faz disso e mais, é, pelo menos... anta!...

–

– Para essas patuscadas, o inquerito achou dois moldes, salvo variantes: ou é preparada, com aviso prévio, ou estoura de golpe, entre as dez e as onze... depois da burguesia estar já de papo cheio de chá⁶ com masca⁷ e costeira quentinha entre as lãs do colchão e as do cobertor.

Para a primeira forma é geralmente um querinha que anda na roxa⁸ o portador do convite, em nome dos convidantes ainda presos nas obrigações.

¹ Publicada no dia 21 de julho de 1913. Troça, aqui, corresponde à farra, festa, reunião de amigos regada à comida, bebida e mulheres.

² Os hotéis, nesta época, não serviam somente à hospedagem. Eram também pontos de encontro, com cafés, restaurantes, apresentações artísticas e shows, sempre com muita agitação, especialmente nas noites. Um exemplo disso é o Hotel Aliança, que ficava no centro de Pelotas, nas proximidades da Praça da República, e que tornou-se conhecido em todo o Estado por sua programação cultural, pelo luxo das suas instalações, pelo nível de seus frequentadores, desde hóspedes até moradores da cidade, e pela vida noturna que ocorria em suas dependências.

³ Estrabulega: desordeiro, turbulento.

⁴ Andar de camisa com um nó nas costas: ?

⁵ Grelar: namorar, fitar com intenção de namoro, cortejar.

⁶ Pela primeira e única vez, Simões Lopes Neto utiliza o termo burguesia, que aqui parece estar mais associado à velha elite pelotense, ainda de modos aristocráticos, do que à burguesia no sentido europeu da palavra. Também é interessante notar que ele associa o consumo do chá a esta burguesia. De fato, a partir da segunda metade do século 19, o hábito de consumir chá importado em opulentos aparelhos de porcelana era uma das demonstrações de poder. Ao convidar outras famílias para tomar chá em casa, as senhoras demonstravam, com suas maneiras e com o serviço, seu nível de educação e de poder aquisitivo.

⁷ Masca: não se pode afirmar ao certo, mas é muito possível que a palavra refira-se ao fumo em corda, que servia para mascar.

⁸ Quera: sujeito valentão, destemido; querinha que anda na roxa: o dicionário Houaiss traz alguns significados para roxa. Um deles é uma mulher jovem e morena. Roxa (roxo) também pode significar desejo

Os convidantes são três, quatro, e sucede que tendo cada qual a sua SIMPATIA em POMBAL diferente, o ROXURA⁹ vai a todas, passa língua, desperta o entusiasmo, alarma os AÇOS¹⁰ e se algum se descuida, o CABRA cava um, pra ele, pelo amável...

Quando a troça é d'improviso, ou começa numa esquina e entra num café para os acertos finais, ou acontece depois das canjas, da linguiça frita ou do escabeche neste ou naquele restaurant mais ou menos noturno...

Bem dizia outro dia o "Anjo da meia noite": o ASTROMOVE veio só para estragar-lhe o NOGOÇO...

Faz-se num pronto o arreglo¹¹ com o CHAUPEUR¹²; e como de semelhantes improvisos nascem semelhantes propostas, sucede que dentro em pouco, em casas semelhantes, vêm-se altos semelhantes...

.....

Agora, pontos finais dos comentários dos que se despedem:

– ... aquele bruto rasgou-me toda a renda do meu cabeção!...

... Viste aquele saco de carne?... Pra o que lhe havia de dar: dizer que está apaixonada por mim!...

– ... diabo leve a troça!... Amanhã eu que me aguento firme no balcão!...

– ... se eu soubesse que ia ser esta porcaria, não entrava!... A mamãe tanto que me pediu para ir cedo... Coitada, ainda tão doente!...

– ... é rapaz bom este! Mal eu disse que queria as travessinhas¹³, logo deu-me vinte mil réis!

– ... ah! Comigo é nove¹⁴! Nariz de folha¹⁵ é o número certo da minha fita...

– ... estou com pena da Milonguinha... até esta hora sem mamar¹⁶!...

– ... quando eu morrer ainda hei de FARREAR com os defuntos no cemitério!...

– ... que vida desgraçada, meu Deus!...

intenso ou situação de difícil solução. Roxo-forte pode ainda ser um dos nomes do aguardente de cana. Andar na roxa, portanto, pode ser gíria com alguma destas conotações.

⁹ Roxura: provavelmente referindo-se ainda ao querinha que anda na roxa. A palavra, segundo o dicionário, quer dizer situação difícil, contratempo. Este significado auxilia na compreensão (ou na especulação) do termo anterior.

¹⁰ Aços pode ser um dos apelidos para a cachaça.

¹¹ Arreglo: do espanhol arreglar: fazer ajuste, combinação.

¹² Chaupeur: em francês, cutelo. Pode-se especular ainda que a palavra, na verdade, seja chauffeur (chofer), escrita incorretamente.

¹³ Travessinhas: ?

¹⁴ Comigo é nove: ?

¹⁵ Nariz de folha: gíria para penetra

¹⁶ Sem mamar: ?

- ... não meti-lhe a mão na cara, porque vocês me atacaram...
- ... está tudo muito bonito... mas eu fiquei sem o meu último patacão...
- ... viste aquele franguinho como queria se passar comigo!...
- ... fosse eu... que mandava ele acabar de se criar...
- ... eu ainda vou aguentar o velório do coitado do Ananias...
- ... quando estou no meio destes homens, nas beberagens, nos apertões, sempre me lembro da minha irmã pequena, que ficou lá em casa... e me dá vontade de chorar... de chorar... e de matar todos eles... e então é que bebo, bebo mesmo, até cachaça, até cair... e eles pensam que é troça... Desgraçados!...
- ... mas é um aço de guerra, hein?...

O banco da Santa Casa¹

Nove horas da manhã.

A larga escadaria externa está cheia; junto às portas, gente; lá dentro, na sala do BANCO, sobre os mármore, arrimados, as paredes, ainda doentes.

A grande imagem de S. João de Deus, junto ao primeiro degrau da escada de honra, estende gravemente a sua tijelinha de pedinte misericordioso; ao fundo, no alto, sobre o primeiro patamar, a placa de mármore, que lembra 52 anos de serviço incessante do dr. Barcellos².

(Este tal dr. Barcellos foi um pedaço de toleirão que aqui houve, chamado o – pai dos pobres – e tão parvo era e tão pateta foi, que ao morrer era mais pobre do que muitos dos pobres de que fora o pai...)

Uma madre de alva touca e hábito escuro, como um estranho moscardo³ volve de grupo em grupo, deste para aquele lado, da criança que chora ao velho que tosse, da mulher que geme ao sujeitão que pigarreia grosso.

Portas abrem-se, fecham-se, na meia luz de um corredor, à direita.

Vozes conhecidas de médicos soam a espaços, ora zangadas com os relaxados que descuidam das prescrições, ora animadoras para os desenganados, carinhosas para os desanimados, por vezes brincalhonas para os pequenos.

Cheiros de remédios voam no ar: um sussurro arfa; o ouvido atento escuta o sofrimento que fala pelos olhos e nas atitudes da gente; as próprias paredes parecem que têm em si, entranhada, alguma coisa que dói...

¹ Publicada no dia 22 de julho de 1913. A Santa Casa de Pelotas foi fundada em 1847 e foi a primeira instituição de assistência à saúde na cidade. Começou como uma enfermaria improvisada para atender as vítimas que ainda restavam da Guerra dos Farrapos. Nasceu como uma instituição de caridade, contando com o auxílio de autoridades civis e militares e de membros da comunidade para manter-se. Seus pacientes eram indigentes, trabalhadores pobres, escravos e imigrantes, que não tinham recursos para chamar em casa um médico. Em 1861 começou a construção do prédio em que até hoje funciona o hospital, na Praça Piratinino de Almeida, no Centro de Pelotas, de onde João do Sul narra esta crônica.

² Dr. Miguel Rodrigues Barcellos, membro de numerosa e importante família, que chegou a ser dona ou ter relações matrimoniais com os donos da maior parte das charqueadas da região. Formou-se em Medicina no Rio de Janeiro em 1849 e retornou a Pelotas, onde sempre atuou como médico. Seu tio, José Rodrigues, foi o primeiro provedor da Santa Casa. Miguel assumiu como primeiro médico do Hospital em 1852 e ocupou o posto até sua morte. Lutou pela ampliação dos serviços do Hospital e tornou-se conhecido até em Portugal pelo seu trabalho com os doentes de Pelotas. Conheceu pessoalmente o imperador Dom Pedro II, a quem fez pedidos e de quem recebeu recursos para ampliar sua obra. Também recebeu o título de Barão de Itapitocay por sua atuação benemérita. Foi o médico da Estância da Graça e ali atuou na ocasião da epidemia de cólera morbus, que matou a avó de João Simões, a primeira esposa do Visconde da Graça. Monarquista convicto, entrou em conflito com os republicanos no final do século, chegando a ser preso. Militou no Partido Conservador, mas abandonou a política com a proclamação da república. Morreu em 1896 e seu velório causou enorme comoção na cidade.

³ Moscardo: mosqueiro, grupo de insetos

Lá fora o sol splende; o graminado verde da praça⁴ em frente, a pequena copa redonda das árvores, a colunata, o grande tanque circular da água⁵ atraem os rostos, andorinhas cortam voos rápidos e logo piam em cima, nos altos da fachada.

Uma buzina de auto fonfona; umas badaladas de sineta soam. É o provedor.

.....

Que desfilar de espantos!... Que de coisas que se não costuma topar nas ruas! Que bizarras emoções sofrem os nervos não afeitos!...

Neste banco está uma velha disforme; as lepras⁶ da sua antiga vida tomam-lhe cabeça, mãos; os olhos têm orlas sangrentas; não mais pestanas, não mais unhas: tudo chagas, úlceras, pustemas...

Na ombreira duma porta um homem espera; tem um braço ao peito, envolumado de algodões e comprimido em tela que cheira horrivelmente a iodofórmio⁷.

Ao colo duma preta moça e tafulona⁸, uma mulatinha marasmática⁹ agoniza, os olhitos encravados, a boquinha aberta, respirando curto; moscas importunas dançam-lhe sobre a pequena face baça, terrosa...

Uma rapariga irrompe, às cegas, do corredor dos consultórios; vem escarlate, vem d'olhos baixos, como se outros, escarninhos, a examinassem nos seus íntimos pedaços de corpo...

Uma mulher rebuçada em grande capa mostra à vizinha o volume disforme da sua barriga, e bate nela, sacode-a, espreme-a, como a evidenciar que aquilo está grande, que aquilo há de matá-la, mas que não dói – não dói!... – ... o que representa um consolo grande, uma alegria até, uma superioridade mesmo, sobre os companheiros que ali estão, alguns mais que gemendo – urrando – baixinho!...

⁴ Praça Piratinino de Almeida, antigo Largo da Caridade, que surgiu ali juntamente com o prédio da Santa Casa.

⁵ O decreto para a instalação da caixa d'água municipal, que abasteceria a cidade, foi assinado em 1871 com a Companhia Hidráulica Pelotense. Importado da Holanda, o grande tanque metálico era uma das atrações visuais do centro. Permanece como monumento até hoje na Praça em frente ao Hospital. Em 1980 foi tombado pelo Iphan.

⁶ Neste período ainda não havia sido implantado o plano nacional de combate à lepra, que segregou em leprosários os doentes a partir da década de 1940. Os doentes de hanseníase ainda eram tratados nos hospitais e não havia cura para a doença.

⁷ Iodofórmio: substância de cor amarela utilizada, nesta época, como anti-séptico nos hospitais.

⁸ Tafulona: mulher que gosta de luxos e de se divertir. Em contexto muito diverso, Simões Lopes Neto chama a Rosa, personagem do conto Os Cabelos da China, de tafulona.

⁹ Marasmática: que tem marasmo, apática.

Em três lugares diversos, tosses convulsas de tuberculose¹⁰ sacodem peitos cavernosos; é uma mocinha de lindo perfil, de profundos olhos negros, a cabeleira presa a uma fita azul, garrida e esperançosa... é um rapazola sardento, arruiviscado, tipo de degenerado esculpido pelos lábios, pelo nariz, pela testa, pelas pomas; acolá longe um mulato moço, queimado de caninhas e contaminado pelos amores das vagabundas dos cortiços; esse tosse até chorar e escarra num lenço que filtra raios de sangue...

Uma risada sadia escandaliza o estertorar abafado das esperanças: é uma criança duns 5 anos que dá SHOOTs numa bola de papel de jornal, e ri-se, e volteia, superior e vivaz, na graça da sua inocência, na felicidade da sua saúde.

Um grito de dor estruge lá dentro, logo seguido dum ai lancinante...

O fedelho para o jogo e fica, de dedinho no ar, os olhos ainda risonhos, e diz, entre os trapos de sua boquinha brejeira:

– Oh! mamãe!... doutor!... dodói!...

No mesmo instante a crioula tafulona brada:

– Irmã! Irmã! Bote água de socorro¹¹!...

O pequeno foot-baller errou ainda um shoot e caiu, enredado, agarrando-se às saias da preta... e ficou-lhe aí, aos pés, ainda rindo, num claro riso, enquanto que acima, nos braços dela agonizava, morria, a mulatinha, filha das suas entranhas amorudas dum branco, por ser branco...

A sujeita barriguda, indiferente, continuava a conversa com a vizinha, esmurrando, sacudindo, espremendo a barriga para provar que não doía... não doía nada!...

¹⁰ Ainda não havia, nesta época, uma ala especial para tuberculosos na Santa Casa de Pelotas – esta foi inaugurada somente em 1925. Neste período, a doença já era uma epidemia generalizada, atacando especialmente a população mais pobre. Não havia cura para o mal e os hospitais atuavam somente no conforto e na qualidade de vida dos doentes. Neste parágrafo, o cronista registra três diferentes tipos humanos, todos eles atacados pela tuberculose.

¹¹ Água de Socorro: batismo realizado sem cerimônias, rapidamente, quando a criança está à morte, para que não morra pagã.

O MACACO?... TUDO AGUENTA!...¹

Que é o MACACO?

É um chumbinho, é um ferrinho, é um pesinho que trabalha POR LO FINO², embaixo do prato, ou grudado no peso grande ou ajeitado na navalha da balança para o fim esperto e cavador de aumentar o chuchú³ que o freguês tem de aguentar...

O MACACO, tem lábias; sobe e desce à vontade dos... acontecimentos.

Por exemplo: no açougue; num ápice, três tipos diferentes aguentam o macaco.

1º É um sujeito metido a sebo⁴, entendedor dos pedaços de carne; quer somente filé, costelinha gorda, assado bonito; apalpa, cheira, e... pede um quilo. O açougueiro finca-lhe os olhos, assobia entre-dentes, corre a faca no carname, junta-lhe um contrapeso de nervo de garrão e... já se sabe, o MACACO engole cem gramas, sem engasgo...

Quando o tipo sai, todo ancho⁵ do seu entendimento e energia, ainda leva pelas costas, uma bruta e eloquente banana⁶...

2º É uma cozinheira já madurázia⁷, entendida nas complicações da banca das verduras, na discussão dos bagres e linguados e sobretudo na ciência do... MACACO.

Pede seis quilos de carne; pra guisado, pra bifés, pra assado, e pra sopa.

– E não me dê nervo!... Veja lá que eu sou matriculada⁸;

Aí o cortador arruma o sortimento; vai de tudo, que é bom pra os olhos: vai polpa⁹, vai osso, vai queixada, vai tanguari¹⁰, e a tia soca tudo no cesto e sai lampeira¹¹ com os seus seis quilos, seis, dos quais o macaco velho de guerra comeu... uma... LIVRA¹²!

3º Cabrocha pernóstica, elegante, com boà de pello¹³ e sapatos de fivelas amarelas.

– Mi dê carne!...

– Quanto quer?

¹ Publicada no dia 25 de julho de 1913

² Por lo fino: gíria que, provavelmente, deriva do espanhol, significando que o pesinho atua discretamente, sem ser visto.

³ Chuchu: gíria que parece referir-se ao prejuízo causado pela falcatrua

⁴ Metido a sebo: vaidoso, pedante, sabichão

⁵ Ancho: inchado de vaidade, cheio de si

⁶ Levar uma banana: ser passado para trás, enganado

⁷ Madurázia: idosa. Simões Lopes Neto também utiliza este adjetivo para comentar a idade do personagem Juca Picumã, no conto Os Cabelos da China, de Contos Gauchescos.

⁸ Ser matriculada: gíria para dizer que é experiente, que conhece as artimanhas.

⁹ Polpa: parte nobre do boi, sem osso e sem gordura, hoje chamada de coxão de dentro ou coxão mole

¹⁰ Tanguari: a aorta do boi, que costumava ser servida cozida como uma iguaria, especialmente no interior do Rio Grande do Sul.

¹¹ Lampeira: apressada.

¹² Livra: libra, unidade de medida de peso equivalente a cerca de 450 gramas

¹³ Boà de Pello: acessório feito de plumas, semelhante a uma echarpe, para ser usado em volta do pescoço

- Quanto custa?
- Quinhenturras¹⁴ e três vinténs... pra quem tem!...
- Não se passe, que eu não admito passamentos comigo!...
- Vá! Quer desta?
- Bote meio quilo... sem osso! Quanto custa?
- Uma pataca¹⁵!
- Embrulhe aqui!

E estende um pedaço de jornal; depois sopesa a moleza do pacotinho, dá um muchocho¹⁶ e diz ainda:

- Que michidade¹⁷!

Pudera!... macaco não é elefante!

Desses três casos gerais o inquérito verifica que há três escavações¹⁸ gerais: do macaco, do macacão e do macaquinho.

O tamanho do bicho depende somente do peso da compra.

.....

O patusco¹⁹ desta coisa, ao que dizem os aplicadores da cavação²⁰, é que, como se ganha pouco no boi, é preciso tirar a diferença no couro dos que o comem...

¹⁴ Quinhenturras: 500 réis.

¹⁵ Pataca: moeda portuguesa de prata emitida até meados do século 19, que equivalia a 320 réis. Foram as moedas que mais circularam no Brasil no século 19 e também nos primeiros anos do século 20

¹⁶ Muchocho: reclamação sem palavras, apenas com um som semelhante a um assopro, produzido pela boca.

¹⁷ Michidade: mixaria, pouca quantidade.

¹⁸ Escavação: pesquisa, ato de investigar.

¹⁹ Patusco: piada de mau gosto, brincadeira sem graça.

²⁰ Cavação: negócio ou vantagem obtido de forma ilícita.

CURSO DE DANÇA¹

E lá para as bandas do Forno do Cisco².

Ponho aqui este local em maiúsculas, por mostra de muito respeito.

Realmente, reparem: forno do cisco, assim, com f c pequenos, parece um forninho qualquer, de um cisquinho qualquer; ao passo que escrito com F C grandes, dá mesmo a ideia volumosa de um forno respeitável, onde se queima um cisco respeitável, cisco em grosso, por atacado, internacional, conduzido em carroças, com folha de empregados, fiscalizado em ordem, medido, pesado, classificado; nestas condições é ou não, um Illm^o. Exmo. Snr. Forno do Cisco?...

Dizem que a morte iguala os homens, nivelando as classes; dizem, mas não é verdade; os mortos, segundo as suas posses, vão de roupas finas ou de farpelas³ sovadas, no carro de luxo ou no bate-bate, com missa de encomenda ou sem ela e ainda por fim ou entram na cova rasa ou em catacumba do quadro, e aí, ou têm uma cruz de sarrafo com letras tortas ou nada, ou tem um mausoléum alteroso, de mármore e gradil artístico.

A única coisa que conheço que positivamente nivela, iguala os mortos, é que o defunto, sendo homem, não vai de chapéu, e sendo mulher, não empunha o leque... No mais, é como disse.

Com o Cisco (com C de respeito, seu tipógrafo), o igualamento (?) é absoluto, a nivelção (?)⁴ é rigorosa.

O cisco do ricoço e do pobretão, do mais fastuoso palácio e do mais sórdido casebre, todo ele fraterniza, idealmente pacífico, de braço dado, orgulhoso das moscas que atrai e dos cachorros que o revolvem; é um cisco igualitário, sem cerimônia, bom sujeito, generoso, exibindo as mesmas latas amolgadas⁵, os mesmos ossos e as mesmas escamas, e cascas d'ovos e de frutas e botinas cambaias⁶ e cacos de louça, e cinzas, talos de verdura, frangalhos de bonecos, papéis, retalhos, e coisas amadas, que foram preciosas, e odiosas... e horríveis... e infames... Um cisco assim composto – sente-se bem! –, é que é verdadeiramente um... Cisco!

¹ Publicada em 29 de julho de 1913.

² Forno do Cisco: local onde se depositava e queimava todo o lixo recolhido na cidade, que ficava no então afastado bairro Fragata. Até a década de 1920, os rejeitos foram levados para lá para serem insinerados em grande forno.

³ Farpelas: roupas gastas, imprestáveis

⁴ Estes pontos de interrogação não são marcas da edição. Foram postos aí pelo autor, para compor a interpretação de seu texto.

⁵ Amolgadas: esmagadas, amassadas

⁶ Botinas cambaias: sapatos velhos e acalcanhados

E ei-lo o que aí vai ele todo, de cambulhada⁷, atirado de mil pontos diferentes, como riachos sobre um rio, juntando-se aos poucos, trocando as suas respectivas apresentações, em línguas variadas, as suas impressões e as suas histórias; e encontrando-se com surpresa e reconhecendo-se com alegria suprema, os pedaços d'ossos do mesmo boi, as cascas dos ovos irmãos, saídos da mesma galinha, os bagaços das laranjas que foram irmãs quando flores...; um farrapo de renda topa com um botão de frack e conversam duma certa valsa que dançaram; um beijo de xícara pergunta a um fio de cabelo notícia da bela moça que um dia bebeu por ele uns goles de chá; o fio de cabelo não responde por que cerrou palestra com uma ponta de charuto que conhecera na véspera; um roto couro de tamanco abraça um farrapo de gravata multicolor, quando um bico de mamadeira rompe às gargalhadas para um pedaço de cobertão de automóvel, por que a borracha de ambos era filha da mesma seringueira, lá do Acre...

.....

E quando tudo, em monte, é despejado na GARE⁸ do forno, nem por isso cessa a algazarra jovial das coisas que temos por miseráveis, que choraram – quem o sabe! – lágrimas sentidas ao despartirem-se, e riem agora – quem o sabe! – risos superiores, ao entrar para o fogo purificador, para a voragem imaculada e nela integrando-se pela força da alma universal, que dispersa e ajunta, que separa e conjuga, que materializa e volatiliza, e que é a Eterna Vida, que encisca povos e rolhas, reis e espinhas de peixe, religiões e cascas de batatas, monumentos e chinelas, glórias e sabugos.

O Cisco...

Que extraordinário livro de filosofia!...

.....

Ah! patetice!... E não é que o inquérito perdeu o tal CURSO DE DANÇA?...

– Tá bom! fica para outro dia.

⁷ De cambulhada: agrupado, ajuntado

⁸ Gare: palavra portuguesa que significa cais ou estação de estrada de ferro própria para embarque ou desembarque de cargas ou passageiros. No texto, parece ter sido empregada como uma gíria, para designar a boca do grande forno, grande como a entrada de uma estação

Vivendo e aprendendo...¹

Por vezes anda a gente por aí, vai andando por aí... às moscas!...

Vai andando, mas vai vendo.

Vai vendo e vai guardando.

Guardando e aprendendo; e assim é que lá vem um dia em que a dita gente que anda, vê e guarda, nota que o “envelope” tem dentro alguma coisa e que essa alguma coisa representa uma boa porção de realidades que parecem contradizer-se, porém, que vivem juntas em exemplar harmonia.

Por exemplo, leitor, se te dissessem que a JOALHERIA LEVY vendia pedras... de sal, ou a CASA AMERICANA² panos... de toucinho, não opinarias desde logo em achar nisso um... contraste?

Opinavas, e... erravas!

Ora, assenta lá, na palma da mão:

– Temos ali, cerca da Praça da República, uma – Casa Azul –, que é pintada de... vermelho; o BAZAR MUSICAL (dá licença, Abadie?...)³, vende óperas e bombons, tangos e rosários, pianos e ronds de bouquets...

Temos uma livraria que vende... livros – que novidade! –, e... sementes de alfafa; outra, que vende... livros – que dúvida! – e... pílulas antidispépticas; outra que vende... livros – por certo! –, e... móveis de vime; outra ainda, que vende... livros – pudera não! –, e... e... e... manteiga!

Em compensação, uma conhecida casa especialista em guarda-chuvas e bengalas, vende... canetas e lapiseiras.

Um farmacêutico, meu amigo, sujeitinho hábil para manipular qualquer fórmula médica... compra azeite de capivara... para revender!

Uma forte casa de louças, a par das suas belas porcelanas e límpidos cristais oferece... vinhos e creolina.

Entre os mais lerdos mensageiros que hemos tido figuravam uns tais – Elétricos.

¹ Publicada no dia 1 de agosto de 1913

² Joalheria Levy (ou Levy Irmãos & Co.): tradicional casa de joias e ouriversaria de Pelotas, localizada na rua 15 de Novembro. Em várias edições da Revista do 1º Centenário, que Simões Lopes Neto editou entre 1911 e 1912, há anúncios deste estabelecimento; Casa Americana: na mesma Revista há muitos anúncios de uma Livraria Americana, também localizada na 15 de Novembro. É provável que trate-se do mesmo comércio, uma das principais e maiores das muitas livrarias existentes em Pelotas nesta época.

³ O Bazar Musical era uma loja de instrumentos e artigos musicais localizada na Rua 15 de Novembro, em frente à Livraria Americana, que também era famosa pela importação de pianos. Entre parênteses, o cronista refere-se a João Abadie, proprietário do Bazar, personagem conhecido dos intelectuais da época.

Uma barbearia oferece, além dos serviço figaresco, meias, suspensórios e... cordas de violão; outra, canários belga e porquinhos da Índia...

Uma acreditada fábrica de camisas, em suas vitrines expõe... chapéus.

Uma casita de bilhetes da loteria chama-se – Camponez Alegre –; há por aí uma venda – Ao... (e um jacaré, que parece atacado de hidrofobia); outra, também – Ao... (e um olho de gente, pintado à brocha, eloquência a ideia da viveza...)

Fechou há pouco tempo um pequeno hotel que existia logo no princípio da Avenida 20 de Setembro, o qual ostentava este letreiro... convidativo: – Hotel para Viajantes e Artistas. Almoço 1000 réis – Cômodos para cavalos.

Nas proximidades do Parque Pelotense⁴ havia uma velha ferraria que assim oferecia ao público os seus préstimos: – Fulano de tal – ferra cavalos e seu pai também. Por Preços Baratos.

Lá pra Várzea⁵ há uma venda chamada – Ao Bigodudo –. O nome foi dado pelo fundador do negócio.

E queriam vncês. ver um homem furioso, dando o desespero, danado da vida? Era passar-lhe pela porta e gritar-lhe – Bigodudo!

E o melhor do caso é que, ele, de bigode, teria, o muito, quatro dúzias de magros fios sob cada venta!...

Temos também uma fábrica de móveis e que vende... compotas; e uma loja de fazendas que vende... conchas da praia do Chuy; uma sapataria expôs à venda – uma consignação de... tachos de cobre; e o mais extraordinário foi de um armazém de comestíveis, que recebeu, da Alemanha, um volumoso e apavorante mostruário de... galões e franjas para caixões mortuários e ornatos fúnebres para cemitério!...

E não é que o diabo do homem esteve – vai! não vai! – para mandar vir a trapalhada, seduzido que ficou, pelos preços?!...

.....

Ora aqui estão contrastes, bastantes, que o inquérito apurou em rápida revista.

E nem falemos dos homens altos casados com mulheres baixas; das gordas casadas com magros, e da harmonia celestial entre genros e sogras... de biscuit e sem vice-versa!

⁴ O Parque Pelotense era uma grande área verde, afastada do centro da cidade, que servia aos passeios das famílias e da sociedade em dias de clima agradável. Foi fundado em 1883 pelo farmacêutico José Álvares de Souza Soares, que construiu lá o seu laboratório, além de ter aberto espaço para muitas outras fábricas. O Parque, com o tempo, tornou-se parte do bairro Fragata.

⁵ A Várzea foi um bairro criado na quarta leva de urbanização da cidade, que seguiu um projeto desenvolvido na época que sua fundação, no início do século 19. A rua principal é a atual João Pessoa, que na época do Inquérito se chamava Rua da Liberdade, e foi projetada pelo engenheiro Romualdo de Abreu e Silva.

Curso de dança¹

Prometeu, há dias, o inquerito esmiuçar um certo curso de dança; depois entraram de permeio outras urgências que arredaram aquela.

Agora, por mero acaso, encontro feito o que pretendia fazer. E foi feito por quem? Pelo grande Arthur Azevedo; é sua, a anedota, e por ele contada.

.....

“A cena passou-se em S. Luiz do Maranhão, quando ele, se não há engano, exercia ainda as funções de caixeiro de venda e tocava a bomba de cacimba, na casinhola do quintal, para encher a gamela em que se banhava o derriço do patrão.

Existia, então, naquela cidade, um velho pernóstico, vadio e jogador, cuja principal ocupação consistia em tomar parte enquanto zungú ou baile de capadócios e mulatas se ofereciam em certo bairro do lugar.

Essas funçanatas, às vezes, eram promovidas por caixeiros, estudantes e não raro também por cafajestes, de onde saíam brigas que a polícia abafava paternalmente.

Ora, uma noite lembrou-se o tal velho Jacutinga de pregar uma peça às bailarinas.

Muniu-se de um frasco de óleo de cróton e de um pincel e acompanhou o farrancho dos trocistas.

Nesses bailes a pobreza do buffet era lastimosa. Para os homens cerveja e caninha; para as madamas cocada, doce seco, pé-de-moleque e bolas de queijadinhas. Tudo isso trancafiava-se na dispensa e distribuía-se por tamina.

Jacutinga guardou segredo, quanto ao plano; mas a certa hora conseguiu abrir a janela da dispensa e preparou a premeditada surpresa.

Ora, as raparigas eram loucas, principalmente pelas queijadinhas; como nessa noite havia grande abundância delas, o pessoal feminino entrou por essas guloseimas com entusiasmo, apesar da estranheza dos condimentos.

Por volta da meia noite manifestou-se esquisito fenômeno naquela sociedade. De vez em quando uma bailarina desaparecia e depois de alguns minutos voltava alegre e prazenteira. Com pouco outra e mais outra; por fim desertavam aos pares, às três, às quatro...

¹ Publicada no dia 4 de agosto de 1913. Em movimento inesperado na série, Simões Lopes Neto publica crônica de outro autor, Arthur Azevedo. Não informa onde estava publicado o original, se estava, e como obteve autorização para republicá-lo. Faz somente uma nota introdutória e um brevíssimo comentário ao final. A presença desta crônica suscita uma série de questionamentos, como o alcance do diálogo que o pelotense mantinha com escritores contemporâneos seus, e o que o levou a reproduzir texto de outro autor em seu espaço. Não teria tido tempo de escrever sobre o tema? Ou não encontrou a forma adequada?

Risos, galhofas, vaia nas que saiam da sala, indo encerrar-se na alcova que fingia de “toilette”.

O ambiente a pouco e pouco tornou-se insuportável. O violão gemia, o trombone roncava, embalde, porque os pares escasseavam. Impacientes, os cavalheiros batiam à porta, reclamando contra o retraimento das madamas:

– Oh! Marocas! Oh! Miquelina! Oh! Xandoca! Que diabo! Venham pro aço!²

E nada. No interior da alcova havia um grande reboliço, risos de umas, pragas, lamentações de outras.

– Abram! ou arromba-se a porta!

A ameaça foi inútil; as queijadas tinham sido desovadas...

Jacutinga, porém, ria-se: malvado cochichou com os estudantes e dois ou três cafajestes.

– Estas raparigas estão hoje muito ariscas e dengosas. Está resolvido! Ninguém sai! Havemos de bailar até clarear o dia! Fechem as portas! À chave!...

Um pavor universal no meio das mulheres! Efetivamente, as entradas e saídas foram vedadas; as chaves escondidas.

Triunfava o autor da brejeirada.

Declarara-se o chalera entre as mulatas: sem recursos, bradavam as mais bravias; muitas retorciam-se, atacadas de cólicas...

Por último arrombaram a janela e por aí fez-se a evasão. Grande parte do mulherio, em desespero, desapareceu pela vizinhança, lançando as mais afrontosas injúrias aos autores da TRAGÉDIA...

.....

Ora, este pano de amostra, que nos legou o saudoso observador, é bem melhor que o do nosso sortimento.

Pois não é?...

² Venham pro aço – A gíria aço, aqui, parece ter relação com a farra, a festa da qual participam os personagens. Nas crônicas de João do Sul, o termo pode ter significado semelhante.

Ladrão de galinhas¹

... e há quem não compreenda como é que uma brincadeira pode hospedar um cidadão na cadeia!...

Há um par de anos estacionava no corredor da Praça da República fronteiro à Intendência um tipo magro, cambaio², que exibia um bracinho embrionário e com a mão sã do outro, perfeito e musculoso, caçava os níqueis da piedade zénaba dos pacóvios³, com agilidade extrema.

Um belo dia houve não sei que embrulho policial e o bracinho zarpou, em passagem de 1ª classe, levando uma nédia⁴ meia dúzia de contos de réis, honestamente ganhos sem soar o topete...

Colega deste colega era uma velhota rochunchuda, sempre de preto, e tendo sempre passado no rosto um lenço branco, posto assim à guisa de quem está tinindo com dores de dentes.

A calejada da velhota abordava o andante e tocava-lhe a sonata das desgraças... a viuvez, as duas filhas peralyticas, outra com um inchume e a avó com andaço⁵...

O sujeito ouvia, ouvia, enternecia o músculo, via a cara lastimosa da vítima de tantas desgraças, e pá, buraco!... deixava logo ali de um mil réis acima, pedindo ainda desculpas por ser tão pouco.

Esta colheita, na roda da semana, dava para um sábado gordo, com bailarico puxado à sustância, beberagenzinhas reconfortantes e uns paparutos⁶ de panela e mais uns doces e mais uns cafês...

As pequenas PERALYTICAS e a do INCHUME eram sapecas de truz⁷, que dançavam maxixe⁸ sério... como gente... que não é séria...

Uma delícia!

Um dia chegou a vez da avó morrer; morreu, de verdade: era um sábado.

¹ Publicada em 06 de agosto de 1913

² Cambaio: indivíduo de pernas tortas, que tem dificuldade de andar.

³ Pacóvio: simplório, toleirão

⁴ Nédia: brilhante, reluzente

⁵ Peralyticas: paralíticas; inchume: inchaço; andaço: indisposição provocada por epidemia de doença de pouca gravidade, mas que se espalha rapidamente pelos arredores

⁶ Paparuto: comida de origem indígena, à base de mandioca e carne. Aqui a palavra parece mais designar um cozido com carne bovina do que uma refeição preparada por indígenas

⁷ De truz: de primeira linha

⁸ Maxixe: dança urbana que atingiu o seu auge durante o século 19. Seus passos rápidos que acompanham um ritmo acelerado têm inspiração nas polcas, habaneiras e no tango argentino. Foi ritmo muito popular, apreciado pelo povo em todo o país.

A velhota, que sabia por certo a quanto os deveres sociais obrigam, mandou aviso desta – desgraça – aos conhecidos e frequentadores da casa, nas horas de patuscada, e convidá-los para o velório.

Ora!... Se durante a tarde a vizinhança meteu o nariz na casa mortuária, ao escurecer já ninguém mais veio; e assim, até pelas dez horas da noite o isolamento cercou as três pequenas mais a CHEFA. Na sala da frente a defunta, espichada no seu caixão preto, posto sobre uma mesa, parecia espiar as velas que se derretiam no silêncio.

De repente um batido na vidraça alarmou o pessoal. Era o GRELÃO⁹ n.1 da pequena n.1; daí a pouco chegou o GRELÃO n.2 da n.2; depois o GRELÃO n.3 da n.3; aos poucos os outros GRELÕES, ns. 1 e 3 da n.1, ns. 2 e 3 da n.2 e ns. 1 e 2 da n.3.

Esta complicação é apenas aparente. Cada GRELADA tinha três namorados, que compareceram para chorar em comum...

Descrever o aquecimento da reunião é coisa difícil; dar-lhe o epílogo é muito mais cômodo; ei-lo: pelas duas da madrugada, junto à parede da sala, sobre duas cadeiras, fechado, estacionava o caixão, com a defunta dentro; sobre ele, amontoavam-se os chapéus e os capotes dos nove; as velas, ao lado das lâmpadas, sobre as mesinhas da sala, ajudavam a iluminar o bródio¹⁰; a mesa, que há pouco sustentava o peso da morta, reposta na outra saleta, sustentava agora o peso dos pratos de canja...

E quando a abelha mestra, a velhota, chamou a companhia para a ceia, os pares dançavam desenfreadamente, as três sapecas com os respectivos GRELÕES ns.1 e os seis namorados secundários com seis convidadas de outras zonas...

.....

Ora, aqui há meses um pobre diabo estava com a mulher à morte em consequência de um parto desastroso.

O médico exigia uma rigorosa dieta, permitindo apenas um caldo, um caldinho, um magro caldo de galinha¹¹.

O desgraçado não tinha dinheiro, nem um amigo, nem o diabo para ajudá-lo.

Pulou o muro do vizinho, roubou uma galinha, e ao regressar caiu, fez rumor, foi apanhado, preso, processado, condenado.

⁹ Grelões, grelada: do verbo grelar, gíria de origem portuguesa que significa namorar ou abordar com intenção de namoro ou relacionamento amoroso. Os grelões são os namorados ou flertes.

¹⁰ Bródio: banquete, mesa farta. Também pode significar farra, festa animada.

¹¹ Simões Lopes Neto deposita no prato de canja o máximo contraste que deseja extrair de seu inquérito. Na primeira situação, a canja é o alimento coadjuvante que acompanha a animada festa, a despeito do velório que corre em paralelo à algazarra. Na segunda situação, a canja (o caldo de galinha) seria a salvação da convalescente, mas acabou por ser a desgraça do ladrão.

.....

Este inquérito, hoje, parece que está fora dos eixos.

A mim, pelo menos, parece.

Mais cães e gatos¹

Demonstrou já o INQUÉRITO como se aliam em santa paz certas contradições entre nomes e coisas, entre estas e seu curso, entre este e suas aplicações,

Uns incorrigíveis curiosos, muitos terríveis perguntadores, se não deram por satisfeitos e teimaram em que o cronista esvaziara o saco e que não mais era capaz de escamar² um outro bocado de contrastes.

Ora vejamos se pela malha teriam passado todos os CAMARÕES³.

Sem ter de andar quilômetros, ali pela rua Félix da Cunha, esquina da General Telles há uma venda que exhibe na parede um letreiro de – Quartos para frios –.

Um outro danado, invejoso do querido José Lyra, como reclamista, fez cair bem a parede, champou nela uma valente plastada, aliás sugestiva e que é assim: – Ao... (e a IMAGEM de um peixe) Frito –.

E quando o letreiro e a pintura não bastassem, lá estava o cheiro do peixe frito e as postas dele, para firmarem o ACÓRDÃO daquele tribunal da farra...

Outras denominações bizarras metem-se pelos olhos de quem está acordado, como uma martelada em manteiga; exemplos:

- Ao Trovão da Barateza.
- Ao Pára o Jogo.
- Ao Comece o Jogo.
- Ao siga o Jogo.
- Ao Garrafonzinho.
- O Homem não É o Mesmo
- A Bocca do Lobo.
- A Fortaleza do Chafariz.
- À Rocha Negra.
- Fiado não Vai!
- Chega para todos.
- Armazém Aquático.
- À Esquina.

¹ Publicada em 09 de agosto de 1913

² Escamar: tirar as escamas de um peixe. Em sentido figurado, revelar, descobrir.

³ Ver se pela malha passaram todos os camarões: ver se restou alguma coisa. A gíria tem relação com o universo dos pescadores, que verificam a malha das redes para saber o que capturaram. Camarões pequenos ou uma malha muito grossa podem resultar em rede vazia. A pesca do camarão-rosa com redes de arrasto ou espera é comum na Lagoa dos Patos em Rio Grande e Pelotas.

E aposto o pescoço a que ficam mais de duas dúzias de outros... no tinteiro.

.....

E a gente, gente!... Olhem lá que aparece cada nome de criança, que é mesmo de a gente benzer-se com a canhota e dizer, depois de tirar o chapéu: – Sim, senhor!...

As Conegundes, Niccacias e Miquelinas estão extintas: hoje é só a elegância de nomes de mil diversas origens, russos, alemães, franceses e filhos dos dicionários, das folhinhas, das charadas, etc., isto a torto e a direito, sem pés nem cabeça, sem tripas nem miolos, chegando por vezes a badalada do nome a rachar a sineta do bom senso, o sino do bom gosto.

Exemplos? Mil! Leitor amigo, em vez de me chamares de cacete⁴, dá-te ao prazer de ir ao cartório de registro civil... e que te faça bom proveito⁵.

Penso mesmo que parte da mortalidade das crianças, atualmente, provém das lesões intestinais que os respectivos nomes lhes produzem...

.....

Sem mais falar nos inocentes, que além do trabalho de nascerem são logo sobrecarregados com o de trazerem o zarro nome que os papais e dindinhos lhes aparafusam à pessoa, topamos, a seguir, com os nomes de gente dados a cachorros, éguas e cavalos, vacas e cabras leiteiras... Por este andar, dentro em pouco melhor será...

Melhor será... o ponto final.

⁴ Cacete: gíria antiga para designar pessoa tediosa, importuna, aborrecida

⁵ O próprio Simões Lopes Neto foi notário, tendo atuado em um dos cartórios de registro civil de Pelotas. Neste período, deve ter visto nomes bizarros serem registrados.

6. OS JOÕES, SUAS CIDADES E SUAS NARRATIVAS

O pseudônimo com o qual Simões Lopes Neto assinou a série *Inquéritos em Contraste* sugere uma aproximação imediata com outro cronista de seu tempo, cujo codinome é a primeira das referências: João do Rio. Investigador curioso da vida do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século 20, Paulo Barreto fez da crônica do cotidiano, que publicou nos jornais da então Capital Federal, o ponto alto da carreira como escritor. O conteúdo da obra jornalística de João do Rio demonstra que o cotejo entre ele e o pelotense não ocorre apenas no pseudônimo: ambos percorreram os subterrâneos, os becos, as ruelas, as entranhas em que a elite leitora não circulava. Mas não apenas isso. Cada um em seu espaço e guardadas as devidas proporções na comparação de suas obras, eles buscaram, por meio da reportagem e da narração de fatos e personagens, compreender os efeitos da chegada do progresso, da urbanização, da transformação das suas cidades.

João Paulo Alberto Coelho Barreto¹ nasceu no Rio em 5 de agosto de 1881 – 16 anos depois do nascimento de João Simões Lopes Neto, em uma longínqua charqueada, no ano de 1865. O pai, Alfredo Coelho Barreto, era professor de mecânica e astronomia no tradicional Colégio Pedro II, já nesta época um dos mais importantes da Capital. Dizem os biógrafos do escritor que era positivista ferrenho e ortodoxo, além de ser gaúcho, de São Leopoldo. A mãe, Florência Cristóvão dos Santos Barreto, era uma mulata espirituosa e de opinião forte. No ambiente urbano, João Paulo cresceu com o próprio pai dando-lhe as primeiras lições, antes que frequentasse o Pedro II. Já aí aparecem as primeiras diferenças entre as biografias dos dois personagens: um nasceu no campo, na riqueza e fartura pastoril da Estância da Graça. O outro é urbano, nascido e criado no centro do Rio de Janeiro, a maior e mais importante cidade do país, onde a cultura, a economia e a política aconteciam. Seus pais também eram muito diferentes: o João carioca teve um pai um professor, positivista, intelectualizado, que ministrou, ele próprio, as primeiras lições ao filho. O outro descendia de um gauchão que tanto trabalhava como peão, nas lidas campeiras da estância, como frequentava as rodas sociais de Pelotas. A mãe de um, mulata. De outro, uma senhora de boa família, frágil e morta precocemente. A família de um retratava a classe média ordinária cada vez mais comum no Rio de Janeiro do início do século 20, inserida no mundo do trabalho remunerado. A família de outro era o símbolo da alta aristocracia rural, rica e despreocupada, que ocupava o topo da pirâmide social.

¹ As informações biográficas de João do Rio foram colhidas nas notas introdutórias das edições de *A Alma Encantadora das Ruas*, organizada pelo professor Raúl Antelo, e *João do Rio – Uma Antologia, com seleção e apresentação de Luís Martins*. A referência completa está no final deste trabalho.

Em 1899, Paulo Barreto, aos 17 anos, colabora com a imprensa carioca pela primeira vez. Publica, na edição de 1º de junho do jornal *A Tribuna*, a crítica de uma peça teatral em cartaz na cidade. A estréia do outro João ocorreu onze anos antes, em 1888, quando, aos 23, publicou pela primeira vez na imprensa pelotense. O conteúdo foram dois singelos sonetos. Depois de começar, nenhum dos dois parou mais de escrever para os jornais. Aí, mais uma diferença fundamental entre eles: Paulo Barreto se profissionalizou logo em seguida, obtendo seu sustento com o trabalho no jornal. Tentou ingressar na diplomacia, mas foi recusado, segundo seus biógrafos, por causa de sua extravagante figura: era mulato, gordo, espalhafatoso nas roupas e homossexual. Ao perceber que não ingressaria na carreira diplomática, tratou de profissionalizar a escrita e obter dinheiro com o seu trabalho. Assim, com muitos pseudônimos, colaborou com variados periódicos e revistas cariocas. Seu homônimo sulino também foi frequente nas páginas dos periódicos pelotenses, mas a natureza do trabalho era diferente. Herdeiro de uma das mais abastadas famílias do Rio Grande do Sul, João Simões não escrevia por dinheiro ou necessidade – tanto que o fazia voluntariamente, como era costume dos moços ricos da época. Para manter-se, empreendeu as muitas tentativas empresariais, que falharam e, ao longo dos anos, o conduziram à pobreza.

Ainda no final do século 19, em 1896, no texto editorial que inaugura o *Jornal A Opinião Pública*, de Pelotas, João Simões estreia o seu pseudônimo João do Sul, que o acompanharia até os últimos escritos. Antes deste, já se havia assinado com dezenas de codinomes, como era a moda entre os escritores daquele período. O mais conhecido deles foi o irreverente Serafim Bemol, alcunha com que assinou crônicas satíricas nos jornais e também a produção teatral. João do Rio nasceu alguns anos depois, em 1903, em uma crônica publicada no jornal *Gazeta de Notícias*. A partir do ano seguinte e sempre grifando seus textos com este codinome, Paulo Barreto passou a investir na produção de reportagens e crônicas do cotidiano, imprimindo à atividade uma personalidade muito própria. Em 1904 produz, na *Gazeta*, a série de reportagens *As Religiões do Rio*, em que percorre locais desconhecidos do público leitor para descobrir as crenças e rituais praticados pela gente pobre, negra e que não frequentava as igrejas dos ricos. A série teve uma repercussão surpreendente, sendo editada em livro no final do ano, com grande sucesso de vendas. Neste mesmo ano, o jornalista começa a escrever as crônicas/reportagens que irão integrar o livro *A Alma Encantadora das Ruas*, editado em 1908. Nele, percorre as regiões empobrecidas do centro do Rio, vai atrás dos mendigos, das profissões marginalizadas, da música popular, dos imigrantes viciados em ópio, dos artistas rebaixados. Tudo para cumprir o que propôs na conferência *A Rua*, de 1905, em que afirma ser ela o verdadeiro ambiente em que a cidade se revela e se transforma, impulsionada pela modernidade

e o progresso. Pouco tempo depois de começar a publicar as reportagens e crônicas na imprensa, descobriu um filão que se tornaria comum ao longo do século 20: as compilações em livro dos textos de jornal. Chegou a ser criticado e acusado de mercenário por isso, mas a verdade é que as coletâneas sempre obedeceram a uma orientação, a um objetivo comum, com a cuidadosa seleção de artigos feita pelo autor. A unidade entre os textos fazia dos livros uma narrativa coesa, de leitura fluente.

Ainda na primeira década do século 20, João do Rio já era o nome de um escritor reconhecido, polêmico e, principalmente, que tinha encontrado para a crônica do cotidiano uma realização formal capaz de tornar o dia a dia da metrópole algo palatável para o leitor da elite, que consumia o seu trabalho nas páginas do jornal e nos livros. Em 1909, com a morte do pai, passa a sustentar a mãe com o dinheiro que ganhava como escritor e jornalista – algo de certa forma inesperado, já que o trabalho na imprensa costumava ser bastante mal remunerado.

Neste mesmo período, João do Sul também está em franca evolução como escritor e jornalista. Como Paulo Barreto, não esteve alheio à moda das conferências, que proferiu em Pelotas e outras cidades vizinhas, sobre temas variados. Em uma delas, de 1904, comenta seu projeto pedagógico e anuncia um livro que ilustraria estes seus ideais para o rumo da educação no país – livro que nunca foi publicado, como se sabe. No entanto, diferente de seu homônimo carioca, João do Sul não era, ainda, escritor por profissão. Suas colaborações com a imprensa pelotense eram esporádicas e boa parte do seu tempo era dedicado às desastrosas tentativas empresariais.

Ao longo desta década, João do Rio aprimorou-se e conquistou o que pouquíssimos jornalistas de seu tempo sonhariam: o reconhecimento pelo trabalho na reportagem, na investigação e na crônica do cotidiano. O que não quer dizer que ele tenha feito só isso. Enquanto desnudava os becos e realidades escondidas da Capital Federal, Paulo Barreto também escreveu contos, romances, peças de teatro, críticas e traduções. Foi ele o primeiro a revelar Oscar Wilde para o público brasileiro, traduzindo *O Retrato de Dorian Gray* no jornal *A Noite*, não sem um certo escândalo. Pelo comportamento extravagante e glutão, pela opção sexual e pelas posições assumidas em seus textos, foi polêmico, ganhando muitos desafetos, que o atacavam sem piedade em textos e declarações. Em 1908 inaugura uma das maiores paixões da sua vida, as viagens internacionais. Depois de editar *A Alma Encantadora das Ruas*, parte para a Europa para visitar Lisboa, Londres e Paris, cidades para as quais voltaria muitas vezes ao longo da vida.

No Sul, o João levava vida bastante distinta. Membro da família mais importante da região, era querido por seus convivas, apesar de alguns já anteverem nele a fama de azarado,

adquirida graças aos fracassos que colecionou como empresário. De temperamento ameno e pouco inclinado às polêmicas, comprou poucas brigas nas páginas dos jornais. As principais foram a defesa de Giuseppe Garibaldi, cujo valor havia sido questionado na imprensa, e crítica severa à Igreja, ressaltando sua posição anticlerical. Nada que pudesse, no entanto, inflamar membros da comunidade contra ele. Homem culto e instrumentalizado, lia e traduzia do inglês e do francês, mas sem alarde. Conhecia o mundo pelas páginas de livros e jornais, mas não era afeito a longas viagens. Deslocava-se, no máximo, para as cidades vizinhas, para conferências ou negócios, e para o seu querido Rio de Janeiro, onde esteve algumas vezes após seu retorno a Pelotas. Teriam eles se encontrado inadvertidamente pelas ruas da Capital Federal algum dia?

Já escritor reconhecido, Paulo Barreto consegue entrar para a Academia Brasileira de Letras na terceira tentativa, em 1910, inaugurando o uso do fardão na posse. A partir daí experimenta estilos e transita entre os gêneros, publicando abundantemente crônicas, reportagens, relatos de viagens, contos, romances, ensaios e peças teatrais. Em 1920, funda o jornal *A Pátria* e publica um volume de conferências e discursos. Era, nesta época, um homem popular no Rio de Janeiro, morador do recém-fundado bairro de Ipanema, onde ganhou um terreno após a publicação de uma crônica exaltando a criação da localidade. Adorado pela comunidade portuguesa no Brasil por ter saído em defesa dos pescadores poveiros quando o governo quis nacionalizar a atividade, tem nome de rua e praça em sua homenagem em Portugal. Seus desafetos, que muito o atacavam, não diminuíam a boa recepção de seus textos.

Em 1921, dois meses antes de completar 40 anos, Paulo Barreto passou mal em um táxi, a caminho de casa. Pediu que o motorista parasse em um bar para trazer-lhe um copo de água. Não deu tempo. Ao voltar para o carro, o homem encontrou-o morto, vítima de um infarto agudo e fulminante. Sua morte repercutiu de forma tímida entre os intelectuais e escritores contemporâneos seus, mas comoveu uma multidão estimada, à época, em 100 mil pessoas, que acompanharam o cortejo fúnebre até o cemitério de São João Batista, no bairro de Botafogo, onde sua mãe mandou erguer uma lápide de mármore e bronze. Também por ordem da mãe, que foi a única herdeira, já que morreu solteiro e sem filhos, sua biblioteca foi doada ao Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, para melhor preservação de sua memória. Publicações póstumas, além da abundante obra que o próprio Paulo Barreto editou em vida, fizeram com que ele fosse para sempre reconhecido como um escritor profícuo e criativo.

Quando aquele táxi parou em função do mal estar do seu passageiro, o outro João já havia deixado este mundo há cinco anos. Uma longa e sofrida doença colheu da existência o pelotense, não sem antes adicionar penas físicas à sua vida já difícil, com complicações financeiras, pouco reconhecimento como escritor e trabalho mal remunerado. Apesar de ter

vivido onze anos a mais do que seu homônimo carioca, João do Sul não deixou obra tão numerosa. Não publicou pouco, é verdade, mas não foi abundante como seu correspondente. Também é verdade que a obra completa de Simões Lopes Neto ainda não está reunida – vide o seu teatro, que ainda conserva textos nunca reeditados, e esta série de crônicas, pouquíssimas vezes lida criticamente e só agora editada com atualizações e anotações. De qualquer forma, observando a trajetória dos dois autores, é possível afirmar que o jornal e as revistas (a imprensa, de modo geral) foram os meios prediletos de divulgação das suas obras maiores. Aqui, é importante lembrar que mesmo *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul* foram divulgados, pela primeira vez, nas páginas dos jornais e da Revista da Academia Riograndense de Letras, da qual Simões Lopes Neto era membro. Um deles atingiu sua mais alta elaboração na reportagem/crônica. O outro, na ficção.

Então, como compará-los? Como cotejar suas obras?

Primeiro, é importante revelar que, apesar de ser mais novo, é muito possível (para não dizer praticamente certo) que João do Rio não tenha tido conhecimento do seu correspondente sulino. Já de Simões Lopes Neto é factível supor que era leitor – ou ao menos tinha clara notícia – da obra de João do Rio, sucessivamente editada em livros ainda na primeira década do século 20. Além dos livros que muito provavelmente eram vendidos nas livrarias locais, os textos eram frequentemente republicados, na íntegra, em alguns jornais de Pelotas, o que parece ter sido um acordo comercial de compra de conteúdo, firmado entre as redações pelotenses e fluminenses. Alguns textos de *A Alma Encantadora das Ruas* e de *As Religiões do Rio* estão reproduzidos em periódicos como o Diário Popular. Em uma edição de outro jornal pelotense, O Rebate, se pode ver como a figura do cronista carioca era querida também na cidade de João do Sul. Sob o título de João do Rio e com a assinatura de Eduardo Vitorino, o jornal publica extenso necrológico na primeira página da edição de 29 de junho de 1921, seis dias após a morte do escritor. Em um trecho da longa nota biográfica, o autor da matéria comenta:

João do Rio, no exercício do seu natural direito de crítica, manejava a sátira, mas sempre com arte e suprema elegância. As suas crônicas dum brilho de espírito raramente igualado entre nós, que o denunciavam um observador penetrante e sutil, viviam as grandes impressões do momento, o tumulto da política, a vida das cidades, o mundanismo, os problemas sociais e se nem sempre se impregnavam de pura filosofia, muitas vezes se ataviavam de jovialidades dum parisianismo picante.

Alma Encantadora das Ruas”, “Cinematógrafo”, “Momento Literário”, “Religiões do Rio” e todos esses deliciosos volumes onde estão enfeitados contos, crônicas e conferências, são o testemunho flagrante do alto valor de uma personalidade literária inconfundível e brilhante.²

² O Rebate, 29/06/1921, p.1.

O apreço nutrido por João do Rio pelos conterrâneos de Simões Lopes Neto revela o alcance do que o escritor carioca obteve com um gênero considerado menor, de pouca importância, como a crônica. Conseguiu ser lido em local tão distante, fora do eixo central do país e cuja origem econômica e social era muito diversa da origem do Rio de Janeiro. Uma das explicações para a empatia talvez resida na semelhança existente entre as duas cidades. Os subterrâneos retratados por Paulo Barreto em suas reportagens, como os cortiços, os pobres, as profissões marginais e a vida de um extrato social que parecia exótico aos olhos da elite leitora, também existiam, respeitadas as proporções, na Pelotas do início do século 20.

Não é possível afirmar com certeza que o escritor pelotense leu a obra de João do Rio, apesar de todas as evidências indicarem que este contato existiu. Porém, é fato que, apenas alguns anos depois das edições de *Religiões do Rio* e *A Alma Encantadora das Ruas*, o escritor pelotense fez surgir a sua própria série de crônicas para abordar a cidade em seu lado mais obscuro, mais pobre, menos aristocrático. Uma série muito menor e infinitamente mais modesta, em tamanho, do que a ambiciosa obra de Paulo Barreto. Mas que parece partir da mesma necessidade de narrar, com as cores do drama, da comédia e da ironia, os pontos de alta tensão de uma realidade que, por si só, já estava no limite entre o antigo e o novo, entre o arcaico e o moderno, entre o humano e o bestial.

6.1. A LINGUAGEM

Na nota introdutória de *João do Rio – Uma Antologia*, Luís Martins afirma que o escritor revolucionou os processos de se fazer imprensa no Brasil ao introduzir, nos periódicos, a prática da reportagem moderna, interessada em esmiuçar os aspectos humanos e sociais da vida urbana do Rio de Janeiro³. Décadas antes da revolução do Novo Jornalismo norte-americano, antes do aparecimento de Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe, João do Rio já narrava como observador e personagem as situações que vivia nas ruas escuras da cidade, já descrevia os tipos humanos que encontrava e investigava sua psicologia, seus conflitos. Também reproduzia suas vozes, seus sotaques, sempre com alguma poesia que até poderia ser lúgubre, mas que nunca deixava de verter impressões, sentimentos, sensações.

Esta linguagem muito particular para narrar o assunto do dia e os pormenores do cotidiano é o primeiro ponto de contato entre os Joões. Ambos, inseridos em suas realidades e

³ RIO, João do. *João do Rio – Uma Antologia*. Seleção e apresentação de Luís Martins. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 9 e 10.

interpretando os falares e viveres das suas gentes, deram um salto em relação à linguagem da velha crônica declaratória e de comentário, praticada por seus antecessores e contemporâneos. Primeiro em João do Rio, a partir de 1905, depois em João do Sul, nos Inquéritos em Contraste, os dois manejam a linguagem de modo a acomodar o leitor em assento seletivo na narrativa, observando a ação de dentro, por meio de um narrador que, se não participa da ação, ao menos observa de posição privilegiada, a partir da qual acessa não somente os fatos, mas suas implicações, suas consequências e seu impacto nos personagens. A expressão mais contundente do uso da linguagem, que revela-se como estratégia formal na construção da crônica/reportagem, é a reprodução dos diálogos e das falas cotidianas, com seus trejeitos, maneirismos e sotaques. Em sua extensa obra, João do Rio recheou as crônicas com pílulas desses falares da rua. Já João do Sul levou, em alguns textos de sua série, essa estratégia às últimas consequências, retirando-se do papel de comentarista e posicionando-se como o repórter que passa a palavra, diretamente e sem intermediações, aos personagens que encontra pelas ruas.

Publicada pela primeira vez em 1905 e reproduzida no livro *A Alma Encantadora das Ruas*, a crônica Orações é um entre tantos exemplos deste manejo singular da linguagem, engendrado por João do Rio. Sem qualquer comentário introdutório, o texto começa com um diálogo entre o repórter, que em nenhum momento se constrange em participar da cena, e o vendedor de orações, figura comum no Rio de Janeiro no início do século.

– Que está você a vender?

– Orações, sim senhor.

– Novas?

– Uma nova, sim: a oração dos nove.

Era num canto de rua, por uma tarde de chuva. O pobre garoto, muito magro, com o pescoço muito comprido, sobraçava o maço de orações, a sorrir.

– Mas, criatura, a oração dos nove foi desmoralizada!

– E agora é que se vende mais. Olhe, hoje eu vendi quatrocentos folhetos.

Só de oração dos nove, trezentos e vinte e cinco.⁴

O repórter compra a oração e, a partir disso, comenta a profissão dos pobres vendedores desses folhetos e também discorre, quase filosoficamente, sobre a representação do poder das orações entre os crentes. “O homem é o animal que acredita – principalmente no absurdo”, diz. Além de revelar as muitas orações em folhetos que encontrou pelas ruas da cidade, reproduz trechos dos versinhos impressos nos papéis rotos vendidos pelos meninos.

⁴ RIO, João do. Orações. In: *A Alma Encantadora das Ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Organização de Raúl Antelo. p. 113

Em outra crônica, *A Fome Negra*, publicada originalmente na *Gazeta de Notícias* em 1904 e reproduzida na coletânea *A Alma Encantadora das Ruas*, João do Rio visita uma jazida de manganês, na Ilha da Conceição, onde homens trabalhavam na extração do minério em condições indignas e absolutamente insalubres. Depois de descrever a miséria das primeiras horas do dia dos trabalhadores, o escritor se coloca em cena e reproduz a entrevista que fez com um dos pobres diabos a quem buscou retratar.

Acerquei-me de um rapaz.
 – O teu nome?
 – O meu nome para quê? Não digo a ninguém.
 Era a desconfiança incutida pelo gerente, que passeava ao lado, abrindo a chaga do lábio num sorriso sórdido.
 – Que tal achas a sopa?
 Bem boa. Cá uma pessoa come. O corpo está acostumado, tem três pães por dia e três vezes por semana bacalhau.
 Engasgou-se com um osso. Meteu a mão na goela e eu vi que essa negra mão rebentava em sangue, rachava, porejando um líquido amarelado.
 – Estás ferido?
 – É do trabalho. As mãos racham. Eu estou só há três meses. Ainda não acostumei.
 – Vais ficar rico?
 Os seus olhos brilhavam de ódio, um ódio de escravo e de animal sovado.
 – Até já nem chegam os baús para guardar o ouro. Depois, numa franqueza: ganha-se uma miséria. O trabalho faz-se, o mestre diz que não há... Mas o dinheiro mal chega, homem, vai-se todo no vinho que se manda buscar⁵.

Paulo Barreto não restringiu o manejo inovador da linguagem às entrevistas que fez com seus personagens. Também reproduziu conversas suas com interlocutores capazes de comentar determinada situação, que é o verdadeiro objeto da crônica. Publicado no livro *Vida Vertiginosa*, o texto *Modern Girls* comenta o comportamento das moças de famílias pouco favorecidas que relaxavam os padrões morais de comportamento em busca de agrados, presentes e promessas de ascensão social. Com esperança de noivado e casamento vantajoso, davam liberdades aos namorados, que dois ou três meses depois de firmado o compromisso, desapareciam. O narrador e seu interlocutor, chamado de Pessimista, estão em uma confeitaria e acompanham o desenrolar de uma cena protagonizada por uma *modern girl* e sua mãe, que ao fim permite certas liberdades do rapaz com a menina, vulgarmente maquiada e vestida, em troca de um passeio de carro. No diálogo travado entre os dois, que sentam-se em mesa próxima, está o comentário sobre um novo comportamento que torna-se cada vez mais comum na sociedade carioca.

– É a perdição! – bradou o Pessimista.

⁵ Op. cit. 272 e 273.

– É a vida...
 – Você é de um cinismo revoltante.
 – E você?
 O Pessimista olhou-me:
 – Eu revolto-me!
 – E o que adianta com isso?
 – Satisfaço a consciência...
 – Que é uma senhora cada vez mais complacente.
 O pessimista enrouqueceu de raiva. Eu, com um gesto familiar, tirei o chapéu às meninas que imediatamente corresponderam ao cumprimento.
 – Oh, diabo! Conhecê-las!
 – Nunca as vi mais gordas.
 – E cumprimenta-as?
 – Por isso mesmo: para as conhecer. É que essas duas meninas são, meu caro Pessimista, um caso social: um expoente da vida nova, a vida do automóvel e do velívolo. O homem brasileiro transforma-se, adaptando de bloco a civilização; os costumes transformam-se; as mulheres transformam-se. (...) Certo, há muitíssimas raparigas puras. Mas estas, que se transformaram com o Rio, estas que há dez anos tomariam sorvete, de olhos baixos e acanhados, estas são as *modern girls*?⁶

Nestes e em tantos outros textos publicados abundantemente ao longo da profícua carreira jornalística de Paulo Barreto fica claro o esforço para aproximar-se, por meio da linguagem, não somente do fato narrado, mas dos personagens que protagonizam as cenas. Nos diálogos, as marcas da linguagem coloquial são normalmente sutis, sem o peso do erro grafado intencionalmente, armadilha em que caíram muitos escritores que buscaram o mesmo fim. Com as falas extraídas diretamente da pronúncia de seus entrevistados, João do Rio vai construindo a psicologia das gentes de seu tempo, vai retratando as figuras em suas humanidades, seus vícios, suas falhas, seus dramas. E assim ele vai flanando, ao longo de sua obra jornalística, por sobre o Rio de Janeiro, que se transforma freneticamente na onda modernizadora encampada pelo prefeito Pereira Passos, que nesta época abria avenidas e demolia cortiços. Os que escapam dos tentáculos dessa modernização à fórceps são justamente os sujeitos de interesse do escritor, que preferiu deixá-los falar ao invés de traçar longo comentário de caráter declaratório, como era o costume da crônica na época.

Dar forma narrativa à linguagem oral pronunciada por gente não-letrada e proveniente dos extratos sociais mais baixos era desafio já vencido por Simões Lopes Neto antes da criação da série *Inquéritos em Contraste*. Os *Contos Gauchescos*, publicados em 1912, e as *Lendas do Sul*, de 1913, revelaram a estratégia armada pelo escritor, que operou milagre ainda não obtido por outros seus contemporâneos, que há tempos davam voltas em torno da matéria rural sem nunca obter resultado que não soasse limitado e limitador. Segundo Luís Augusto Fischer, depois que armou o ponto de vista a partir do qual seria narrada sua obra ficcional, ou seja, a

⁶ RIO, João do. *Modern Girls*. In: *João do Rio – Uma Antologia*. Seleção e apresentação de Luís Martins. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

voz de Blau Nunes, o escritor engendrou uma linguagem “(1) suficientemente próxima da fala, no léxico e na pontuação expressiva usada com abundância, tanto quanto na arquitetura narrativa (o que dá ao conjunto narrado uma extraordinária semelhança com a fala popular do mundo enfocado), e (2) suficientemente próxima da escrita culta, na sintaxe e na ortografia (o que, de sua parte, confere ao texto uma especialíssima mas sólida filiação à literatura culta)”.⁷

Literariamente e com relação à matéria rural, Simões Lopes tinha resolvido o problema formal. Mas como faria com a linguagem urbana, das ruas, dos pobres, negros, imigrantes e doentes, ou da nova classe média, com quem convivia diariamente no centro de Pelotas? Como poderia narrar a crueza daquela realidade, francamente oposta ao mundo idílico do campo de antigamente, de modo que não parecesse mais um jornalista que comentava e declarava, sem oferecer ao leitor a experiência do contato real, do diálogo com aquela gente e com aqueles dramas? A crônica de João do Rio, que ele muito provavelmente leu (seja nos jornais de Pelotas, seja nos livros ou mesmo nas suas viagens ao Rio de Janeiro – a última ocorreu em 1908, ano da publicação de *A Alma Encantadora das Ruas*, quando passou dois meses inteiros na Capital Federal), parecia apontar para um bom caminho.

Assim, a experimentação que fez com a linguagem oral nos Inquéritos em Contraste elevou à máxima tensão a presença da narrativa na crônica/reportagem, inaugurada por João do Rio. O segredo estaria em uma mescla da abordagem de inquérito, na qual o jornalista vai até o local onde está o seu assunto de interesse e deixa-se preencher pela realidade, com a estratégia de entregar a palavra a quem pertence àquele mundo e configura-se, naturalmente, num narrador verossímil. Na ficção de tema rural foi possível passar a palavra ao personagem que trataria de unificar os relatos, conferindo essa unidade pela linguagem. Quem seria, no entanto, o narrador para a matéria urbana, para a realidade da hora, para o relato do cotidiano que deveria desfilar todos os dias nas efêmeras páginas do jornal? O próprio repórter, personificado muitas vezes na posição de “o inquérito”, é a entidade que confere verossimilhança, que unifica, que narra o submundo de Pelotas. E ele, na condição de cronista, frequentemente concede livre voz aos seus personagens, como fez João do Rio, com ainda mais intensidade e menos intervenção. Por isso, ao longo da série, não se lê, apenas. É possível ouvir os sotaques, os maneirismos da fala cotidiana daquele pessoal embrutecido, pobre, marginalizado, que perambulava pelos cortiços, pelo Mercado, pelo Porto e pelo centro da cidade.

⁷ FISCHER, Luís Augusto. *Uma Introdução*. In: Contos Gauchescos e Lendas do Sul. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012. p.53

Com a missão de retratar os “subterrâneos escondidos sob as abóbadas iluminadas” de Pelotas, já na segunda crônica da série, *Um Corte de Criada*, o escritor anuncia que vai a um cortiço em busca da humanidade que vive lá, para compreender o que chama de psicologia da criadagem, da qual o cortiço é o reduto. Conforme anunciou na coluna inaugural, quer desvelar os contrastes. Para um universo de leitores que, em alguma medida, era herdeiro da velha aristocracia rural e tinha o privilégio de saber ler e ter acesso a jornais, a rotina em um cortiço seria um contraste e tanto. E logo depois da breve abertura, está a entrevista direta feita com a moradora do cortiço, sem narração anterior ou posterior para aplainar o contato dela com o leitor.

- Não sr., Maria... Maria, com filho grande, não há nenhuma aqui.
- Você mora aqui há muito?
- Quem, eu?... Trez mez’! É uma carestia desses quartos, que uma pessoa não pode!...
- Quanto paga, de aluguel?
- Quem, eu?... Um roubo! Dezoito mil réis; já estive por sete...; e tem-se que pagar por semana, quem não dá fiador. Ainda que mal pergunte: o sr. é da higienica? Eu, por mim, cuido! Veja.

Este “Quem, eu?” é uma das amostras mais contundentes da operação que Simões Lopes Neto fez com a linguagem nesta série de crônicas. Ele sabia, pelo que já tinha conquistado nos *Contos e Lendas*, que era preciso (de certa forma) caricaturar a fala coloquial na escrita, para que ela tivesse o efeito que ele esperava, o efeito de real, como se o leitor estivesse mesmo na frente da criada enquanto ela fala. Verossimilmente, é possível – e provável – que a mulher não tenha repetido a expressão tantas vezes, em tão curta conversa. Mas o escritor sabe que precisa recolher da fala coloquial o que ela possui de mais marcante, mais pitoresco, mais musical. Somente assim, a linguagem oral não será somente reproduzida na escrita. Será reinterpretada e entregue por uma voz possível. Fazendo isso, ele não precisa marcar os maneirismos da fala com erros de ortografia, apesar de ocorrer, em alguns momentos, a grafia errada das palavras propositalmente, na tentativa, igualmente, de reproduzir a fala dos subterrâneos.

Serenata Sem Licença, a quarta crônica da série, também tem amostra do papel dos diálogos na construção da narrativa. Como João do Rio, só que de forma mais intensa e potente, Simões Lopes Neto buscou a transposição não somente da fala trivial, mas dos sotaques, interjeições, vocativos, gírias. Tudo para levar o leitor o mais perto possível da cena narrada e empurrá-lo, sem aviso, para o calor do acontecimento. Depois de rápida descrição do ambiente em que os músicos ensaiam a tal serenata, o cronista alerta que partirá direto para o diálogo,

que é o fio condutor da narração, e que sequer pretende mediar a conversa com informações adicionais, para a compreensão do leitor. Nos Inquéritos, os personagens falam, e pronto.

Vá o leitor agora desfiando o diálogo, porque a tinta está cara e assim deixamos de gastá-la escrevendo os nomes de todos os serenatistas.

- Como é, chê?... e a licença?
- Não precisa; nós se demos muito com o 141; ele é que cai de ronda, hoje, naquelas bandas...
- Vai atrás!... O que ele quer é entrar de carancho na casa da pequena... ela já me disse... mas eu não aguento!
- Seu Ananias, dê o lá...
- Nessa hypothes o meu bordão está emendado... e falha o tom!
- Não, chê, comigo é nove: o 141 anda de má tenção!
- Não anda, eu conheço ele! É de palavra!
- Cala essa matraca, charuto! Que diabo, até parece aquele dia daqueles discursos da carestia da fome! Tá vendo? São três pestanas e um floreado... assim...!
- Nessa hypothes me agrada o acompanhamento! A gaita faz o cantante, o cavaquinho faz o choreio, zunindo. Vamos ver!...
- Santas e buenas! grita na porta um recém-chegado.
- Entra, tio! Emboca o bambú e dá um lá, aqui, pra afinação.
- Tá tudo muito bom... mas sem a licença, não embarco; eu sei... o tal 141 quer entrar de carancho...
- Pois sim, mas quem paga?
- Todos! É de quota... e venha, venha!

Os sotaques que faziam cantar as ruas de Pelotas devido à grande quantidade de imigrantes também foram marcados. O exemplo mais explícito está em *O Anjo da Meia Noite*, em que o jornalista encontra o último chofer de carro de praça movido à tração animal. Ele é um português, e como tal pronuncia-se. A última linha do texto é o lamento do P'reira: “– Ai! não: as mulheres é que lh’as dão... e a meia noite é que as vê bem dal’as!... Eu cá m’entendo...”. Lendo este trecho, é quase possível escutá-lo em seu sotaque lusitano, acompanhando os apóstrofes inseridos nos pronomes, que imitam a cadência da fala de um nativo do português de Portugal.

Grafar de forma errada as palavras para fins de reprodução de fala foi armadilha para muitos escritores deste período, que, na tentativa de criar um meio verossímil de dar voz aos personagens provenientes do meio rural, interiorano ou das classes mais baixas, afastaram os seus falares da sintaxe e da ortografia do narrador, sempre cultas. Simões Lopes Neto resolveu este embaraço ao passar a palavra para Blau, que apesar de homem do campo, era alfabetizado e iniciado nos estudos. Mas como ele resolveria o mesmo problema quando a matéria prima não é o campo de tempos atrás, já soterrado pelos anos e pela modernidade? Como ele poderia solucionar esta outra equação, em que as variáveis eram todas urbanas e viventes do tempo presente? João do Rio, salvo engano, não rebaixou a fala de seus personagens com erros de

grafia. Mas também é verdade que não foi tão ambicioso quanto João do Sul ao dar-lhes a palavra. E é igualmente verdade que o narrador de Paulo Barreto é muito mais incisivo e presente nas crônicas e reportagens do que o narrador de Simões Lopes Neto. Em alguns dos Inquéritos, o narrador parece abrir mão da sua posição e do seu espaço para conceder ainda mais liberdade aos personagens.

Nos Inquéritos em Contraste, Simões Lopes Neto não conseguiu resolver por completo este teorema, tornando-o, em alguma medida, uma espécie de falha eloquente e representativa do tamanho do problema que enfrentou. Em algumas poucas crônicas os erros na grafia vêm para ressaltar o falar do personagem pitoresco, como é o caso de A Tia das Encomendas. Marcada com o uso de caixa alta na publicação original, como que para alertar o leitor de que aquilo foi de propósito e não erro na tipografia, há uma palavra neste texto que merece menção, apesar de não ser a única escrita incorretamente. Na voz do próprio narrador, a feiticeira pede os “perparos” à cliente, ou seja, os ingredientes de que precisa para realizar o trabalho de feitiçaria. Em *Contos Gauchescos*, Blau Nunes utiliza a palavra “preparos” assim, correntemente, referindo-se aos arreios do cavalo. Aqui, é bastante provável que a palavra esteja escrita dessa forma para reproduzir exatamente o modo como ela falava. A feiticeira ainda pronuncia outras palavras de modo incorreto, como “arremedeia”, sempre com o grifo de caixa alta, mas a maior parte das suas falas está em ortografia correta. Consciente de que reproduzir falas com escrita incorreta não era solução de tão alto nível quanto a que ele obteve nos *Contos* e *Lendas*, é possível que esta tenha sido a única saída possível encontrada pelo cronista para resolver o problema daquele sotaque tão diferente, mas tão urbano, que não poderia ser inteiramente mediado pelo narrador.

6.2. A TEMÁTICA

Outro ponto de aproximação entre os Joões do Rio e do Sul são os temas escolhidos para suas reportagens. Feitiços, trabalhadores, mendicância, as atividades do porto, o comércio, a música popular e até a extinção e o surgimento de algumas profissões foram assunto recorrente na pauta dos dois jornalistas. Paulo Barreto e João Simões eram homens urbanos, absolutamente inseridos na dinâmica de suas cidades. Ambos estavam visceralmente integrados ao cotidiano das ruas, do comércio, das pessoas que compunham o Rio de Janeiro e Pelotas.

Em suas crônicas, verteram essa intimidade não apenas pela forma como interpretaram os falares e os sotaques, mas também pela escolha dos temas sobre os quais decidiram escrever.

Antes de começarem efetivamente a abordar suas cidades, os dois escritores fizeram uma espécie de apresentação, na qual ditaram a metodologia e os objetivos que perseguiram com as reportagens que estavam prestes a publicar. No caso de João do Rio, esta apresentação ocorreu em uma conferência que, depois de proferida, foi publicada na *Gazeta de Notícias* em 1905 e, posteriormente, tornou-se o prefácio de *A Alma Encantadora das Ruas*. No texto intitulado *A Rua*, o escritor declara seu gosto pelas misérias e encantos que existem escondidos no emaranhado da cidade, sem ser percebido pela gente leitora de jornais. Ele diz:

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benarés ou em Amsterdão, em Londres ou em Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos mediócrs, dos infelizes, dos miseráveis da arte. (...) A rua é generosa. O crime, o delírio, a miséria não os denuncia ela.⁸

Ao anunciar sua empreitada vindoura, o escritor pelotense também colocou sua urbe em linha com outras, maiores, e anunciou que buscaria, nas ruas, o que a gente leitora de jornais não via. O que João do Rio chama de generosidade da rua, que esconde as mazelas e mascara as misérias, João do Sul trata por subterrâneos escondidos sob abóbadas iluminadas. Na essência, ambos buscaram o mesmo fio condutor: revelar o que estava oculto sob o manto da modernidade e do progresso que chegava para soterrar o que ainda pertencesse à antiga ordem social.

Têm Londres, Paris, New York, Berlim, Viena, as abóbadas da sua requintada civilização rebrilhando sobre os subterrâneos das mais estupendas misérias. (...)

Rio de Janeiro, Lisboa, Buenos Aires, Roma, exibem e escondem brilhos e mazelas semelhantes, se não de tão intensa vibração, por certo com os mesmos aspectos curiosos, ensejados nas mesmas origens, tendendo a consequências idênticas. (...)

Pelotas, a cidade franciscana, se há que invocar a égide de seu padroeiro, a Princesa do Sul, se atentarmos na doçura de um velho e amável engrossamento, Pelotas, a centenária, se nos recordarmos da comemoração de há um ano, Pelotas tem também as suas abóbadas iluminadas sobre subterrâneos escuros...

Depois de uma apresentação que deixa clara a afinidade entre os dois cronistas, cabe comentar alguns pontos de contato mais evidentes. Um deles é a presença, quase como um personagem independente, da rua. No caso de João do Rio, essa referência fica explícita,

⁸ Op. Cit. p. 47

especialmente em *A Alma Encantadora das Ruas*, onde ele busca os seus personagens, os aborda, os descreve e dá-lhes a palavra. É percorrendo as ruas do Rio de Janeiro, e não necessariamente as ruas centrais, por onde circula a elite, que ele encontra seus tipos e suas histórias. É na rua que ele encontra os tatuadores de navalha, os caçadores de gatos (vendidos aos restaurantes por dez tostões para serem preparados como coelhos), os vendedores de orações, as ciganas que leem a sorte, os pintores de paisagens que vendem suas telas na calçada, o urubus que prestam atenção aos mortos, para oferecer os serviços fúnebres à família enlutada.

Também é na rua que João do Sul encontra seu “tesouro de psicologia”, como mencionou em *Um Corte de Criada*. É na Praça da República e no seu entorno que ele vê os contrastes presentes no fervilhante comércio que cresce a cada dia e que oferece amplo leque de contradições e particularidades. É em uma rua lúgubre em noite de neblina que ele encontra a misteriosa e sedutora mulher disposta a aceitar a corte de um desconhecido em troca de dinheiro, que, na verdade, seria gasto no remédio para o filho. Em uma espécie de prolongamento da rua, exposto ao olhar de todos mas por muito poucos percebido, está o cortiço, elemento real e ao mesmo tempo simbólico, fonte da degradação, da doença e também da humanidade e do drama que o jornalista persegue em suas reportagens. Pelas ruas e pelos “becos” andam os doentes, que se concentram na Santa Casa nos momentos de maior fraqueza, e os negros, os músicos populares, as prostitutas, os mendigos e os trabalhadores, bem como os jovens e irresponsáveis farristas, que podem terminar a noite em uma “troça” ou na carruagem do P’reira. Pelas ruas do centro da cidade e arredores passeiam os personagens dos *Inquéritos em Contraste*.

Nas suas ruas, os dois Joões encontraram, por exemplo, a religiosidade marginal, que torna-se cada vez mais presente no mecanismo urbano das cidades. Importante ressaltar, mais uma vez, a distância entre as obras dos dois escritores, que precisa ser lembrada: Paulo Barreto, sobre isso, escreveu um livro inteiro, recheado de reportagens produzidas em longo período de tempo. Simões Lopes Neto fez uma crônica. Tendo isso em conta, é possível enxergar grande afinidade temática entre os dois. Em *Os Novos Feitiços de Sanin*, publicado em *As Religiões do Rio*, Paulo Barreto demonstra, reproduzindo sua entrevista com o personagem, o que representavam os cultos africanos na sociedade carioca.

Pouco tempo depois apareceu Sanin, de blusa azul e gorro vermelho, o tipo clássico do mina desaparecido, andando meio de lado, com o olhar desconfiado. O pobre diabo vive assustado com a polícia, com os jornais, com os agentes. Para o seu cérebro restrito de africano, desde que chegou, o Rio passa por transformações fantásticas. É um malandro, orgulhoso do feitiço e com um medo danado da cadeia.

Fora de certo quase à força que aparecera, e só muito lentamente o pavor o deixou falar.

– Baba Sanin, o Miguel Pequeno mandou-me aqui para um negócio muito grave. Baba tem uns feitiços novos.

– Não tem...

Abri a carteira, uma carteira de efeito, como usam os homens da praça, enorme, com fechos de prata.

– Não tenha medo. Se o Baba não me faz o trabalho, estou perdido. É a minha última esperança.

– Que trabalho?

Revolvi as notas da carteira, devagar, para mostrá-las. Tirei um papelzinho e misteriosamente murmurei:

– Aqui tem o nome dela...

Na cara do feiticeiro deslizou um sorriso diabólico:

– Ah! Ah... Está bom.

– Sanin, eu tenho fé nos santos, mas os outros feiticeiros não dão volta ao negócio⁹

João do Sul trata, em *A Tia das Encomendas*, do mesmo tema, com a diferença que retratou uma feiticeira mulher, não um homem, como João do Rio. Os diálogos que ela mantém com uma cliente mostram como era o contato e o trato com essas mulheres que prometiam, por meio de feitiçaria e orações e em troca de uma boa quantia de dinheiro, realizar os desejos de quem as procurasse.

Lá vai, desde a madama pimpona até a mais boçal cozinheira, desde a madurona chata como uma tábua de engomar, até a rapariga em pleno frescor, desde a MOMENTÊNEA até a velha ostra amorosa...

E, celebre, noventa e nove por cento, delas, vão por causa DELE, ou doutras ELAS.

É a ciúmeira, a vingança; um por cento apenas vai por outros motivos.

A história do caso é contada aos arrancos, por entre comentários e juras bravias.

A TIA escuta, e depois pede os PERPAROS para a ENCOMENDA e algum dinheiro para outras coisas particulares.

Para uma fulana que sente que o seu fulano anda muito estanhado, que já não faz caso dos TEMPOS-QUENTES que ela arma, o que é sinal de voo..., a encomenda para prendê-lo, é mais ou menos esta:

– A senhora tire um fio do seu cabelo, e enfie numa agulha nova, comprada em sexta-feira, de noite e dormida no sereno; depois veja uma ceroula dele e passe a agulha com o cabelo, do lado esquerdo, de cima para baixo, como quem alinhava e tire a agulha e deixe o cabelo. Enquanto passar, vá soprando em cruz e vá dizendo (aqui há umas palavras que a TIA diz no ouvido e a outra jura que não repetirá a ninguém, do contrário gora a simpatia...).

A rotina e os falares da região portuária, com seus trabalhadores e marinheiros, também não passaram despercebidas pelos dois escritores. Em *A Alma Encantadora das Ruas*, João do Rio dá um depoimento em primeira pessoa sobre um dia de trabalho no cais da estiva, onde os trabalhadores se reuniam nas primeiras horas das manhãs, com sua comida embaixo do braço,

⁹ RIO, João do. Os Novos Feitiços de Sanin. In: *João do Rio – Uma Antologia*. Seleção e apresentação de Luís Martins. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 78.

para carregar e descarregar os barcos e navios. O jornalista ora narra os movimentos dos estivadores, suas rotinas e a natureza do trabalho que faziam, ora reproduz as entrevistas que fez com o objetivo de encontrar o aspecto humano que ia dentro daqueles homens meio embrutecidos pelas agruras do ofício e anestesiados pela rotina. Este trecho, em que o cronista e os trabalhadores estão a bordo de uma chata que navega ao encontro de mercadorias por carregar em outro cais, ilustra a costura que João do Rio fez neste sentido, que dá o tom da crônica:

Outras chatas perdiam-se paradas na claridade do sol. Nós passávamos entre as lanchas. Ao longe, bandos de gaivotas riscavam o azul do céu e o Cais dos Mineiros já se perdia distante da névoa vaga. Mas nós avistávamos um outro cais com um armazém ao fundo. À beira desse cais, saveiros enormes esperavam mercadorias; e, em cima, formando um círculo ininterrupto, homens de braços nus saíam a correr de dentro de casa, atiravam o saco no saveiro, davam a volta à disparada, tornavam a sair a galope com outro saco, sem cessar, contínuos como a correria de uma grande máquina. Eram sessenta, oitenta, cem, talvez duzentos. Não os podia contar. A cara escorrendo suor. Os pobres surgiram do armazém como flechas, como flechas voltavam. Um clamor subia aos céus apregoando o serviço:

– Um, dois, três, vinte e sete; cinco, vinte, dez, trinta!

E a ronda continuava diabólica.

– Aquela gente não cansa?

– Qual! trabalham assim horas a fio. Cada saco daqueles tem sessenta quilos e para transportá-lo ao saveiro pagam sessenta réis. Alguns pagam menos: dão só trinta réis, mas, assim mesmo, há quem tire dezesseis mil réis por dia.

O trabalho da estiva é complexo, variado; há a estiva da aguardente, do bacalhau, dos cereais, do algodão; cada uma tem os seus estivadores, e homens há que só servem a certas e determinadas estivas, sendo por isso apontados.

– É muito – fiz.

– Passam dias, porém, sem ter trabalho e imagine quantas corridas são necessárias para ganhar a quantia fabulosa...¹⁰

Para tratar de universo semelhante e com o objetivo de também narrar as rotinas e descrever os ambientes portuários, em que os trabalhadores atuam, Simões Lopes Neto escolhe o viés da linguagem, ressaltando os sotaques e os falares pitorescos para, a partir deles, comentar os tipos, as origens e o dia a dia de quem circula no ambiente do porto e do Mercado, local onde pescadores comercializam peixe.

Como nas demais crônicas, o espaço utilizado por João do Rio era bem maior do que aquele de que João do Sul dispunha, o que faz uma enorme diferença no resultado final. É importante lembrar que, no jornalismo diário, espaço é uma das variáveis cruciais que interferem no processo de criação de jornalistas e escritores. Publicada originalmente na edição de 19 de junho de 1904 da Gazeta de Notícias, a reportagem Os Trabalhadores da Estiva ocupa

¹⁰ RIO, João do. Os Trabalhadores da Estiva. In: *A Alma Encantadora das Ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Organização de Raúl Antelo. p. 261

duas colunas inteiras, totalizando cerca de 9,7 mil caracteres em espaço que se dividia entre a primeira e a segunda página do jornal. Convém mencionar que, nesta época, a Gazeta de Notícias tinha, normalmente, seis páginas, com muitas edições especiais contendo oito ou dez. No dia da publicação deste texto, por exemplo, a edição veio com oito páginas¹¹.

Já o inquérito *Mar em Terra*, publicado pela *Opinião Pública* em 21 de junho de 1913, ocupa apenas uma coluna, espaço correspondente a cerca de três mil caracteres. Durante todo o período de publicação dos Inquéritos em *Contraste*, a *Opinião* sempre circulou com apenas quatro páginas, nada mais – o que explica o menor espaço ocupado por João do Sul. Tendo em conta estas duas realidades editoriais, tem-se aí mais um termo de comparação entre as produções dos dois jornalistas. Enquanto Paulo Barreto analisou a vida dos trabalhadores da estiva intercalando a reprodução de entrevistas, o depoimento em primeira pessoa e um pouco de reflexão filosófica, Simões Lopes Neto precisava condensar os falares típicos que desejava reproduzir e, junto com eles (ou por meio deles), dar uma noção da vida nos arredores do Porto e do Mercado. Tudo isso em menos de um terço do espaço – o que explica, em parte, a diferença de estilo, enfoque e abordagem para temas tão semelhantes.

A zona é ali pela Praça Domingos Rodrigues. Ou ao longo do cais, ou às portas dos armazéns ou dos seus respectivos portalós, falam os nossos patrões de iates, da carreira, como se lá diz.

Hábeis navegadores das duas lagoas; valentes no socorro aos desarvorados, comerciantes ou não, todos, desde o quarto d'alva, queixam-se do raio desta vida, do cozinheiro, das tintas.

Quando veem um sujeito gordo, desses d'equilibrarem altura com largura, dizem que ele tem tanto de lais como de guinda; – para uma esfrega – Deus me livre! – adotam o estropo; para um smart dizem que está embandeirado até os gaf topes, e para quem já foi gente e hoje não é que deu fundo...

O pessoal!... O pessoal é a maruja forte, levada da carépa, que às vezes, enjoada da poeira das ruas, procura as brisas aquáticas, onde os ratos brancos não têm esquinas onde estacionar, de apito engatilhado e o esteje preso na ponta dos sabres...

É o pessoal que usa cinta de couro com fivela de ferro, de meio quilo, ele já sabe para o que...; nas horas vagas bordejia sem agulha e de faróis tão carregados de azeite, que as vezes tornam-se escuros...

A crítica à prática da mendicância profissional também é assunto comum aos dois escritores: João do Rio caracterizou-a como a “exploração mais tranquila e regular do Rio de Janeiro” na primeira de uma série de crônicas intitulada *A Pobre Gente*, que a *Gazeta* publicou em 1904; João do Sul extraiu dela os contrastes sociais que buscava no penúltimo texto de seus *Inquéritos em Contraste*. Ambos lançaram sobre o ofício de pedir esmolas um olhar de repreensão e enxergaram nele uma das mazelas que a modernidade não conseguiu resolver –

¹¹ Informação recolhida no acervo digital da Biblioteca Nacional a partir da observação de edições da *Gazeta de Notícias* de 1904 a 1908, período em que João do Rio publicou sistematicamente os textos que compõem *A Alma Encantadora das Ruas*.

pelo contrário, o crescimento das cidades fazia piorar cada vez mais. Diz o cronista carioca em *As Mulheres Mendigas*, um dos textos que compõem *A Alma Encantadora das Ruas*:

É preciso estudar a sociedade complicada e diversa dos que pedem esmola, adivinhar até onde vai a verdade e até onde chega a malandrice, para compreender como a polícia descarta o agasalho da invalidez e a toleima incauta dos que dão esmolas.

Entre os homens mendigos há irmãos da opa, agentes de depravação viciados, profissionais de doenças falsas, mascarando um formidável cenário de dores e de aniquilamento. Só depois de um longo convívio é que se pode assistir à iniciação da maçonaria dos miseráveis, os estudos de extorção pelo rogo, toda a tática lenta do pedido em nome de Deus que, às vezes, acaba em pancada. Os homens exploradores não têm brio. As mulheres, só quando são realmente desgraçadas é que não mentem e não fantasiam. São, entretando, as mais incríveis.¹²

Como que em uma espécie de continuação (publicada nove anos depois, ressalte-se), a crônica *Ladrão de Galinhas*, de João do Sul, descreve um grupo que bem poderia ter sido alvo dos comentários do João carioca.

Há um par de anos estacionava no corredor da Praça da República fronteiro à Intendência um tipo magro, cambaio, que exibía um bracinho embrionário e com a mão sã do outro, perfeito e musculoso, caçava os níqueis da piedade zênaba dos pacóvios, com agilidade extrema.

Um belo dia houve não sei que embrulho policial e o bracinho zarpou, em passagem de 1ª classe, levando uma nédia meia dúzia de contos de réis, honestamente ganhos sem soar o topete...

Colega deste colega era uma velhota rochunchuda, sempre de preto, e tendo sempre passado no rosto um lenço branco, posto assim à guisa de quem está tinindo com dores de dentes.

A calejada da velhota abordava o andante e tocava-lhe a sonata das desgraças... a viuvez, as duas filhas peralyticas, outra com um inchume e a avó com andaço...

O sujeito ouvia, ouvia, enternecia o músculo, via a cara lastimosa da vítima de tantas desgraças, e pá, buraco!... deixava logo ali de um mil réis acima, pedindo ainda desculpas por ser tão pouco.

Esta colheita, na roda da semana, dava para um sábado gordo, com bailarico puxado à sustância, beberagenzinhas reconfortantes e uns paparutos de panela e mais uns doces e mais uns cafês...

Ao longo de suas crônicas/reportagens, Paulo Barreto e João Simões trazem à luz práticas deploráveis como a terceirização da mendicância, ou seja, a cafetinagem não do sexo, mas da esmola, e o desprezo pelo luto e a morte demonstrado pelo grupo que faz um baile com banquete sobre o caixão da parenta recém-falecida, que também era companheira no ofício de pedir. Ao mesmo tempo, narram dramas verdadeiros por trás do grande engodo do apelo profissional à piedade nos centros urbanos, sensibilizando-se com os desafortunados protagonistas destes dramas e revelando a face cruel da modernidade e do progresso que

¹² Op. Cit. p.290

excluem determinados elementos, relegando-os ao limbo social e econômico, onde não possuem meios para existir com o mínimo de dignidade.

A certa altura, Paulo Barreto narra, com a crueza tocante de quem viu a cena muitas vezes e, mesmo assim, ainda é capaz de comover-se:

Do fundo desse emaranhado de vício, de malandragem, de gatunice, as mulheres realmente miseráveis são em muito maior número do que se pensa, criaturas que rolaram por todas as infâmias e já não sentem, já não pensam, despidas da graça e do pudor. (...)

Andam por aí ulceradas, sujas, desgrenhadas, com as faces intumescidas e as bocas arrebetadas pelos socos, corridas a varadas dos quiosques, vaiadas pela garotada. Nas noites de chuva, sob os açoites da ventania, aconchegam-se pelos portais, metem-se pelos socavões, tiritando... Às vezes, para cúmulo de desgraça, aparecem grávidas, sem saber como, à mercê da horda de vagabundos que as viola, que as tortura, que as bate, sem lhes conceder ao menos a piedade do nojo; e os filhos morrem, desaparecem, levados na tristura de seu soluçante existir, estrangulados, talvez, nos inúmeros recantos que a milícia do nosso duplo policiamento ignora.¹³

Já João Simões, no final de seu texto, observa o drama por outro ângulo, o de quem escolheu o furto à humilhação da mendicância, no momento de desespero. E, como seu colega carioca, comentou rapidamente a atuação da polícia, que mais uma vez não resolve o problema. Pelo contrário.

Ora, aqui há meses um pobre diabo estava com a mulher à morte em consequência de um parto desastroso.

O médico exigia uma rigorosa dieta, permitindo apenas um caldo, um caldinho, um magro caldo de galinha.

O desgraçado não tinha dinheiro, nem um amigo, nem o diabo para ajudá-lo.

Pulou o muro do vizinho, roubou uma galinha, e ao regressar caiu, fez rumor, foi apanhado, preso, processado, condenado.

O paralelo entre os dois escritores não ocorre apenas nos aspectos sombrios da realidade das cidades transformadas pelo progresso. Ambos também observaram o florescer da música popular em seus muitos palcos e aspectos. João do Rio, por ter tido mais espaço e ter se dedicado ao tema com mais afinco, registrou em muitos momentos os olhares que lançou sobre o período em que a canção fervilhava nas ruas da Capital Federal. Em *A Musa das Ruas*, por exemplo, classifica a modinha como “instinto bárbaro de independência e de maravilha no homem”, além de registrar alguns versos e comentar-lhes a poesia. “Oh! o lirismo das modinhas! Como é possível na miséria da urbs, no pó, na secura, na sujeira das vielas sórdidas, nas escuras alcovas das hospedarias reles, vibrar tamanha luz de poesia?”¹⁴, questiona ele. Em

¹³ Op. Cit. p. 298

¹⁴ Op. Cit. p. 399

outra crônica, *Músicos Ambulantes*, que como a anterior está em *A Alma Encantadora das Ruas*, os agentes da canção nas ruas da cidade, nas tascas, bares e hotéis, ganham o protagonismo. Sumidos por um tempo, eles haviam retornado à cena nos arredores da vida aristocrática das elites. Os músicos da rua, das calçadas e que performavam em troca de níqueis, integravam, definitivamente, a paisagem urbana e embalavam a transformação da cidade. “Esta cidade é essencialmente musical; era impossível passar sem os músicos ambulantes”¹⁵, disse ele. Nestas crônicas, além de comentar, o escritor reproduziu versos das canções, modinhas e cordões de carnaval, tornando assunto da elite letrada a música marginal, que não estava nos altos salões, mas nas periferias empobrecidas, na boca do povo negro e trabalhador.

Simões Lopes Neto, da mesma forma, registrou o fervor da música do povo em Pelotas. Em *Serenata Sem Licença*, acompanhou o ensaio e a apresentação de uma serenata de rua, modalidade popularíssima de canção muito comum no começo do século 20. Na cidade em que a música erudita era apreciada pelos endinheirados que frequentavam o luxo do Teatro Sete de Abril, o cronista deu voz ao que poderia haver de mais reles em termos de performance musical: músicos desconhecidos e não-profissionais, melodias e letras populares apresentadas na rua e mediante nenhum pagamento – ao contrário, pois para apresentar a serenata na casa de uma moça, o grupo precisaria pagar por uma licença da polícia, motivo do conflito narrado no texto. O repórter não menciona os ritmos ou versos, mas enumera os instrumentos presentes no arranjo para a serenata: gaita, gaita de boca, cavaquinho, flauta e mais de um violão. A formação instrumental adequada para a execução de todos os gêneros de música popular em voga na época.

Nos *Inquéritos em Contraste*, João do Sul não teve tempo (ou espaço, ou interesse) de abordar outras manifestações de canção popular, com exceção apenas de uma menção ao maxixe, ritmo muito apreciado no final do século 19, que as mendigas dançavam em *Ladrão de Galinhas*. Mas seu interesse pela música que ganhava as gentes fora dos palcos dos teatros se revelou de maneira eloquente na série.

Comparar o Simões Lopes Neto dos *Inquéritos em Contraste* com o Paulo Barreto de uma vasta obra jornalística, que restou de uma carreira majoritariamente dedicada a isto, pode parecer anacrônico em princípio, mas a leitura de ambos pode resultar em reflexão produtiva para o debate. Especialmente se a intenção for inscrever, como é o caso deste trabalho, o escritor pelotense no rol dos que participaram do salto da crônica como gênero representativo para a

¹⁵ Op. Cit. p. 180

formação da literatura brasileira como sistema, como conjunto e a partir de um ponto de vista periférico.

Perceber que os dois escritores elaboraram jornalisticamente (e, por que não, literariamente) a modernização e transformação das cidades em que viviam torna-os parte do mesmo processo de construção da ideia de Brasil a partir da narração do momento presente, do que passava na atualidade dos dois homens urbanos. João do Rio captou a chegada dos migrantes refugiados de Canudos, que aportaram no Rio de Janeiro para se misturar a uma nova geração de negros livres mas sem opções de trabalho digno, de imigrantes empobrecidos, de pobres e trabalhadores arrastados para a periferia pela campanha sanitária de derrubada dos cortiços. João do Sul se deparou com realidade semelhante: peões e homens do campo empurrados do mundo rural pela falta de trabalho, negros sem ocupação digna, imigrantes e trabalhadores vivendo em condições insalubres de moradia e trabalho, nas fábricas. Em paralelo à realidade dramática, havia a opulência da nova elite, para quem o novo dinheiro da indústria e do comércio se direcionava, e que continuava desejando o mesmo status e a mesma vida aristocrática dos tempos da corte. E que fazia movimentar o comércio e os passeios da cidade.

Diante deste cenário, Paulo Barreto tornou-se personagem de si próprio, jornalista bem-sucedido que descobriu o seu lugar nesta nova ordem social. Ao percorrer e revelar as entranhas da sua cidade, tornou-se parte indissociável dela, mesclando-a não somente com a sua literatura, mas com todos os aspectos de sua vida. João Simões também passou a vida elaborando sua relação com a cidade. Uma das consequências disso, talvez a mais explícita e evidente, foram os *Inquéritos em Contraste*. Mas a vida nos arredores dos cortiços, no fervilhar do comércio, na convivência com as gentes embrutecidas e castigadas pelo lado sombrio do progresso também pode ter feito ainda mais belas as lembranças que tinha da infância, no saudável e idílico ambiente da Estância da Graça. Quem sabe a vida no pulsar da urbe não tenha sido uma motivação para que ele recriasse o universo rural de outros tempos, enterrado pela modernidade que, no lugar de fartura, de campos abertos e de homens dignos e valentes, criou o ambiente fétido, sujo e mortífero dos cortiços, onde os homens perdiam sua honra, sua ombridade, sua dignidade e sucumbiam aos vícios e às doenças da época?

Especulações à parte, os *Inquéritos em Constraste*, especialmente quando postos em linha com a produção de escritores como João do Rio, podem revelar mais do que apenas o lado sombrio da aristocrática Pelotas. Podem abrir outras portas para que se compreenda, ainda mais profundamente, o alcance da criação literária e da técnica narrativa de Simões Lopes Neto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da leitura dos *Inquéritos em Contraste*, compreendendo-os em seu contexto, se pode ter uma noção um pouco mais ampla 1) da versatilidade de João Simões Lopes Neto como escritor e 2) da sua busca e da experimentação que fez na tentativa de passar a palavra à gente de baixo, que estava à margem dos benefícios do progresso, mas que era parte constitutiva do processo de modernização de Pelotas. Jornalista produtivo que foi, testou, com a série, sua desenvoltura não apenas na crônica de comentário do cotidiano, mas na reportagem em sentido mais amplo, com descrição de locais, reprodução de entrevistas e narração das situações que, como repórter, ele mesmo experimentou. Para dar máxima tensão narrativa aos seus contrastes, amplificou as possibilidades da linguagem jornalística usual na época, reproduzindo gírias e adaptando toda a exuberância dos falares da rua aos limites impostos pelo jornal.

Percorrer os *Inquéritos em Contraste* dá notícia, ao leitor atual, de como era Pelotas no início do século 20, momento de franca derrocada da indústria saladeiril, em oposição ao crescimento do comércio e das fábricas, que tratavam de diversificar a economia da cidade. Cortiços, doenças, pobres, trabalhadores, negros, prostitutas, mendigos, gente que surge e que desaparece no frenético movimento da urbe que torna-se mais moderna e rápida a cada dia: este é o cenário e estes são os personagens que o repórter encontrou em seus passeios pelo centro de Pelotas, de onde pouco saiu para produzir a série – como se pode ver no mapa em anexo, ao final deste trabalho.

Como já foi dito, o objetivo central desta dissertação foi trazer à luz uma faceta até então desconhecida do autor dos *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul*. Para que a série de crônicas pudesse ser lida, a pesquisa buscou compreender as circunstâncias sociais e econômicas de Pelotas. Também tentou desvendar expressões, gírias e sotaques, que fazem parte da linguagem coloquial e urbana que João Simões reproduziu. Nem tudo foi esclarecido a contento, de forma que a busca pelos significados ainda obscuros segue, mesmo ao fim desta etapa.

Depois da leitura dos *Inquéritos* e da compreensão mais ampla do contexto em que foram produzidos, perguntas sobre a solução formal encontrada por seu autor ficaram latentes. Menos para respondê-las e mais para abrir as possibilidades de reflexão e, quem sabe, suscitar ainda mais questionamentos, uma comparação com outro jornalista da época pareceu pertinente. A aproximação da pequena série de Simões Lopes Neto com a vasta obra jornalística de João do Rio começou pelos codinomes que ambos utilizaram para assinar seus textos – João do Sul foi o pseudônimo do pelotense. Com o aprofundamento na leitura de ambos, a distância

que os separa tornou-se afinidade em termos de linguagem e temática: os dois buscaram, de alguma forma, reproduzir a voz das ruas, passando a palavra aos protagonistas dos submundos; e os dois trataram do que ia na vida de quem habitava estes subterrâneos, seja em Pelotas ou no Rio de Janeiro.

A comparação, que vai ao final do trabalho para que o leitor possa pensar sobre esta proposta depois de conhecer os *Inquéritos em Contraste*, corrobora o motivo primeiro pelo qual foi empreendida esta pesquisa. Ao produzir obra capaz de ser posta em linha com as reportagens e crônicas de João do Rio, Simões Lopes Neto mostrou mais do que o submundo sujo e doente de Pelotas no início do século 20. Mostrou que foi homem culto e plural, que lia jornais do Rio de Janeiro e estava antenado à produção de escritores de todo o país, alinhado com o pensamento de intelectuais e artistas de seu tempo. Em sua produção literária e jornalística, elaborou tudo isso de forma criativa, tendo como base a matéria local, seja rural ou urbana. Nunca se vai saber exatamente o que leu, como se informou, como era sua biblioteca, já que grande parte do seu espólio foi perdida. Mas se pode concluir que, apesar de estar baseado e enraizado na província, afastado geograficamente do centro das ideias e do país, não estava isolado intelectualmente. Pelo contrário. Já havia dado prova disto com sua obra ficcional. Agora, embora com atraso, pode-se reforçar esta certeza, com os *Inquéritos em Contraste*.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves. O periodismo gaúcho no século XIX: breves impressões históricas. **Revista Biblios**, Rio Grande, v. 23, n. 2, p. 137-166, 2009.

A OPINIÃO PÚBLICA. Pelotas, 10 jun a 9 ago. 1913. Coluna Inquéritos em Contraste. p. 2.

BILAC, Olavo. **Bilac, o jornalista: crônicas**. São Paulo: USP/UNICAMP, 2006. Organização da coletânea em três volumes de Antônio Dimas

_____. **Registro – Crônicas da Belle Époque carioca**. Campinas: UNICAMP, 2011. Organização, introdução e notas de Álvaro Santos Simões Jr.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1981.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; UFRGS, 2001.

COELHO NETTO. **Melhores Crônicas**. São Paulo: Global, 2009. Seleção e prefácio de Ubiratan Machado.

DIÁRIO POPULAR. Pelotas, 11 ago. 1906. p. 1. Acervo físico da Bibliotheca Pelotense.

DINIZ, Carlos Francisco Sica. **João Simões Lopes Neto: uma biografia**. Porto Alegre: AGE; Pelotas: UCPEL, 2003.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro Instituto Antônio Houaiss. Ed. Objetiva, 2009.

FISCHER, Luís Augusto. Vida e obra de João Simões Lopes Neto. In: LOPES NETO, Simões. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

_____. Contexto e natureza em Terra Gaúcha. In: LOPES NETO, Simões. **Terra Gaúcha: histórias de infância**. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013. Edição de Luís Augusto Fischer; comentários de Carlos Francisco Sica Diniz, Fausto Domingues e Luís Augusto Fischer.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 1904, 1906 e 1908. Acervo digital da Biblioteca Nacional.

GILL, Lorena. **O mal do século: tuberculose, tuberculosos e Políticas de Saúde em Pelotas (RS)**. Pelotas: Educat, 2007.

LOPES NETO, Simões. **Artinha de Leitura**. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013. Edição de Luís Augusto Fischer; comentários de Pedro Garcez, Beatriz Loner e Luís Augusto Fischer.

_____. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. São Paulo: Globo, 2001. Introdução de Augusto Meyer e glossário de Aurélio Buarque de Holanda.

_____. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: IEL, São Leopoldo: Unisinos, 2006. Edição crítica, introdução, notas e comentários de Aldyr Schlee.

_____. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 2012. Edição anotada por Luís Augusto Fischer.

_____. **Terra Gaúcha: história elementar do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sulina, 1988. Prefácio de Manoelito de Ornellas, introdução de Walter Spalding e organização de Paulo Bentancur.

_____. **Terra Gaúcha: histórias de infância**. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013. Edição de Luís Augusto Fischer, com comentários de Carlos Francisco Sica Diniz, Fausto Domingues e Luís Augusto Fischer.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Os passeios da cidade antiga**: (guia histórico das ruas de Pelotas). Pelotas: Armazém Literário, 2000.

MASSOT, Ivete Simões Lopes. **Simões Lopes Neto na intimidade**. Porto Alegre: Bels/Instituto Estadual do Livro, 1974.

MONQUELAT, A. F. **A bodega da italiana Catarina**. Pelotas de ontem (blog). 4 fev. 2016. Disponível em: <<http://pelotasdeontem.blogspot.com.br/2016/02/a-bodega-da-italiana-catarina.html>>. Acesso em: 08 mar. 2016.

_____. **As praças de Pelotas e suas histórias**. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2015.

_____. **Pelotas dos excluídos**: (subsídios para uma história do cotidiano). Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2014.

MOURA, Rosa Maria Rolim de. **Habitação popular em Pelotas (1880-1950)**: entre políticas públicas e investimentos privados. 2006. 248 f. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), Porto Alegre, 2006.

O REBATE. Pelotas, 29 jun. 1921. p. 1. Acervo físico da Bibliotheca Pelotense.

PINTO NETTO, Heloisa Sousa. **Mais que João, Joões: a trajetória de João Simões Lopes Neto (1865-1916) em seu contexto**. 2015. 185 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2015.

_____. João Simões Lopes Neto, um intelectual periférico. **Oficina do historiador**, Porto Alegre: EDIPUCRS, suplemento especial, p. 1187 – 1209, 2014.

POMPEIA, Raul. **Melhores Crônicas**. São Paulo: Global, 2011. Seleção e prefácio de Claudio Murilo Leal.

REVERBEL, Carlos. **Um capitão da Guarda Nacional**: vida e obra de J. Simões Lopes Neto. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981.

RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Organização e Introdução de Raúl Antelo.

_____. **As Religiões no Rio**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.(Coleção Biblioteca Manancial, 47).

_____. **Dentro da Noite**. Rio de Janeiro: FBN/Departamento Nacional do Livro. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/dentro_da_noite.pdf. Acesso em: 22 ago. 2013.

_____. **João do Rio**: uma antologia. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. Seleção e apresentação de Luís Martins.

RUBIRA, Luís (org.). **Almanaque do bicentenário**. Pelotas: Gaia Cultural & Arte, 2012-2014. 3 v.

_____. Revista do 1º Centenário. In: _____. **Almanaque do Bicentenário**. Pelotas: Gaia Cultural & Arte, 2012. v. 1. Edição Fac-similar.

SOARES, Marcus Vinícius Nogueira. **A crônica brasileira do século XIX: uma breve história**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

ANEXOS

Visita aos “Cortiços”¹

Correspondendo ao convite do ilustre dr. José Calero, que de idêntico modo obrara com nossos colegas *Opinião Pública* e *Correio Mercantil*, percorremos, domingo, acompanhados de sua senhoria, diversos cortiços, contrafeitos e pequenas casas.

Sua senhoria, assim resolvendo, quis que a imprensa de visu ajuizasse da procedência da campanha que vem, já há anos, desenvolvendo contra essas habitações, numa aplaudível cruzada pela saúde pública e dentro dos regulamentos da higiene, de que há dado sobejas provas de ser intérprete ativo e zeloso.

A nossa peregrinação foi longa, demorada, tomando-nos horas e, durante ela, não nos reportamos a ouvir simplesmente a autoridade que nos acompanhava: inquirimos² moradores dessas poçilgas e vizindário; ouvimos queixas, que se justificam pelos interesses feridos; escutamos aplausos à ação salutar da delegacia de higiene.

Recebemos ainda impressões até então não sentidas: misto de repugnância e de piedade; auscultamos de perto a vida das classes pobres, que, como numa tira de cinematógrafo, sombria e triste, desenrolou-se aos nossos olhos, retratando uma promiscuidade inenarrável de indivíduos, de desconforto, de miséria, de dor e de sofrimento.

Tínhamos vagas noções, por ouvir, do que era um *cortiço*, mas jamais presumiríamos o que desvendou-se aos nossos olhos.

Na sua maior parte, eles não são moradias humanas: são antros sem ar, sem luz, furnas úmidas, antecamaras dos hospitais da Santa Casa, focos de anemia, de tifo e da terrível tuberculose, onde os desprotegidos da sorte se revesam, contaminando-se de tais males, que depois trazem cá para fora, propagando-os pelas oficinas e pelos nossos lares.

Nesses cortiços, empilhados, vivem dezenas de indivíduos: quatro, seis, oito e mais por cubículo! Cinquenta, sessenta, oitenta num corredor estreito, onde não esbatem-se, benfazejos, os raios do sol, onde uma água esverdeada brota do chão, das paredes amarelecidas, com grandes máculas escuras de expectoração.

¹ Reportagem publicada na primeira página do jornal Diário Popular, no dia 11 de setembro de 1906. O texto não traz assinatura, mas o redator da folha, neste período, era Gonçalves de Almeida. Para facilitar a leitura, a ortografia foi atualizada.

² Aqui vai mais uma prova de que, na época, o termo “inquerito” (ou o verbo inquirir) tinha relação com a prática da reportagem, com a ida ao local do fato, com consequente entrevista dos personagens envolvidos.

Num estreito espaço está tudo: leito, mesa, bancos, baú, bacias, fogareiro, o cão, o gato e os vasos de noite... ou as latas que fazem o efeito destes.

Em alguns, então, quando a chuva despenha-se, não há dia!

Seus moradores, para que o *cômodo* não fique alagado, fecham as minúsculas portas e janelas de madeira, sem vidros, e lá dentro, à luz mortiça de um candeeiro, alimentado a azeite, ou de uma vela de sebo, exalando odores repugnantes, em consórcio com as emanações do carvão, que crepita em fogareiros, desenrola-se a vida doméstica!

Coisa notável: é pequeno o número de crianças nos *cortiços*.

Por que, indagamos?

Elas, pobrezinhas, não resistem a tantos desconfortos, de mãos dadas com a miséria.

E as que vimos, salvo raríssimas excessões, mostravam-se descoradas, atrofiadas, raquíticas, sem brilho no olhar: tinham estampados no semblante reveladores sinais de enfermidades em marcha.

Triste impressão guardamos do que vimos, impressão de nojo e de piedade.

A impressão de que se há feito pouco, que é preciso fazer mais, não só em socorro das classes desprotegidas, como na salvaguarda da saúde pública, que em cada possilga dessas tem um foco de males a irradiar por toda a cidade.

É impossível dar-se palacetes a esses desprotegidos. Mas não custa muito dar-lhes ar e luz, ao menos.

É nessa humanitária obra que se empenham o Município e o Estado, pelos seus delegados.

Já é grande o número de *cortiços* fechados.

Conforme as disposições da Inspetoria de higiene, eles só poderão ser reabertos, após reformados.

Nas reformas, os proprietários dos mesmos terão que atender à cubagem³, arejamento e luz.

Para as obras, a delegacia de higiene tem, contemporizando, concedido largos prazos.

Findos estes, serão fechados os *cortiços*, cujos proprietários já foram intimados.

É expressamente proibida a abertura de novos *cortiços*, ainda conforme disposição da inspetoria geral de higiene.

³ Por aqui se nota que havia *cortiços* em situação ainda pior do que a descrita em Um Corte de Criada. Naquele visitado por João do Sul, havia o serviço de cabungo, que recolhia os dejetos com regularidade. Em outros, nem isso estava disponível aos moradores. Também é importante lembrar que esta matéria foi escrita em 1906, sete anos antes dos Inquéritos em Contraste.

Muitos proprietários, solícitamente, têm correspondido aos conselhos e intimações da delegacia de higiene, mostrando-se acordes com os melhoramentos indicados.

Infelizmente, uma parte dos mesmos recalcitra em observar as exigências da higiene.

Na rua Tiradentes havia três *cortiços*, de ns. 183, 185 e 187.

O primeiro fechou e está sendo reformado.

O 185 foi transformado em casa de moradia do proprietário.

O 187, conforme nos informam, pois nele não entramos, é inabitável, e, portanto, continua fechado.

À rua General Telles n. 31 e 7 de Abril n. 34 há outros, também fechados, em condições deploráveis, conforme constatamos.

À Rua Barroso n.86 existe outro.

Na mesma rua, ns. 99 e 101 há duas casas de porta e janela, que já deviam estar fechadas, se a preocupação da delegacia de higiene não estivesse só empregada, por enquanto, nos *cortiços*, e não em pequenas casas e contrafeitos.

O assoalho da de n. 101 é um misto de tábuas podres, de tijolos, de pedaços de folhas de zinco e de terra.

A de n.99 tem ao fundo cinco ou seis *furnas*, de metro e pouco de altura.

O pavimento é de terra, um palmo abaixo do nível da entrada.

Entra-se por aquilo curvado, anda-se curvado no interior.

Ao meio dia, quando o sol está a pino, lá dentro tem-se a percepção de que é a hora da Ave Maria!

E ali moravam homens, mulheres e crianças...

À rua 3 de Maio n. 24, num extremo, fazendo esquina, há um café ou botequim,

Chegamos por curiosidade.

A casa é assoalhada, tem altura bastante, nota-se relativo asseio e um ou outro estrago nas soleiras.

No 2º corpo sala e quarto, também assoalhados, cozinha e área cimentada, com cano para escoadouro.

Segue-se um contrafeito, de pequenas janelas e portas, pouco alto, comum à maioria dos muitos que existem por aquelas paragens e a outros que se veem em ruas próximas à parte central da cidade.

Tem ele frente para um largo de terreno alto, de areia e relva, e sua frente recebe sol, ar e luz, em abundância.

Seus cômodos são quarto, sala e cozinha, independente.

Há ainda aí, nas traseiras, um outro contrafeito, fechado há mais de três meses.

Esse prédio n. 24 e esse contrafeito descritos vão sofrer obras, ser transformados.

Se a ação da delegacia de higiene estender-se aos contrafeitos, então haverá muito o que providenciar.

E aí é que caberá perguntar: – Para onde vai essa pobre gente?

À rua Bento Gonçalves n. 10 há outro corredor, com sete quartos, guardando a mesma uniformidade dos que já referimos.

Um só destes estava ocupado por um pardo, que saíra da Santa Casa, há dias, e que, recolhendo-se ao seu *paraíso*, recaiu.

Lá estava o pobre, isolado, sozinho. A cama sobre poças d'água.

Quando saímos, recomendou-nos: – Feche a porta e a janela, que está chovendo.

Porta e janela, duas miseráveis reduções, são de pau. Fechando-as, deixamos o desgraçado imerso na escuridão daquele antro.

E, enquanto chover, o dia será noite para ele!

Ainda na rua Bento Gonçalves n. 6 há um extenso corredor, com 10 ou 12 quartos.

O piso é de tijolo e têm pouco mais de dois metros de altura as paredes.

Das paredes e tijolos do piso tresua a umidade.

Está desabitado e, ao que ouvimos, vai ser reformado.

À rua General Osório n.321 há outro *cortiço* em ruínas.

Um dos cubículos já desmoronou, os outros para isso se encaminham.

Pavimento de terra, porejando água, crianças maltrapilhas, um enfremo no leito.

Há 11 meses a proprietária desse antro foi intimada a fechá-lo.

O dr. delegado de higiene tem agido de concessão em concessão, o que nos faz crer que sua senhoria não é tão feio como o pintou um proprietário, com quem falamos, durante essa *via crucis*.

À rua General Vitorino n. 243 estivemos noutra habitação destas, também em precárias condições.

Lá deparamos com outra enferma.

Esse *cortiço* foi, ainda há dias, com duas casas ao lado, vendido em leilão.

As casas vão ser reformadas e o *cortiço* fechado, para o que providenciará a delegacia de higiene.

De um desses prédios saiu, há dias, para a Santa Casa, uma criança, tuberculosa, e que lá faleceu.

O prédio foi desinfectado.

Estivemos ainda em outros *cortiços*, à rua Paysandú.

Num deles, o de n. 17, que é amplo aliás, moram talvez de 60 a 70 pessoas.

Mas as suas condições de higiene são também muito precárias.

À rua 3 de Maio n. 6 havia um tremendo *cortiço*.

Intimado, o seu proprietário botou tudo abaixo e ali construiu duas casas de porta e janela, tendo ao centro entrada independente para seis espaçosos quartos, que ficam nas traseiras, três de cada lado, numa ampla área cimentada.

Que impressão sentimos ali!

As casas, espaçosas e altas, com portas e janelas rasgadas; os quartos amplos e altos também, tudo assoalhado e limpo.

E, para complemento: boa latrina, mictório de louça e um banheiro!

Um banheiro e tanque de cimento, para banhos de imersão e de chuva!

– E quanto pagam os srs. por um quarto destes?

– Quinze mil réis.

E há imundos *cortiços* que custam isso e mais...

Que belo exemplo a seguir.

A nossa visita estendeu-se a muitos outros *cortiços*, que fastidioso seria enumerar.

Entretando, salvo um ou outro, todos eles apresentam as piores condições para serem habitados.

Lá acima referimo-nos a uma criança atacada da tuberculose e que foi morrer na Santa Casa.

A tuberculose!

O seu grande, o seu principal foco está aí nos *cortiços*.

Não devaneamos, nem estamos aqui fazendo romance.

Sob os olhos temos um Cartograma da Tuberculose em Pelotas, organizado competentemente pelo ilustre dr. José Calero e correspondendo aos anos de 1900 a 1905.

Daí ressaltam, em sinais negros, como negro é o luto em que a terrível moléstia tem envolvido tantas famílias, os pontos onde a tuberculose ceifou existências.

E, diante desse Cartograma, força é reconhecer que os *cortiços* e as habitações insalubres foram e são ainda os quartéis gerais do terrível e traiçoeiro morbus, embora, com as enérgicas providências que está praticando a delegacia de higiene, muitos desses focos tenham já se extinguido.

Mas consultemos o Cartograma:

Ele nos assinala 27 quadras quadradas, onde se acham localizados *cortiços* e nas quais se registram numerosos óbitos por tuberculose.

Assim, na quadra com faces para as ruas Manduca Rodrigues, Voluntários, Marquês de Caxias e General Neto, deram-se 5 óbitos.

Na rua Marquês de Caxias, entre praça Piratinino de Almeida, ruas Paysandú e Marechal Floriano, 5 óbitos.

Na rua Marquês de Caxias, entre dr. Miguel Barcellos, Paysandú e 3 de Fevereiro, 5 óbitos.

Ainda na rua Marquês de Caxias, entre Paysandú, 24 de Fevereiro e Bento Gonçalves, 10 óbitos.

Rua Paysandú, entre 3 de Maio, Marechal Deodoro e Gomes Carneiro, 5 óbitos.

Paysandú, entre 7 de Abril, Marechal Deodoro e 3 de Maio, 6 óbitos.

Paysandú, entre Marechal Deodoro, Tiradentes e General Telles, 9 óbitos. (Aí está localizado o célebre *Periquito*).

Paysandú, entre Voluntários, Marechal Deodoro e General Neto, 3 óbitos.

Paysandú, entre 3 de Fevereiro, Marechal Deodoro e 16 de Julho, 5 óbitos.

General Osório, entre Voluntários, General Neto e Marechal Deodoro, 3 óbitos.

General Osório, entre 3 de Fevereiro, 16 de julho e Marechal Deodoro, 3 óbitos.

General Osório, entre dr. Miguel Barcellos, 3 de Fevereiro e Marechal Deodoro, 6 óbitos.

General Osório, entre General Argollo, dr. Miguel Barcellos e Marechal Deodoro, 5 óbitos.

General Osório, entre Bento Gonçalves, General Argollo e Marechal Deodoro, 10 óbitos. (Aí está encravado o popular *cortiço* do *Francês Grande*).

Andrade Neves, entre 3 de Maio, 7 de Abril e General Osório, 4 óbitos.

Andrade Neves, entre 7 de Abril, General Telles e General Osório, 2 óbitos.

Andrade Neves, entre Tiradentes, General Telles e General Osório, 2 óbitos.

Andrade Neves, entre General Argollo, Bento Gonçalves e General Osório, 4 óbitos.

15 de Novembro, entre General Argollo, Dr. Miguel Barcellos e General Vitorino, 4 óbitos.⁴

Félix da Cunha, entre Voluntários, 16 de Julho e Gonçalves Chaves, 5 óbitos.

Gonçalves Chaves, entre 7 de Abril, General Telles e Santa Cruz, 8 óbitos.

⁴ Rua 15 de Novembro: rua onde o escritor morava no período em que escreveu os Inquéritos.

Santa Cruz, entre 7 de Abril, General Telles e Barroso, 4 óbitos.

Santa Cruz, entre General Telles, Tiradentes e Barroso, 8 óbitos.

Nestas duas quadras estão localizados os *cortiços* da rua Barroso, onde a mortalidade da tuberculose predominou.

Santa Cruz, entre Voluntários, 16 de Julho e Barroso, 5 óbitos.

Rua Barroso, entre 7 de Abril, Constituição e General Telles, 5 óbitos.

Como se vê, é avultado o número de óbitos ocorridos nessas zonas e onde estão assinalados os *cortiços* no *Cartograma*.

E os enfermos que deles saíram e foram terminar seus dias na Santa Casa, onde a mortalidade dos tuberculosos atinge a 40% da mortalidade geral desse morbus, em Pelotas?

E outros que, enfermos, saíram desses focos e foram, irradiando o mal por toda a parte, propagando-o, morrer em outros domicílios?

Ante tantos dados, ante tudo o que vimos, ante as impressões que ainda guardamos dessa dolorosa visita aos *cortiços*, e que tudo aqui fica dito sem inspirações alheias, que não é dos nossos costumes, bendita seja a ação daqueles que não esmorecem nesse dignificador propósito de amparar os desgraçados, nesse árduo e extenuante desempenho de velar pela saúde pública!

CRÔNICAS na cidade de Pelotas



- 1 Um corte de criada: esta localização tem base no beco Sete Pecados
- 2 Rusga no beco: a zona das bodegas, que ficavam ao longo da Rua Tiradentes
- 3 Serenata sem licença: executada em algum ponto da rua Manduca
- 4 O anjo da meia noite: o ponto do Pereira ficava no entorno da Praça
- 5 O mar em terra: a ação se passa no Porto e nas bancas de peixe do Mercado
- 6 Sete em porta: os cassinos e bodegas ficavam ao longo da Rua Tiradentes
- 7 Fim de troça: a reunião dos jovens devia ocorrer no entorno da Praça
- 8 O banco da Santa Casa: toda a ação se passa na sala de espera do hospital
- 9 O macaco? Tudo aguenta: na época, os açougues ficavam no mercado central
- 10 Curso de Dança: o Forno do Cisco ficava no distante bairro Fragata
- 11 Vivendo e aprendendo: muitos comércios estavam na volta da Praça
- 12 Ladrão de Galinhas: mendigos pediam esmolas no entorno da Praça da República
- 13 Mais cães e gatos: comércio citado estava no entorno da Praça da República